

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Daniela Cardoso

A DIALÉTICA NOS ESCRITOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Porto Alegre

2013

Daniela Cardoso

A DIALÉTICA NOS ESCRITOS DO CÍRCULO BAKHTIN

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre

2013

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**C268d** Cardoso, Daniela  
A dialética nos escritos do círculo de Bakhtin. / Daniela  
Cardoso. – Porto Alegre, 2013.  
121 f.

Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras,  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,  
PUCRS.

Orientação: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti.

Área de Concentração: Linguística.

Linha de Pesquisa: Teoria e Análise Linguística.

1. Linguística. 2. Filosofia da Linguagem. 3. Bakhtin,  
Mikhail Mikhailovitch - Crítica e Interpretação. 4. Dialogismo.  
5. Dialética. I. Di Fanti, Maria da Glória Corrêa. II. Título.

**CDD 410**

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

Daniela Cardoso

A DIALÉTICA NOS ESCRITOS DO  
CÍRCULO DE BAKHTIN

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em  
Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti - PUCRS

---

Profa. Dra. Florence Carboni - UFRGS

---

Profa. Dra. Marlene Teixeira – UNISINOS

---

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Dedico este trabalho às mulheres, trabalhadoras, pesquisadoras,  
amigas, que enfrentam as dificuldades impostas pelo mundo do capital  
para trabalhar, investigar e solidarizar-se.

## AGRADECIMENTOS

À professora orientadora, Maria da Glória Correia di Fanti, agradecer me parece pequeno, porque na inter-relação do que significou sua acolhida, o meu “muito obrigada” precisaria misturar semanticamente admiração, respeito, surpresa, talvez um silêncio de humildade seja mais adequado. Glória orientou pacientemente as leituras solitárias desta pesquisa, visto que não foi possível frequentar as cadeiras ministradas pela orientadora.

À CAPES, pela bolsa concedida, que possibilitou os estudos.

À FUNDAPLUB que financiou parte dessa jornada.

Aos amigos Eliziane e Odemir de Medeiros, pelas vezes em que o cartão de crédito financiou minhas viagens; a Eliane Dutra; Ana Maria Zanini; Michele Muliterno e Luciano Pimentel pela presença e apoio nas dificuldades. Aos amigos mais recentes que chegaram ou voltaram na hora certa, pra me incentivar, pra me acompanhar: Adriana Ferreira, Waleska Santana,

Giaconda Faccin.

A minha mãe, pelo apoio, pelo cuidado, pelas preces.

Ao meu irmão, Tiago, por continuar atendendo meus telefonemas, apesar de serem sempre desesperados, e por ter me apoiado, me exigindo a persistência quando quis desistir.

Aos demais amigos, colegas e professores que incentivaram, apoiaram e acompanharam a jornada.

## RESUMO

Este estudo se propõe a realizar um cotejamento dos escritos do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem com os pressupostos dialéticos apresentados por Marx e Engels, em *Ideologia alemã* e *Manuscritos econômico-filosóficos*. Busca-se reconhecer o caráter dialético-materialista das propostas conceituais do Círculo de Bakhtin para definir a linguagem. Entende-se que na linguagem há uma relação de influência recíproca entre a alteridade, o dialogismo e a ideologia, conformadas no enunciado concreto e, em última instância, no gênero discursivo. A hipótese que guia este estudo é de que as elaborações do Círculo acerca do fenômeno linguístico são manifestações de uma concepção dialético-materialista da realidade/objeto investigado.

**Palavras-chave:** Linguagem. Alteridade. Dialogismo. Ideologia. Dialética.

## ABSTRACT

This study aims to accomplish a readback of Bakhtin Circle writings about language with dialectical assumptions presented by Marx and Engels in *The Germany Ideology* and *Economic and Philosophical Manuscript*. It seeks to recognize the dialectic-materialist character of the Bakhtin Circle conceptual proposals to define language. It is understood that in language, there is a mutual influence relation among otherness, dialogism and ideology, in the concrete enunciation and ultimately in the speech genre. The hypothesis that guides this study is that the elaborations of the Circle about the linguistic phenomenon are manifestations of a dialectical-materialist idea about the investigated reality/object.

**Keywords:** Language. Otherness. Dialogism. Ideology. Dialectic.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 O CÍRCULO DE BAKHTIN .....	19
2 A DIALÉTICA MATERIALISTA .....	27
3 A DIALÉTICA NOS ESCRITOS DO CÍRCULO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO .....	37
4 RELAÇÕES NA LINGUAGEM: RESSONÂNCIAS DIALÉTICO-MATERIALISTAS.....	46
4.1 A constituição alteritária do enunciado .....	48
4.2 A constituição dialógica do enunciado.....	66
4.3 A constituição ideológica do enunciado .....	80
5 A UNIDADE DAS PARTES NO TODO – OS GÊNEROS DISCURSIVOS .....	97
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	114
REFERÊNCIAS .....	120

## INTRODUÇÃO

Neste século XXI, as obras do Círculo de Bakhtin constituem objeto de diversas investigações científicas, em diferentes campos do conhecimento, como linguística, literatura, filosofia, educação e psicologia. (Destacamos que optamos por não discutir a questão de autoria dos textos considerados disputados pelo Círculo de Bakhtin; por isso trazemos as referências conforme aparecem nas obras consultadas.) No campo dos estudos linguísticos, o estudo dos *gêneros discursivos*, da *alteridade*, do *dialogismo*, entre outras noções, vem sendo foco de investigações voltadas, sobretudo, à abordagem da produção textual e de questões semânticas da linguagem. Tais aspectos têm ligado a pesquisa dos postulados do Círculo ao ensino de língua, o que acaba por ampliar o escopo em torno das pesquisas na área. Em decorrência, talvez, dessa amplitude de estudos, temos o surgimento de interpretações que expressam concepções teóricas nem sempre coerentes com os conceitos elaborados pelo Círculo.

Desde a noção de *língua*, perpassando as demais categorias postuladas na obra do Círculo, não se está diante de objetos com abordagem homogênea, mas de distintas concepções, que tomam por base correntes teóricas e pressupostos epistemológicos diversos. Como alerta Di Fanti,

[...] não encontramos nos estudos do Círculo uma noção, como a de língua e linguagem, desenvolvida “linearmente” sem um movimento dialógico que exija atitudes responsivas do leitor, isto é, gestos de respostas à teoria em um movimento de aproximação e/ou distanciamento entre o que apreendemos e o que é apreendido. Tal leitura não é uma tarefa simples, mas sim desafiadora, pois requer atenção e ousadia para ir recompondo uma construção arquitetada em múltiplas vestimentas, em diferentes textos e épocas. Talvez seja por isso que ainda existam muitos espaços a serem explorados nessa teoria.<sup>1</sup>

Além disso, tem-se a problemática das diversas traduções das obras e diferentes terminologias apresentadas para definições que conceitualmente representariam a mesma ideia. Assumindo-se as múltiplas possibilidades de abordagem da teoria bakhtiniana, negando uma possível linearidade nas elaborações, propomos que a reflexão a ser desenvolvida neste trabalho traga para análise os seguintes eixos: *alteridade*, *dialogismo*, *ideologia*. Embora se saiba que essas dimensões constituidoras da linguagem como objeto investigável constam de diversos trabalhos teóricos desenvolvidos a partir do pensamento do Círculo de Bakhtin, o

---

<sup>1</sup> DI FANTI, Maria da Glória. *Discurso, trabalho e dialogismo: a atividade jurídica e o conflito trabalhador / patrão*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

que nos parece ainda faltar é uma possível relação dessas dimensões com a dialética. Desse modo, o que propomos nesta pesquisa é esclarecer, em partes, a relação dialética existente entre as dimensões elencadas e a necessária unidade e influência recíproca das partes para que se esteja de fato frente ao objeto linguagem. Por isso, o trabalho estará vinculado a necessários esclarecimentos acerca da dialética.

A investigação, nesse caso, se volta ao reconhecimento da dialética de base marxista, visto que é esta a única capaz de se vincular a uma análise dos elementos contrários presentes em relação de tensão, a que se faz referência nas elaborações do Círculo. Ao passo que buscamos os esclarecimentos da abordagem dialética como visão de mundo proposta por Marx e Engels, esperamos encontrar uma fundamentação epistemológica que nos possibilite uma compreensão mais verdadeira do objeto proposto nas obras do Círculo de Bakhtin, ao tratar da linguagem. Em suma, o que pretendemos neste texto é propiciar uma abordagem necessariamente conjunta, unitária e dialética, conforme se preceitua na dialética marxista, das relações constituintes da linguagem.

Em termos mais específicos, a este trabalho irá interessar a investigação de uma suposta ligação dos escritos do Círculo de Bakhtin com o escopo das elaborações marxistas. O cotejamento dos conceitos apresentados nas obras de autoria do Círculo que tratam da questão da linguagem, compreendendo as obras assinadas por Bakhtin, Volochínov com as discussões de obras marxistas contemporâneas aos escritos do Círculo, pode, na hipótese que guia este trabalho, garantir uma interpretação mais bem definida dos conceitos tratados pela teoria dialógica do discurso. Entre outros aspectos, o estudo proposto, acerca da epistemologia das obras, pode contribuir para uma reflexão mais profícua dos conceitos, inserindo-os em um quadro teórico de abordagem de fenômenos da realidade que trate também dos fenômenos referenciados nas obras assinadas pelo Círculo, como *consciência de classe, ideologia, reflexo e refração do ser*, entre outros.

Uma das obras que mais chama a atenção nessa proposta, como o próprio título indica, é *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*<sup>2</sup>. Nesse texto, postula-se um diálogo no qual são apresentados questionamentos a diversas abordagens teóricas acerca da linguagem, a saber: a proposta de análise de *Ferdinand Saussure*, denominada na obra por *objetivismo abstrato*, o *formalismo russo*, o *subjetivismo idealista* de Humboldt, o *psicologismo funcionalista*, a fenomenologia e

---

<sup>2</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) *Marxismo e filosofia a linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

os fundamentos de Kant. Após apontar os limites teóricos e metodológicos de cada concepção, a obra sugere, para as pesquisas em ciências humanas, uma abordagem epistemológica que imprime um campo de estudo interfático semiótico fundamentado no *dialogismo* e na *alteridade*, características objetivadas na produção de sentido e nas formas de construção do discurso.<sup>3</sup>

Bakhtin/Volochinov<sup>4</sup> apresenta a proposta de que o sentido só pode ser alcançado com base na compreensão do signo, ideológico por definição, abordado do ponto de vista de suas ligações sociais, determinadas pela organização da vida cotidiana dos seres, aspectos que precisam se manifestar em uma dada situação de interação, a qual deve compor de igual forma a análise. Nesse aspecto, é imperativo imaginar a ligação de uma concepção assim com os preceitos marxistas de determinação dos atos humanos, o que pretendemos elucidar adiante.

Sob esse enfoque, conteúdo e forma ganham abordagem **dialética**, já que são fenômenos observáveis na práxis cotidiana dos homens, em suas relações objetivas/subjetivas, e que refletem e refratam o próprio ser. As formas de expressão correspondentes às diversas esferas de organização social exprimem as contradições da sociedade porque refletem uma dada consciência de classe, psicologia do corpo social, e que se encontra refratada pela ideologia dominante, sempre presente na linha de diálogo em que se produz uma enunciação. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, há a sugestão de que a ideologia oficial configura-se como conteúdo e forma estáveis, ainda que provisoriamente, e a ideologia do cotidiano é casual, apresentando relativa instabilidade; contudo, ambas estão em relação de interação. As investigações do Círculo procuram propor unidades mediadoras que sejam capazes de esclarecer os níveis de produção de sentido entre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano –, ambas manifestas na linguagem.

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura [sic] situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> FARACO, 2001.

<sup>4</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) *Marxismo e filosofia a linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

<sup>5</sup> Op cit., p. 36.

Assim, é na linguagem que se manifesta o elo entre a infraestrutura e suas representações na superestrutura.

O problema da relação recíproca entre infra-estrutura [sic] e a superestrutura, problema dos mais complexos [...] pode justamente ser esclarecido, em larga escala, pelo estudo do material verbal.

A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.<sup>6</sup>

Por esses motivos, é na palavra que primeiro se pode observar as mudanças em percurso na sociedade e o esclarecimento das relações entre a infraestrutura e a superestrutura se passam pela compreensão e pelo estudo da linguagem

A explicitação de uma relação entre a infra-estrutura [sic] em um fenômeno isolado qualquer, destacado de seu contexto ideológico completo e único, não apresenta nenhum valor cognitivo. Antes de mais nada, é impossível estabelecer o sentido de uma dada transformação ideológica no contexto da ideologia correspondente, considerando que toda a esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infraestrutura [sic].<sup>7</sup>

Essa característica da linguagem de ser palco de debate ideológico, visto que se carrega de sentido, implica aceitarmos o caráter de unidade e luta de contrários, presente na linguagem, em uma relação não dicotômica, mas de unidade com influência recíproca e simultânea. Nesse caso, teríamos mais uma sugestão da associação da análise proposta pelo Círculo a uma concepção dialética da linguagem, posto que a lei dos contrários constitui base epistemológica da dialética materialista.

Outro aspecto bastante forte nos escritos em estudo é o dialogismo intrínseco à linguagem. A obra *Marxismo e filosofia da linguagem* propõe que até mesmo as formas mínimas do discurso interior constituem enunciações completas que se assemelham a réplicas de um diálogo. Argumenta-se que a única maneira de resolver o problema da delimitação fronteiriça entre o psíquico e o ideológico seria o estudo do território singular que os engloba: *o signo ideológico*. Nesse aspecto, a ligação com uma abordagem dialética de análise aparece reforçada no referido texto:

---

<sup>6</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010, op. cit., p. 42.

<sup>7</sup> Op. cit., p. 40.

O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico. (p.64)

[...] Desta maneira, existe entre o psiquismo e a ideologia uma interação dialética indissolúvel: o psiquismo se oblitera, se destrói para se tornar ideologia e vice-versa. (p. 65)

O signo ideológico deve integrar-se no domínio dos signos interiores subjetivos, deve ressoar tonalidades subjetivas para permanecer um signo vivo e evitar o estatuto honorífico de uma incompreensível relíquia de museu. (p.66)

Somente o recurso ao monismo materialista pode trazer uma solução dialética a todas as contradições dessa ordem. [...]

Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica.<sup>8</sup>

A relação dialética entre o objetivo, ato de fala, enunciado, e o subjetivo, caráter interpretativo do ser humano que logo se fará concreto constitui uma relação dialógica imbricada de ideologia. Ainda na mesma obra, *Marxismo e filosofia da linguagem*, há a objetivação da concepção dialética ao tratar “marxismo” como signo ideológico. Tal signo não se mostra unívoco, estável, mas está sempre carregado de aspectos valorativos, tornando-se ele mesmo uma arena de conflitos, o que na teoria de Bakhtin/Volochinov se denomina como “índices de valor contraditórios”<sup>9</sup>.

É preciso reconhecer que, há algumas décadas, até os anos de 1980, o marxismo constituía base reconhecida como verdadeira para análises, reflexões e formulações nos campos das ciências humanas; atualmente, reivindica-se pelo fim do seu valor, sendo apresentado por muitos como um grande engodo conceitual. Talvez essa realidade, bem como um dado vínculo “político” do signo marxismo tenham levado ao distanciamento forçado das abordagens do Círculo (da linguagem) de suas ligações dialéticas que nada teriam que ver com posicionamento político, mas que muito diriam sobre a epistemologia desta ciência.

Ao pensarmos no conceito de dialogismo, tão reivindicado pelos leitores do Círculo, a própria tentativa de monologizar o signo *marxismo* torna-se contraditória, o que em princípio pode ser indícios de uma interpretação unilateral do próprio signo. Qualquer signo ideológico tem sempre duas abordagens que só podem ser percebidas na luta de classes.

<sup>8</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010, op. cit., p. 64-66.

<sup>9</sup> Op. cit., p. 47.

Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente.

Na realidade todo o signo ideológico tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária.<sup>10</sup>

É nos momentos de crise social que se pode observar de forma mais aparente as oposições internas em cada signo ideológico. Isso ocorre porque a efervescência social de momentos de crise exige novas interpretações de realidades que se alteram com rapidez, em busca de soluções para situações nas quais o ser sujeito social não pode permanecer.

Outro aspecto a se destacar na discussão apresentada por Bakhtin/Volochinov diz respeito a uma reflexão epistemológica traçada de forma especial em *Para uma filosofia do ato* (PFA). Tal reflexão assevera que o conhecimento verdadeiro somente se torna pleno se, além de verdadeiro, ele for válido. Para ser válido, o conhecimento deve estar inserido no contexto, pois somente a inclusão do sujeito concreto e histórico que é o criador do pensamento que torna o conhecimento de qualquer pensamento completo, sendo antes apenas parcial.

No interior do sistema, cada componente dessa unidade é logicamente necessário, mas o próprio sistema no seu todo somente é possível relativamente; somente em correlação comigo – que penso ativamente – e enquanto *ato* do meu pensamento responsável que um tal sistema participa da arquitetônica real do mundo vivido como um dos seus constituintes; somente assim ele se enraíza na sua singularidade real, válida no plano do valor.<sup>11</sup>

Trazer os sujeitos reais para “assinar” os enunciados nos coloca diante da alteridade presente em cada ato de fala. Um pensamento que não se insere na arquitetônica real do mundo vivido, através do sujeito responsivo, é uma abstração sem sentido ou singularidade. Cada enunciado é construído assim em relação objetiva, na realidade concreta em que se insere e subjetiva, dos sujeitos que enunciam e que recebem a enunciação e a constituição alteritária do enunciado.

As ponderações feitas até aqui nos levam a propor que os conceitos apresentados pelo Círculo, sobretudo *alteridade*, *dialogismo* e *ideologia* constituem manifestação de uma reflexão dialético-materialista acerca da linguagem. A primeira vista esta parece ser uma proposição já bastante discutida; no entanto, o que buscaremos demonstrar ao longo do

<sup>10</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010, op. cit., p. 48.

<sup>11</sup> BAKHTIN, M. (1920/2003) *Para uma filosofia do ato*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 20-21.

trabalho é que tais conceitos não devem ser pensados em si mesmos, já que estão em conformidade com uma proposta de conceber a realidade como um todo unitário do qual a linguagem é constituinte fundamental.

A consequência última de uma proposta de análise, assim pensada, é que não se torna possível analisar aspectos isolados da linguagem, a não ser para descrição pormenorizada, que tem o compromisso de unir-se em sua totalidade contraditória por natureza. A não contemplação da análise totalizante compromete o que de fato constitui linguagem, tornando-se uma análise, no mínimo, parcial do fenômeno e que acaba por distanciar-se da real constituição do objeto. Em outras palavras, qualquer tentativa de análise linguística que não leve em consideração o aspecto monista não trata de linguagem, menos ainda, trata do fenômeno sob a ótica apresentada pelos autores do Círculo de Bakhtin.

Ao propormos esse diálogo, optamos por buscar as reflexões e conceitos elaborados por Marx e Engels que possam se aproximar da compreensão de linguagem do Círculo nas formulações iniciais do que posteriormente denominou-se de *marxismo*; por isso, iniciamos pela obra *Ideologia alemã*, realizando à luz dos conceitos encontrados nesta obra uma releitura de textos do Círculo de Bakhtin, a saber: *Para uma filosofia do ato*; *Estética da criação verbal*; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*; *Problemas da poética de Dostoiévski*; *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*.

Acerca de *Ideologia alemã*, vale lembrarmos que sua publicação primeira data de 1932, em *Obras completas*, de Marx e Engels. Apesar de ter sido escrita entre os anos de 1845-46, não se pode afirmar se Bakhtin/Volochinov teve, ou não, contato com estes escritos antes de elaborar seu texto *Marxismo e filosofia da linguagem*, datado de 1929, o que torna a análise aqui proposta instigante, porque verificará pontos entre obras que se pode dizer “contemporâneas de escrita”.

Também propomos fazer uma reflexão em torno das abordagens apresentadas nos *Manuscritos econômicos*, por entender que esta obra é tão determinante na formação do signo ideológico – marxismo – quanto a anteriormente citada. Além disso, como se pode observar no que segue, traz conceitos importantes para serem pensados nas obras do Círculo.

Ao propor a concepção de trabalho alienado nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx discorre sobre a relação homem-natureza, a atividade humana objetivada no trabalho e explica pela relação com os outros, a formação da consciência<sup>12</sup>. Marx analisa a consciência

---

<sup>12</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.



humana tomando por base as unidades conteúdo/forma e concreto/abstrato, em uma abordagem dialética que se opõe à proposta de Hegel, no que diz respeito à concepção idealista deste autor. Enquanto Hegel afirma a centralidade do pensamento, Marx propõe a centralidade do plano material, concreto, como se pode verificar em *Crítica da dialética e da filosofia de Hegel*, no Terceiro Manuscrito<sup>13</sup>.

Essas mesmas unidades aparecem no texto de *Marxismo e filosofia da linguagem*, ao abordar a *psicologia do corpo social*, em especial, na *ideologia* do cotidiano, destacando na formação da consciência o imperativo dos tipos e formas de discurso. Em outras palavras, discute-se como os temas versam em formas de discurso.<sup>14</sup> Nessa esteira, o texto citado destaca a relação recíproca entre a estrutura, a produção e as formas ideológicas derivadas dos meios de produção que se encontram refletidos na comunicação.

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as **formas** como os **temas dos atos de fala**.

Assim, os autores assumem que cada tema de todos os atos de fala nascem antes nas relações sociais, as quais por sua vez acontecem em determinadas condições objetivas de existência. Os atos de fala ocorrem sempre em decorrência de comunicação verbal que implica a ação humana na realidade em que se insere o sujeito e não pode deixar de refletir uma relação possível concretamente na realidade, ou seja, não se pode pensar um dado enunciado abstratamente, distante das influências axiológicas do lugar ocupado pelo sujeito. Todo enunciado nasce em dada estrutura social, a base inicial de cada enunciado é sempre coletiva, do ponto de vista que surge em situação de relação entre sujeitos.

---

<sup>13</sup> MARX, op. cit., 2010.

<sup>14</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010, p .42.

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. Este campo não foi objeto de nenhum estudo até hoje.

Um dado enunciado é sempre social, no sentido de que surge forjado pelos múltiplos discursos internalizados na consciência. Todas as expressões verbais sejam elas, formais, informais, fortuitas ou não, formam a consciência do indivíduo do que decorre uma criação ideológica coletiva que se constitui axiologicamente da relação entre o sujeito, a realidade, a subjetividade.

Todas estas manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc.

Estas **formas de interação verbal** acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social [...].<sup>15</sup>

A interação verbal ocorre vinculada à realidade, justamente porque constitui uma forma de ação humana, seja no que diz respeito à natureza, seja em relação com os sujeitos inseridos em um dado grupo social. Por essa proximidade com as condições concretas, é que se encontram nas formas de interação qualquer aspecto envolvido na esfera social, seja de permanência ou de mudança nesse âmbito. É nesse sentido que os autores vão propor o estudo dos gêneros discursivos, como reflexo do aspecto social no individual, em termos linguísticos.

Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos **gêneros lingüísticos**. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de **formas de discurso** na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo **gênero**, isto é, a cada **forma de discurso social**, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação [...], a **forma de enunciação** [...] e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.*<sup>16</sup>

Bakhtin/Volochinov apresenta a ideia de que há certa estabilidade na conformação dos discursos que se vinculam à estabilidade própria da sociedade ou da comunicação. Assim, a comunicação sócio-ideológica encontra formas mais ou menos estáveis, o que chama de gênero discursivo. Essa forma se organiza em torno da relação do tema, de forma que cada grupo de temas tem sua forma, gênero.

<sup>15</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, op. cit., p. 42-43.

<sup>16</sup> Op. cit, p. 42-43. Grifos nossos.

A construção de uma concepção do objeto de estudo toma por base o caráter simbólico da linguagem, definida como signo linguístico, ao qual o Círculo reivindica a propriedade inerente de signo ideológico e que encontra a sua realização material concreta no enunciado. Ao estudo do enunciado são trazidos conceitos que procuram representar propriedades inerentes, marcas da natureza heterogênea do objeto em estudo, a saber: alteridade, dialogismo e ideologia. A relação de influência recíproca das três dimensões básicas – alteridade, dialogicidade e ideologia – delimita os estudos e exige a compreensão de outros constructos teóricos ou categorias de análise que sejam capazes de demonstrar na materialidade da linguagem tantos aspectos envolvidos no fenômeno, dado que o considere dialético.

Acreditamos que a centralidade dos conceitos de *alteridade*, *dialogismo* e *ideologia*, os quais estabelecem outras inúmeras relações entre conceituações diversas de igual importância nas obras do Círculo, torna-se uma possibilidade de estudos bastante produtiva. As abordagens desses temas têm feito surgir um debate implícito, por vezes explícito, acerca das matrizes materialistas dos escritos do Círculo. A análise epistemológica do *dialogismo* existente entre enunciados encontra um campo bastante amplo e fecundo quando comparada a abordagens marxistas dos movimentos operários e suas fases, sobretudo no que diz respeito ao caráter de constituidor e constituinte do homem em sua história.

Assim, a hipótese que guia este estudo é de que as elaborações do Círculo acerca do fenômeno linguístico são manifestações de uma concepção dialético-materialista da realidade/objeto investigado. Logo, o presente trabalho, ao anunciar como objeto central de pesquisa a concepção de enunciado, as relações constituidoras deste objeto de estudo, na ótica dos escritos do Círculo, cotejadas aos constructos teóricos de Marx e Engels na proposta de análise dialética da realidade, delimita as categorias, que tanto definem o entendimento do enunciado, quanto delimitam o alcance do esperado exercício analítico, o que se esclarece no capítulo de metodologia desta pesquisa.

O trabalho se estrutura a partir de quatro capítulos. O primeiro, sob o título *O Círculo de Bakhtin*, busca demarcar, mesmo que a partir de uma leitura aproximativa, os principais momentos históricos em que ocorre a formação do grupo que se dedica a estudar a linguagem. O segundo, *A dialética materialista*, procura esclarecer os elementos, as propriedades e os constructos teóricos que devem guiar a análise dos escritos do Círculo sob o ponto de vista da proposta teórica denominada de dialética, nos escritos marxistas. O terceiro, *A dialética nos escritos do Círculo*, configura-se como os procedimentos metodológicos da pesquisa. Pretende-se elucidar os procedimentos de análise e pontos de reflexão que guiam os estudos

propostos. O quarto, *As relações na linguagem: ressonâncias dialético-materialistas*, apresenta as propriedades do enunciado que se acredita estarem em relação dialética na formação do enunciado, a saber: alteridade, dialogismo, ideologia. No quinto capítulo, *A Unidade das partes no todo – os gêneros discursivos* busca-se demonstrar a relação totalizante, sem a qual o enunciado não existiria.

## 1 O CÍRCULO DE BAKHTIN

Antes de iniciarmos a discussão acerca dos escritos, foco do presente trabalho, cabe uma breve apresentação do Círculo e dos seus componentes que trataram de linguagem em seus textos. Faraco<sup>17</sup> apresenta este grupo como de intelectuais “que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petesburgo (à época rebatizada de Leningrado)”<sup>18</sup>

Era constituído por profissionais de variadas áreas de atuação e interesses intelectuais diversificados. Integravam o Círculo nomes como Matvei I. Kagan, filósofo, Ivan I. Kanaev, biólogo, Maria V. Yudina, pianista, Lev V. Pumpianski, estudioso de literatura e os três interessados na temática da linguagem: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. A provável explicação para a aproximação dos membros do grupo, denominado de Círculo de Bakhtin, configura-se na visível paixão pela filosofia a qual se acrescentou, de acordo com Faraco<sup>19</sup>, o igual gosto pelas discussões acerca da linguagem.

Segundo Souza,<sup>20</sup> nesse período, Bakhtin estudou no Departamento de Letras Clássicas, enquanto Volochinov e Medvedev formavam-se em Direito, ambos na Universidade de Petrogrado/São Petesburgo, o que leva a crer que tenha sido nessa Instituição o encontro entre os três. Faraco<sup>21</sup> observa que Volochinov trabalhava como professor, tendo seus interesses dirigidos à história da música; porém, formou-se em estudos linguísticos em 1927, área que seguiu seus estudos depois.

Medvedev foi voluntário do exército russo na I Guerra Mundial e posteriormente tornou-se reitor da Universidade Proletária. Após sua formação em Direito, atuou como gestor e jornalista cultural, lecionou literatura no Instituto Pedagógico Herzen, em Leningrado. O retorno de Medvedev a Petrogrado data de 1922.

Bakhtin teve formação em estudos literários e atuou como professor, sem vínculos institucionais. Preso em 1929, foi condenado e exilado no Cazaquistão e só se recolocou profissionalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial, quando se tornou professor no Instituto Pedagógico de Saransk, em Mordóvia.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> FARACO, Carlos Alberto. (1929) *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

<sup>18</sup> FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009. p. 13.

<sup>19</sup> FARACO, 2009, op. cit., p. 14.

<sup>20</sup> SOUZA, 2002.

<sup>21</sup> FARACO, op. cit.

<sup>22</sup> FARACO, 2010.

Bakhtin regressou a Leningrado, antiga Petrogrado, na primavera de 1924, no “auge” de uma das mais seminais primaveras intelectuais da história moderna russa. Os integrantes do Círculo de Bakhtin, que haviam retornado antes a Leningrado, estavam fortemente envolvidos com os debates intelectuais da época. Segundo Souza,<sup>23</sup> a essa época a cultura dos Círculos de debates intelectuais constituía-se como prática comum na URSS.

Há, todavia, de se evidenciar que o principal, se não o único registro da época das atividades intelectuais de Bakhtin, são suas obras, provavelmente devido ao fato que, por sua precária condição de saúde, o pensador era impossibilitado de participar ativamente da vida intelectual da época. Nas palavras de Katerina Clark e Michael Holoquist<sup>24</sup>,

Na louca disputa por poder; papel e prelo, Bakhtin manteve-se à distância da refrega. Passou todo este período, dos mais intensos na história do debate teórico soviético, em casa, na maior parte do tempo no aconchego de seu mundo particular. [...] Bakhtin debateu (...), não a partir do pódio, mas somente em seus escritos, e aí amiúde de maneira oblíqua.

O Círculo de Leningrado foi um período notadamente produtivo e paradoxalmente dramático para Bakhtin. De 1924 a 1929, o pensador completou quatro de seus principais escritos, cuja temática variou de *Freud* ao romance dostoiévskiano, passando pela filosofia da linguagem e os formalistas russos.

No entanto, Bakhtin, que conseguiu voltar a Leningrado unicamente por uma pensão estatal de segunda classe, que no decorrer dos anos foi rebaixada até a quarta classe, vivia, em verdade, “uma longa batalha pela sobrevivência”<sup>25</sup>

Assim ilustram as cartas escritas pela mãe de Bakhtin, endereçadas a Nikolai, seu irmão que vivia em Paris: “Ajude Micha se você puder. Ele está em situação desesperada e ganha apenas de 15 a 25 rublos por mês com palestras e aulas.”<sup>26</sup>

Devido à condição econômica precária, o ilustre pensador morava em quartos alugados de amigos, descritos em um poema de Konstantin Vaguinov, de 1926:

Dois cobertores mosqueados / Dois travesseiros puídos / As camas lado a lado / Mas há flores na janela [...] / Livros nas prateleiras estreitas / E sobre os cobertores duas pessoas / Um homem pálido, azulado / E sua mulher, mocinha.<sup>27</sup>

<sup>23</sup> SOUZA, 1999.

<sup>24</sup> CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 118.

<sup>25</sup> CLARK; HOLQUIST, op. cit., p. 120

<sup>26</sup> op. cit., p. 121.

<sup>27</sup> op. cit., p. 121.

Bakhtin apresenta, nos anos de 1919-1921, suas primeiras obras, nas quais explicita uma abordagem fenomenológica da realidade e aborda as relações da vida cotidiana e da arte em uma unidade do “ser responsável”. São desse tempo os textos *Arte e responsabilidade* (1919) e *Sobre a filosofia do ato* (1920-1924).<sup>28</sup>

A maior parte dos escritos do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev são publicados entre 1924-1929, anos em que São Petesburgo passou a chamar-se Leningrado. É nesse contexto que as bases filosóficas, epistemológicas de Mikhail Bakhtin e dos demais autores do Círculo são objeto de questionamentos que buscam esclarecer a autoria dos escritos. Um dos motivos que levam a tais discussões é a graduação de Voloshinov na Faculdade de Filologia de São Petesburgo, 1927, e os estudos desenvolvidos por ele no Instituto de História Comparada de Literatura e Línguas do Oeste e do Leste. Tal Instituto representava uma “aproximação marxista nova” em oposição aos estudos formalistas da época. Embora nunca tenha sido membro do partido comunista, dispõe-se da informação de que Voloshinov se tornara marxista nesse mesmo ano, desenvolvendo um trabalho que investigou “o discurso de outrem.”<sup>29</sup>

Voloshinov e Medvedev tinham ligações explícitas com os pressupostos marxistas, enquanto Bakhtin nunca vinculou seu pensamento a essa ideologia. Segundo Faraco,

Voloshinov e Medvedev, no entanto, assinaram textos com os quais buscavam, de modo explícito, intervir num debate de sua época voltado justamente para uma temática marxista. [...] os anos imediatamente posteriores à Revolução de Outubro foram marcados não só por grandes mudanças políticas, sociais e econômicas na Rússia, mas também por intensa atividade cultural [...] A conjuntura política levava os intelectuais a se envolverem na construção de formulações teóricas de inspiração marxista que pudessem se contrapor aos quadros teóricos tradicionais, especialmente os vigentes nas humanidades e nas ciências sociais.<sup>30</sup>

Independentemente da posição declarada ou não, é importante ressaltar que os textos dos autores citados perpassam a denominações ideológicas e colocam-se como fundamentais aos interessados no campo dos estudos da linguagem, estética, literatura e criação ideológica. No entanto, os estudos dos textos são dificultados por diversas questões entre as quais, talvez a que mais se evidencie seja o fato de que boa parte dos textos de Bakhtin constitui-se de manuscritos inacabados, em alguns casos apenas rascunhados, o que oferece grandes dificuldades à apreensão do pensamento desse autor.<sup>31</sup> Além disso, somente nos últimos anos,

---

<sup>28</sup> SOUZA, 1999.

<sup>29</sup> SOUZA, 1999, p. 69

<sup>30</sup> FARACO, Carlos Alberto op. cit., p. 27.

<sup>31</sup> FARACO, op. cit.

na década de 1980, é que se tornou possível uma leitura global das obras posto que as publicações retomaram os rumos em 1960, mas somente em 1986 chegou-se ao primeiro texto em que a proposta epistemológica se mostrou mais desenvolvida escrito por Bakhtin, *Para uma filosofia do ato*. Como argumenta Faraco, não há uma ordem cronológica nas publicações, e as traduções para o Ocidente seguiram a mesma “desordem”.

Outro fator que acresce dificuldades de leitura diz respeito às traduções, as quais inicialmente apresentaram grandes problemas.<sup>32</sup> No Brasil, por muito tempo, o pensamento e as reflexões do Círculo eram vistas tomando por base somente *Marxismo e filosofia da linguagem*, o primeiro livro publicado no País. Além disso, criou-se grande confusão conceitual em torno dos termos diálogo, interação, polifonia e gêneros do discurso.<sup>33</sup>

Faraco<sup>34</sup> propõe que uma releitura dos textos do Círculo seja feita com base na compreensão de que ali se faz referência a dois grandes projetos intelectuais. Parte de Bakhtin a crítica aos processos de abstração encontrados na razão teórica. O que poderia apontar para a construção de uma filosofia primeira. Nesses textos, observam-se diálogos com as elaborações neokantianas e fenomenológicas. Bakhtin parece tornar a filosofia neokantiana uma espécie de fio condutor de suas reflexões, mas sem, no entanto, vincular-se acriticamente a tais pensamentos. O outro eixo apontado pode ser percebido nas obras de Voloschinov e Medvedev, publicadas entre 1925 e 1930, no que se refere à preocupação com a criação da teoria marxista de criação ideológica. Uma teoria que explicasse as manifestações da superestrutura. Tratava-se de uma área reconhecidamente problemática para o pensamento marxista da época<sup>35</sup>.

Nesse sentido, Faraco aponta o caminho seguido por Voloshinov e Medvedev como tendo duas marcas fundamentais: (i) a severa crítica ao marxismo vulgar, cuja criação ideológica seria explicada por uma lógica determinista e mecanicista, “segundo a qual uma relação de causalidade simples e direta, unilinear e unidirecional entre a base econômica e as manifestações superestruturais resolveria tudo, simplória e dogmaticamente”;<sup>36</sup> (ii) o papel central dado à linguagem, o que originou uma valiosa contribuição para o debate e da qual não se tem ainda real percepção de suas implicações heurísticas.

---

<sup>32</sup> SOUZA, 1999.

<sup>33</sup> FARACO, op. cit.

<sup>34</sup> FARACO, op. cit.

<sup>35</sup> FARACO, op. cit.

<sup>36</sup> FARACO, op. cit., p. 17.



Para Souza,<sup>37</sup> um estudo das obras do Círculo, pensadas como um todo, indica que haveria uma organização em que Volochinov e Medvedev acrescentam aos estudos de Bakhtin uma abordagem *sociológica e ideológica*, aprofundando as críticas à psicologia, à linguística formal e ao formalismo. Essa interpretação é possível se considerarmos que os livros assinados por Volochinov (*Froidismo* (1927) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), seguidos dos de autoria de Medvedev (*The formal method in literary scholarship; A critical introduction to sociological poetics* (1928) fazem surgir explicitamente um viés de abordagem marxista.

Esse viés não encontraria referência nas obras assinadas por Bakhtin. Assim, os textos que surgem assinados por Bakhtin fariam antes uma *interação* com o marxismo do que constituiriam uma abordagem marxista da linguagem. Em *Problemas da poética de Dostoievski* (1929) e em *Rabelais na história do Realismo* (1940), Bakhtin, conforme Souza,<sup>38</sup> reconhece a importância do método sociológico, mas não é possível encontrar referências explícitas ao marxismo nessas obras.

A questão central do trabalho aqui proposto diz respeito a elucidar alguns pontos acerca desse vínculo das elaborações do Círculo com os preceitos marxistas. Longe de se pretender respostas absolutas, procuramos antes discutir algumas questões pontuais. Nesse sentido, Faraco aponta limites já existentes pra essa reflexão, alertando para o fato de que, desde a década de 1980, houve esforço intelectual em desvincular a proposta do Círculo das elaborações marxistas. A compreensão que subjaz a tais esforços entende o marxismo como pensamento homogêneo e o vincula ao discurso oficial do Partido Comunista da URSS.

Faraco observa que Bakhtin não vincula seu pensamento a uma arquitetura marxista, mas Voloshinov e Medvedev, como já afirmamos, procuraram intervir no debate da época que se voltava à teoria marxista. Segundo Faraco, Voloshinov e Medvedev buscaram reivindicar a qualquer discussão/interpretação que se pretendesse marxista o respeito aos três princípios básicos do marxismo: “o materialismo, o monismo metodológico, o caráter social e histórico de todas as questões humanas”.<sup>39</sup>

Faraco destaca, ainda, que à contribuição dada por Voloshinov e Medvedev às questões de seu tempo, deve-se somar as “concessões a linhas oficiais, que, nos últimos anos da década de 1920, começavam a tomar corpo no *establishment* acadêmico soviético e a

---

<sup>37</sup> SOUZA, 1999.

<sup>38</sup> SOUZA, 1999.

<sup>39</sup> FARACO, op. cit., p. 27.

adquirir um estatuto de dogma”.<sup>40</sup> Assim, o que podemos concluir de uma visitação à conformação do Círculo é da incerteza de seus pressupostos que ora se revelam, ora se escondem. É provável que não houvesse mesmo um pressuposto único, ou uma teoria arquitetônica das obras. Mas o que se poderia pensar como desqualificador das elaborações surge para o foco deste trabalho como o objeto mesmo de investigação.

Buscar por interpretações dos textos do Círculo com textos marxistas de interpretação da realidade se torna, para esta pesquisa, um caminho produtor para quem pretende esclarecimentos e compreensões que se aproximem das que motivaram os intelectuais que constituíram este grupo de discussões. O que interessa de forma mais atenta ao trabalho proposto é a questão da linguagem. Isso porque é pela linguagem, pelo signo, que se pretendeu explicar as conformações ideológicas através do tempo. É *na e pela* linguagem que se encontra refletida a estrutura de uma sociedade, segundo a abordagem proposta.<sup>41</sup>

Torna-se claro que a dedicação ao estudo da linguagem direcionou os pensamentos como um todo dos componentes do Círculo, ao que parece a partir de 1925/1926, embora outros já apresentassem as bases do pensamento filosófico sobre a linguagem, como é o caso de *Para uma filosofia do ato*.<sup>42</sup> Esse autor sugere que há uma completude entre os textos de Voloshinov, Medvedev e Bakhtin, cada qual versando em temática específica dentro da discussão acerca da linguagem.

Nela [ temática da linguagem] se casarão as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação eu/outro), o interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época, a estudos linguísticos) e o projeto deste e de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo.<sup>42</sup>

Nos ano de 1930, algumas mudanças se configuram. A partir deste ano Voloshinov se destaca como o escritor mais dedicado a questões da linguagem, detalhando a teoria que o grupo parece pretender. Medvedev ocupa-se nesse período das questões envoltas em um estudo das ideologias. Enquanto isso, o pensamento de Bakhtin se tornava sociologizado, sobretudo com o livro sobre Dostoievski. A partir desta obra, os grandes temas desenvolvidos por Bakhtin ganham uma abordagem sociológica e são rerepresentados, alicerçando a teoria da linguagem e da cultura desenvolvida pelo Círculo. Assim, a convergência do grupo se dava pela linguagem:

---

<sup>40</sup> FARACO, op. cit., p. 29.

<sup>41</sup> FARACO, op. cit.

<sup>42</sup> FARACO, op. cit., p. 30.

O tema linguagem se tornou tão forte para os membros do Círculo que o próprio Bakhtin, em uma carta dirigida a v. Kozhinov em 1961 (transcrita em Bocharov, p. 1016), afirmou ser a concepção de linguagem o elemento que unia o pensamento do grupo. A diversidade de interesses que apontamos acima acabou por encontrar na concepção de linguagem seu elemento de convergência.<sup>43</sup>

Voloshinov publica, em 1926, o texto *O discurso na vida e o discurso na poesia*, texto em que desenvolve sistematicamente o tema linguagem pela primeira vez. Nesse texto, apresenta-se uma crítica a marxistas que defendiam a proposta analítica formulada por Sakulin que dividia o estudo da arte em abordagem não-sociológica e abordagem sociológica. Voloshinov argumenta que a arte só pode ser imanentemente sociológica, não se prestando a tal divisão de estudo, o que iria de fato contra os princípios marxistas do monismo e da historicidade.

A tese de Voloshinov é demonstrada pelo “chão comum”, em que se articulam enunciados artísticos e enunciados cotidianos, a saber: “ambos se materializam na grande corrente da interação sociocultural e envolvem tomadas de posições axiológicas”.<sup>44</sup> Esse pressuposto encontrará eco nas elaborações de Medvedev e de Bakhtin e estará em confronto com o pensamento formalista, que buscava uma divisão radical entre a linguagem poética e a linguagem cotidiana.

Ao pensar o conjunto das obras do Círculo, observa-se o período das críticas, de ambos os autores, como a preparação para a teoria de cada um deles de fato, o que ocorre na publicação de livros. Voloshinov publica *Freudismo: um ensaio crítico*, 1927; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, 1929. Medvedev retoma o formalismo em *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica à poética sociológica*, 1928. Nesta obra, o autor procurou situar os estudos literários em uma perspectiva marxista no quadro dos estudos das ideologias. Há a publicação de quatro artigos por Voloshinov, em que ele desenvolve a temática da linguagem, em especial em teoria do enunciado.<sup>45</sup>

Na década de 1960, um grupo de estudantes, após encontrar os textos de Bakhtin no arquivo do Instituto, dedica-se a fazer a republicação dos textos. Para tanto, os estudantes entram em contato com Bakhtin, o qual inicia a revisão dos escritos que são publicados em 1963, sob o título de *Problemas da poética de Dostoiévski*. O texto de sua tese também sofre revisão e é publicado em 1965 com o título *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Os últimos anos de vida do autor foram

<sup>43</sup> FARACO, op. cit., p. 31.

<sup>44</sup> FARACO, op. cit., p. 31.

<sup>45</sup> FARACO, op. cit.

dedicados à revisão de outros textos que são publicados postumamente em *Questões de literatura e de estética; a teoria do romance* (1975) e *Estética da criação verbal* (1979). Bakhtin faleceu em 07 de março de 1975, após complicações de seu estado de saúde (Souza, 1999).

Reconhecidos os membros do Círculo e pensado, embora de forma rápida, o contexto político e histórico que envolveu as produções, passaremos à continuidade da discussão central deste trabalho: a investigação dos pressupostos filosóficos das obras do Círculo que possam estar vinculadas a elaborações marxistas, sobretudo a uma concepção dialética da realidade.

Esclarecemos que de fato o que se torna interessante pensar em relação à constituição do Círculo é a sua diversidade e incompletude das elaborações. Se isso dificulta uma abordagem mais bem definida, também constitui motivo de investigação. Reconhecemos que não parece haver uma arquitetônica montada, completa, definida para o estudo linguístico do Círculo. No entanto, a investida de Bakhtin, Voloshinov e Medvedev em elucidar a linguagem não só sugere a sua importância para o grupo, mas também revela aspectos de sua complexidade, como é o caso da sua constituição heterogênea. A amplitude dos estudos elaborados sobre linguagem orienta para o fato de tratar-se de objeto de abordagem dialética, posto que cada pensador buscou especificar um tipo de relação possível, possibilitando-nos apreender várias relações presentes. Nessa perspectiva, o que buscaremos ao longo desta pesquisa é analisar o grau de proximidade de elementos constituidores da linguagem, apontados pelo Círculo, com a abordagem dialética da realidade, proposta por Marx/Engels.

Na sequência, seguindo a proposta deste trabalho, apresentamos, de forma resumida, os preceitos fundadores da dialética materialista.

## 2 A DIALÉTICA MATERIALISTA

Este capítulo objetiva apresentar e discutir a dialética marxista, a qual procuraremos evidenciar nos escritos do Círculo. Para isso, traremos as principais elaborações de Marx e Engels, autores das obras selecionadas para esta discussão: *Ideologia alemã* e *Manuscritos econômico-filosóficos*. Também buscamos apoio acerca dessas obras em autores que podem auxiliar na interpretação, considerando o objetivo central de se manter fiel aos conceitos de Marx e Engels. Para tanto, recorreremos a Kosik, um pensador materialista dos anos 1963, que demonstrou clareza ao tratar da visão do objeto investigado em conformidade com a dialética proposta. Também recorreremos a autores contemporâneos, como Prado Jr., que contribui com reflexões sobre a tarefa de realmente entender o que pressupõe uma investigação que se proponha marxista.

A abordagem dialética apresenta diferentes características, se atribuída à proposta de Hegel ou a de Marx e Engels. Por conseguinte, faz-se necessário apresentar suas divergências, que se mostrarão fundamentais para a leitura, por exemplo, do texto *Problemas da poética de Dostoiévski*<sup>46</sup>, em que o termo dialética aparece no próprio texto de Bakhtin. Não temos a pretensão de expor compreensão aprofundada nas diferenças entre a dialética de Hegel e a dialética marxista. Explorar acerca dessa temática exigiria um estudo pormenorizado dos escritos de Hegel, o que não cabe aos objetivos do trabalho e nem mesmo estaria ao alcance teórico da autora deste texto. Por isso, nos limitaremos a expor em detalhes a dialética marxista. Para Marx, a dialética explica a evolução da matéria e do homem; por isso, considera esta a ciência das leis gerais do movimento, em dimensão gnosiológica e pragmática. Assim Marx postula um pensamento materialista/concreto.

Para Marx<sup>47</sup>, os homens estabelecem relações que são determinadas socialmente e independem da vontade individual; são relações de produção, correspondentes a uma dada fase de desenvolvimento das forças produtivas. Logo, não é a consciência que determina o ser, mas o ser, enquanto sujeito social, que determina a sua consciência. A estrutura econômica de uma sociedade é formada pelo conjunto das relações de produção, sobre a qual se constrói a superestrutura jurídica e política que encontra correspondência em formas de

<sup>46</sup> Tratamos deste texto no capítulo em que analisamos a presença dialética nos escritos do Círculo.

<sup>47</sup> MARX, Karl. *O capital*. Trad. de J. Teixeira Martins e Vital Moreira. Coimbra, 1974. Disponível em: [www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/](http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/). Acesso em: 14 jun. 2013.

consciência social. Dessa forma, é o modo de produção da vida material que condiciona a vida “social, política e espiritual em geral”<sup>48</sup>.

Assim, a origem hegeliana da dialética materialista só pode ser pensada em uma perspectiva dicotômica/opositiva. Ou seja, Marx constrói uma dialética para se opor a proposta de Hegel, de forma dicotômica. Lênin, nos *Cadernos filosóficos* (1937) afirma que uma leitura produtiva de *O capital* só se torna possível após o estudo de toda a Lógica Hegeliana, visto que irá se propor questioná-la. As reflexões feitas, ainda que iniciais, dão conta da dialética materialista enquanto concepção do homem e da sociedade e das relações mediadoras homem-mundo, ultrapassando um possível caráter de método.

Para Marx<sup>49</sup>, não existem fatos em si aos quais se poderiam examinar de maneira neutra, desconexos do processo histórico-econômico, político e psicológico do homem. Essa perspectiva fica bastante clara na proposta de análise de *O Capital*, em que o autor se ocupa de entender o processo de formação histórica do modo de produção capitalista, ao qual ele atribui caráter de processo e de não acabamento de relação homem-sociedade.

Assim, Marx se opõe aos filósofos idealistas, que partem do aspecto conceitual, constructo teórico, para esclarecer a essência de um dado fenômeno. De igual forma, o autor não segue o caminho empirista de construção do conhecimento que postula como ponto de partida fenômenos isolados em si. Uma análise dialético-materialista inicia sua reflexão pela existência humana. Os fenômenos da realidade concreta encontram sua centralidade no homem em construção de si mesmo em sua atividade na relação com a natureza e a sociedade e, em última instância, determinado pelo modo de produção de sua vida material. É pelo trabalho na construção de sua história que o homem se torna homem, posto que nem mesmo ele é em si, mas em relação ao seu meio social.

Para Hegel, o real é manifestação da ideia, concebida como criadora do real. Na interpretação materialista, o real é transposto ao pensamento humano, onde é interpretado<sup>50</sup>. O aspecto convergente nas propostas hegeliana e marxista diz respeito ao movimento, explicado por ambos pela oposição dos contrários ou contradição. No entanto, Hegel afirma que o movimento contraditório encontra-se no pensamento, na lógica, enquanto que Marx o localiza na essência de cada coisa em si, em situação de íntima relação com o objeto. Na concepção marxista, o estudo do desenvolvimento de um fenômeno deve partir do conteúdo interno ao

---

<sup>48</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 301.

<sup>49</sup> MARX, op. cit.

<sup>50</sup> MARX, op. cit., p. 16.

próprio fenômeno e da relação com outros fenômenos, de tal forma que o desenvolvimento fenomenológico constitui-se no próprio movimento.

A proposta materialista não quer negar a subjetividade nem a existência material; busca, por isso, um equilíbrio entre a esfera subjetiva e a existência material. A realidade, nessa perspectiva, é sempre uma dada visão, interpretação ou reflexo, mas que apresenta igualmente uma dimensão material, uma vez que é impossível uma abstração absoluta. Desse modo, a dialética deve reconhecer uma determinação recíproca entre a existência social e a consciência.<sup>51</sup>

Busquemos em Kosik<sup>52</sup> alguns dos esclarecimentos que auxiliam a leitura da proposta marxista. Kosik, militante comunista que atuou clandestinamente em frentes que buscavam o socialismo humanista, escreveu *Dialética do concreto*, em 1976. A obra representa uma abordagem do materialismo dialético, que retoma um problema fundamental para a filosofia marxista: compreender de fato a práxis. O autor retoma a exposição da dialética em sua raiz e busca, sobretudo, eliminar as falsas apreciações de conceitos clássicos de Marx, o que coloca a obra como material complexo e essencial para este trabalho, que se propõe trilhar caminhos da vertente marxista.

Kosik<sup>53</sup> afirma que o pensamento dialético materialista distingue entre representação e conceito da coisa, argumentando que, se a dialética pretende tratar da “coisa em si”, deve proceder tal separação, dado a impossibilidade de sua manifestação imediatamente ao homem. O que se tem de nova compreensão nessa forma de perceber a investigação da coisa é que não se trata de formas de conhecer a realidade, mas de níveis de qualidade da práxis humana.

A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais.<sup>54</sup>

O materialismo representa uma concepção científica do mundo como uma realidade material, em que o homem é constituinte e constituidor, conhecedor e transformador da natureza/realidade. A dialética é a proposta das leis gerais desse universo, leis comuns ao pensamento, à natureza, à sociedade. Assim, o materialismo dialético estabelece uma ligação

---

<sup>51</sup> MARX, op. cit., p. 23.

<sup>52</sup> KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

<sup>53</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>54</sup> KOSIK, op. cit., p. 10.

entre a matéria e o pensamento, considerando ambos os aspectos de uma natureza indivisível, que se exprime nas duas formas material e ideal.<sup>55</sup>

Para Marx e Engels,

A produção de ideias, de representações, da consciência, está em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio material espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. [...]

A suposição contrária só seria possível no caso de, além do espírito dos indivíduos reais e materialmente condicionados, pressupor-se ainda um espírito à parte.

A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [...] e o ser dos homens é o seu processo de vida real.<sup>56</sup>

Como se observa, o materialismo dialético se ocupa de investigar uma concepção do mundo no seu conjunto, em oposição aos objetivos limitados de um aspecto do real. Dessa forma, tal concepção postula a união de conhecimento (teoria) e ação (prática), concebendo a teoria como orientação para a ação. Como se pode concluir, o conceito de práxis ganha lugar privilegiado na análise em questão.

O homem orienta-se no mundo pela práxis utilitária e imediata, mas nisso não é capaz de atingir a compreensão das coisas e da realidade senão em seu aspecto fenomênico e, por vezes, contraditório. Nesse sentido, Kosik afirma que Marx constatou que aqueles que determinam as condições sociais se sentem à vontade no mundo fenomênico, em que tais condições são abordadas como “desligadas de sua conexão interna e absolutamente incompreensível em tal isolamento”.<sup>57</sup>

Segundo o próprio Marx, ao escrever *O capital*, buscava-se “refletir sobre as formas de vida humana”.<sup>58</sup> Uma análise das contradições do sistema capitalista de produção dá origem a categorias dotadas de unidade e identidade dos contrários, tais como: o simples *versus* o complexo, o homogêneo *versus* o heterogêneo, o concreto *versus* o abstrato, a essência *versus* o fenômeno, a forma *versus* o conteúdo etc. Tais categorias não traduzem leis fixas de pensamento, ou dicotomias de oposição, mas são os elementos fundadores para explicar a transformação, o movimento inerente aos fenômenos da realidade, visto que exprimem o caráter de negação de cada uma.

<sup>55</sup> GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1995.

<sup>56</sup> MARX/ENGELS. *A ideologia alemã*. Trad. de Rubens Enderli et. al. São Paulo: Boi tempo Fontes, 2012. p. 93-94.

<sup>57</sup> KOSIK, op. cit., p. 10.

<sup>58</sup> MARX, op. cit., p. 84.



O estudo elucidativo de qualquer fenômeno passa primeiro por concebê-lo na práxis cotidiana do homem. E se torna fundamental esclarecer que a práxis a que se faz referência no escopo materialista é historicamente determinada e unilateral, dado que advém de uma sociedade hierarquizada com uma organização e divisão do trabalho a qual corresponde uma divisão socioeconômica e de papéis sociais na realidade. É, no contexto dessa práxis socioeconomicamente determinada, que se forma o ambiente material do indivíduo e também uma atmosfera de aparência superficial da realidade, que é fixada com base em uma pretensa intimidade de confiança, decorrente do trato natural do ser humano com esse mundo fenomênico em sua vida cotidiana<sup>59</sup>.

Estamos diante da pseudoconcreticidade, a saber, “o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que com sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural.”<sup>60</sup> Essa seria a ação da ideologia dominante:

Pertencem ao mundo da pseudoconcreticidade:

- O mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais;
- O mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada dos homens (a qual não coincide com a práxis crítica revolucionária da humanidade);
- O mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produto da práxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento;
- O mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens.<sup>61</sup>

Segundo Kosik, no método dialético de investigação e/ou observação, assume-se que a realidade se apresenta como campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível. É de trato com a “coisa”, em uma perspectiva utilitarista, que a realidade se revela como o próprio mundo de meios, fins e instrumentos, exigências e esforços em satisfazer as perspectivas utilitaristas. O indivíduo então elabora a sua representação da realidade (coisa) e com isso elabora um sistema de representações que captam o aspecto fenomênico dessa realidade. Kosik argumenta ainda que a realidade fenomênica apresenta-se de forma diferenciada, chegando a manifestar aspectos contraditórios com a estrutura, ou com a própria lei do fenômeno, com seu núcleo de essência.

Na busca de uma abordagem dialética da realidade, captar o fenômeno significa descrever como a realidade material se manifesta em determinado fenômeno, e como se

---

<sup>59</sup> KOSIK, Karel. op. cit.

<sup>60</sup> KOSIK, op. cit., p. 11.

<sup>61</sup> KOSIK, op. cit., p. 11.

encobre nele. Em última instância, compreender o fenômeno implica atingir a essência. No mundo da pseudoconcreticidade, o aspecto fenomênico é considerado a essência mesma, desaparecendo a diferença primordial de essência e aparência, categorias de análise do movimento, como se viu.

Entender o mundo fenomênico exige admitir um duplo sentido. O fenômeno indica e esconde a essência. A essência manifesta-se de modo parcial no fenômeno. A essência não se manifesta nela mesma, mas antes no fenômeno, o qual indica algo que não ele mesmo e que sobrevive graças ao seu contrário. É possível afirmar que a atividade do fenômeno é mesmo manifestar a essência, a qual não se revela inerte nem passiva. É preciso entender que não há uma desvinculação total do mundo do fenômeno e o mundo da essência, caso em que tornaria o mundo real um outro mundo platônico e o mundo dos fenômenos seria o único ao alcance do homem. Há uma relação de imanência entre essência e fenômeno.<sup>62</sup>

A realidade dialeticamente compreendida manifesta uma unidade entre fenômeno e essência. Assim, tanto fenômeno quanto essência, em isolamento, podem ser cada qual irreal, se forem considerados um ou outro a realidade. Chegamos ao ponto de afirmar que o fenômeno constitui então a forma como a essência se manifesta, somente juntos – fenômeno e essência – exprimem a realidade.<sup>63</sup>

A causa primeira da existência da ciência está no fato de que, para se chegar a compreender a realidade, se deve investigar o fenômeno em busca do que não se apresenta diretamente, senão por ele, que vem a constituir a essência. Caso a essência se manifestasse de forma direta, toda investigação científica e filosófica perderia o sentido. Por essa assertiva, julga-se a motivação das elaborações de uma dialética do concreto: investigar as essências dos fenômenos, para conhecer a unidade fenômeno/essência, ou o que se poderia chamar realidade autêntica.<sup>64</sup>

Compreender a coisa em si, significa conhecer a sua estrutura, pela decomposição do todo. O conhecimento é, portanto, a própria dialética em uma de suas formas – a decomposição do todo. Attingir o conceito ou a abstração, em concepção dialética, “tem significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa.”<sup>65</sup>

O conhecimento dialético exige a separação da essência do que é secundário, sem, no entanto, considerar o secundário tal como irreal. Ao contrário, parte-se da manifestação da essência, no campo das manifestações fenomenológicas para atingir a decomposição até

<sup>62</sup> KOSIK, op. cit., p. 11.

<sup>63</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>64</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>65</sup> KOSIK, op. cit., p. 14.

chegar-se à estrutura da coisa, que deve em todos os casos ser diferente do fenômeno, sem, contudo, pertencer à outra natureza.<sup>66</sup>

Se a tomada de conhecimento se dá no agir humano, este é sempre unilateral, posto que visa a um fim específico em detrimento de outros. É neste agir que o ser humano percebe e avalia a realidade. As formas fenomênicas das coisas são produto natural da práxis cotidiana e, por isso, se reproduzem espontaneamente no pensamento comum como realidade em si. A práxis utilitária cotidiana cria o pensamento comum – forma ideológica do agir cotidiano. Por outro lado, o mundo apresentado na práxis fetichizada não é o real, mas o mundo da aparência.<sup>67</sup>

A representação da coisa (objeto) não constitui uma qualidade natural da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições sócio-históricas petrificadas.

É na distinção da aparência e essência que reside a dialética. Enquanto método, a dialética se recusa a aceitar as representações fenomênicas e, na proposta de conhecer a coisa em si, segue questionando como é possível chegar à compreensão da realidade. Por esse motivo, opõe-se de forma cabal a sistematizações doutrinárias e representações comuns. A tarefa primeira para quem quer conhecer a realidade é destruir a aparente independência do fenômeno nos contatos diários.<sup>68</sup>

Em outras palavras, a destruição da pseudoconcreticidade leva o pensamento ao concreto/mundo real. Como na obra de Marx, *O capital*, a proposta é de dualidade, “por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência”<sup>69</sup>. É preciso entender que a pseudoconcreticidade é a própria independência aparente que se manifesta nos fenômenos. Assim, o pensamento dialético não pretende negar o fenômeno, mas a sua pretensa independência, demonstrando o seu caráter derivado.

A dialética nega-se a considerar o mundo reificado como algo originário e independente, do mesmo modo que não considera as representações e o senso comum, submetendo-os a um exame em que as tais reificações perdem a falsa originalidade para se mostrarem como fenômenos derivados e mediatos, produtos de práxis sócio-humana.

O investigador que pretender conhecer a realidade por este método deverá se fazer a seguinte questão: “por que os homens tomaram consciência de seu tempo justamente nestas categorias e qual o tempo que se mostra aos homens nestas categorias?” É com essa pergunta

---

<sup>66</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>67</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>68</sup> KOSIK, op. cit., p. 15.

<sup>69</sup> KOSIK, op. cit.

que se prepara para a destruição da pseudoconcreticidade de ideias e condições, para procurar uma conexão entre o tempo (histórico) e a ideia<sup>70</sup>.

Opondo-se à visão idealista, segundo a qual a realidade se mostraria tanto mais real, quanto mais se pudesse retirar dela o sujeito, a proposta materialista de destruição da pseudoconcreticidade se foca na liberalização do sujeito, sendo esta coincidente com a liberalização do objeto. Nessa abordagem, a realidade social dos homens se estabelece em uma unidade dialética entre sujeito e objeto, constituindo a criação do ambiente humano.<sup>71</sup>

A destruição da pseudoconcreticidade se dá nos seguintes aspectos: crítica revolucionária da práxis humana, ou o processo de humanização; pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para se chegar à realidade; processo ontogenético de criação da realidade humana. Enquanto a pseudoconcreticidade significa a existência autônoma dos produtos do homem, a dialética quer criar e ver a realidade concreta longe da práxis utilitarista. A dialética do concreto quer encontrar a realidade autêntica escondida atrás das reificações da cultura dominante.<sup>72</sup>

Destaque-se ainda que o mundo real ora “procurado”, dialeticamente definido, jamais será um mundo de objetos reais fixados, que apresentem em seu aspecto fetichizado a implicatura de ser natural; ao contrário é um mundo em que coisas e significados são produtos do homem inserido em seu espaço social, sendo este homem o sujeito real do mundo social.<sup>73</sup>

Segundo Gadotti,<sup>74</sup> atualmente alguns princípios são aceitos como norteadores dos estudos da dialética materialista. É sabido que qualquer proposta de sistematização resumida da teoria pode incorrer no simplismo, mas optamos por apresentar a sistematização de tais princípios como forma de organização do pensamento para posterior análise das obras do Círculo.

## **Princípios da dialética materialista**

### **1) Tudo se relaciona**

A concepção totalizante da natureza diz respeito a constituir-se de um todo coerente em que “objetos e fenômenos são ligados entre si condicionando-se reciprocamente”. O fundamental é entender que o exame das partes, isoladas, objeto-fenômeno não manifesta a

---

<sup>70</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>71</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>72</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>73</sup> KOSIK, op. cit.

<sup>74</sup> GADOTTI, op. cit..

realidade, posto que o todo se cria na interação das partes.<sup>75</sup> O sentido das coisas está somente no aspecto totalizante.

## 2) Tudo se transforma

A dialética concebe o movimento como qualidade inerente a todas as coisas. A sociedade e a natureza são sempre inacabadas, em processo de transformação que encontra sua causa na luta interna de cada fenômeno da realidade. Essa é uma lei universal.

Essa lei dá conta do fato de que o movimento geral da realidade faz sentido, quer dizer, não é absurdo, não se esgota em contradições irracionais, inteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente sua negação [...].<sup>76</sup>

## 3) Mudança qualitativa

Este princípio demonstra que a chegada do novo não pode ser resultado de repetição circular. O acúmulo de mudanças quantitativas produz o novo, a mudança qualitativa.

## 4) Unidade e luta dos contrários

Essa é a lei fundamental da dialética: no interior de cada coisa coexistem “forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição.”<sup>77</sup> Em outras palavras, a contradição é inerente a todas as coisas, sejam materiais ou espirituais e isso é que faz a transformação ocorrer.

Em suma, pode-se dizer que um raciocínio dialético segue as premissas de que o fenômeno é resultado da relação que este estabelece com outros fenômenos, formando uma totalidade de determinações recíprocas de tal forma que se constitui em movimento constante e infinito, gerado pela contradição, ou luta de contrários, característica intrínseca de todo e qualquer fenômeno, e que deve resultar em uma mudança qualitativa do fenômeno.

Seguindo as assertivas feitas, pode-se concluir que o pensamento dialético exige a inserção do fenômeno em uma realidade ampliada de relações possíveis, o que, no caso da linguagem, dada sua característica intrinsecamente interativa, implica uma abordagem da

<sup>75</sup> KOSIK, 1985, op. cit., p. 24.

<sup>76</sup> KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 59.

<sup>77</sup> GADOTTI, 1995, p. 26.

própria história da humanidade. Não se poderia pensar de outra forma que não uma concepção dialética da história para embasar tal raciocínio. Talvez justamente nesse ponto se encontre os motivos que levam a tentativas de distanciar as abordagens do Círculo para a linguagem das elaborações materialista-marxistas, haja vista o critério de classe assumido pelos autores da proposta materialista de análise da realidade.

Marx e Engels, nos preceitos da *Ideologia alemã*, reconhecem não haver regras que possam garantir a verdade de um fenômeno. Do ponto de vista marxista, não há uma verdade objetiva, mas verdades, o que remete à perspectiva de classe, tal como entendida por Marx. Nesse contexto, assumir que os escritos do Círculo tomam por base fundamentos epistemológicos de cunho marxista prescreveria estes estudos em perspectiva de classe.

Elucidados os conceitos apresentados da dialética, o capítulo que segue será dedicado a apresentar uma proposta de abordagem metodológica para o trabalho proposto. Procuraremos demonstrar epistemologicamente como proceder em análise dialética dos textos a serem investigados.

### 3 A DIALÉTICA NOS ESCRITOS DO CÍRCULO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO

O movimento investigativo anunciado como problema e objeto da presente pesquisa, teórica e metodologicamente, compreende a linguagem, especificamente objetivado no *enunciado*, concebido como constructo sócio-histórico, como fenômeno social, como atividade humana partícipe da totalidade da organização social humana.

A aludida concepção fundamenta como necessária a intervenção analítica e reflexiva acerca das relações que se coadunam na formação do objeto analisado, buscando elucidar-se a própria constituição desse objeto. Esse exercício, considerado como referencial concreto da pesquisa proposta, intenciona uma intervenção metodológica de análise ligada à prática linguística, a partir da identificação das relações manifestas nessa prática, e da identificação da base epistemológica dessas unidades em contexto de análise teórica dos escritos do Círculo de Bakhtin e das obras marxistas, em específico *Ideologia alemã* e *Manuscritos econômicos e filosóficos*.

Decorre do próprio objeto de estudo, aqui proposto, a exigência analítica como movimento dialético e dinâmico, na busca de superar supostas dissimulações da realidade, enquanto homogeneização e petrificação conceitual, o que constituiria a pseudoconcreticidade questionada por Kosik.<sup>78</sup> Não estamos falando da dialética como método de pesquisa, mas como concepção de mundo, “enquanto um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano de conhecimento e no plano da realidade histórica.”<sup>79</sup>

Essa concepção também caracteriza, como decorrente do próprio objeto de estudo, resultados analíticos atravessados ora pela contradição, ora pela reprodução. Cury (1986) aponta a categoria contradição como potencializadora da própria investigação científica, uma vez que possibilita a busca da essência e sua manifestação no fenômeno enquanto realidade concreta e manifesta.

<sup>78</sup> Conceitos trabalhados no capítulo anterior.

<sup>79</sup> FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e formação humana. Ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, Pablo e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 31-93.

Para Cury<sup>80</sup>, “a racionalidade do real se acha no movimento contraditório dos fenômenos pelo qual esses são provisórios e superáveis. [...] Negar a contradição no movimento histórico é falsear o real, representando-o como idêntico, permanente e a-histórico”. Uma concepção do objeto investigado que se negue a perceber a contradição como inerente compromete o próprio conceito de *enunciado*, dado que, se retiramos a contradição e o movimento de negação intrínseco a este objeto, passamos a representá-lo em uma realidade linear, mecânica, inexistente de fato.

Nesse sentido, mesmo reconhecendo a função instrumental na análise da realidade social desempenhada pela contradição, concebida como categoria interpretativa, queremos propor, aqui, que esta se apresente como o próprio movimento do real. Partimos do pressuposto de que o princípio da contradição é inerente ao conjunto das relações sociais, sendo a linguagem, em seu caráter social de disseminação semântica, portadora natural da contradição da própria estrutura da sociedade. Contradição que a mesma sociedade busca superar quando da elaboração de possíveis consensos e discursos homogeneizantes.

Assim, neste trabalho, a contradição é assumida como questão política e de luta ideológica, materializada no reconhecimento da historicidade dos fenômenos sociais e de sua natureza indeterminada, mas profundamente demarcada pelas relações de produção e interesses econômicos, com forte articulação e instrumentalização da ação linguística.

Ou seja, entendemos que, para compreender de fato a linguagem, é necessário pensarmos sua inserção na categoria de ato humano, portanto participante ativo das relações sociais que determinam a própria existência humana. O que se pretende é compreender o mundo do trabalho humano como um todo, compreensão que se estende a toda atividade humana envolvida nessa práxis, em específico, no caso desta investigação, a linguagem.

O propósito deste trabalho de releitura é desenvolver a pesquisa numa situação de análise de textos teóricos de autores de campos diferentes, unidos por uma dada abordagem da realidade, a dialética. A proposta se fundamenta, também, na afirmação de Quartiero; Bianchetti, segundo a qual:

---

<sup>80</sup> CURY, C. R. J. *Educação e contradição*. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. p. 27.



Submeter à análise palavras, frases, expressões ou conceitos é um exercício que pode contribuir para trazer à luz aspectos relacionados à sintaxe, à morfologia, à etimologia, à exegese ou remeter a autoria, dependendo do interesse em voga. Esse exercício ganha destaque quando, além desses aspectos, questões relacionadas às condições históricas que os envolvem e que permitiram a sua constituição – nas perspectivas cronológica, fática, aparente e nos seus contornos e desdobramentos ideológicos – são trazidas à tona.<sup>81</sup>

Nesse aspecto torna-se importante salientarmos que, ao interpretarmos as obras, estamos na concepção bakhtiniana conferindo responsividade ao ato em si. A interpretação mesma constitui-se ato dialógico e, como afirma Di Fanti,

[...] o pesquisador não é um mero decodificador dos fatos que se apresentam, como seria o receptor/ouvinte na cadeia de comunicação, conforme entendiam os formalistas russos, simplificando o processo complexo da comunicação verbal. Pelo contrário, o pesquisador toma atitudes diante do objeto de estudo, que é opaco, apresenta-se com “ruídos”, não é decodificável, no sentido de explorar a sua complexidade e de responder às questões que daí surgem.<sup>82</sup>

Por essa perspectiva, o dialogismo insere a pesquisadora deste texto no diálogo de pergunta e resposta entre a teoria e a análise reflexiva de um objeto, o qual nunca irá se mostrar passivo enquanto objeto de investigação. Por isso, o desafio central do trabalho é construir um espaço teórico-metodológico que possibilite abordar o próprio diálogo de investigação. As reflexões aqui apresentadas procuram apontar para uma relação intrínseca e indissociável entre a linguagem e o trabalho, concebido como categoria humanizadora. Interessa-nos a unidade destas grandezas na constituição de ato humano e nas articulações entre ambos na práxis cotidiana dos indivíduos.

No conjunto do trabalho, buscaremos elucidar as relações constituidoras do enunciado, relação alteritária, relação dialógica, relação ideológica e a unidade dos gêneros do discurso. Procuraremos desfazer o isolamento de cada uma, evidenciando que, em uma concepção dialética do objeto, a abordagem não dicotômica torna-se imperativa.

Assim, a referida análise qualitativa, reclamada pelo objeto de estudo, responderá, enquanto técnica de abordagem dos dados, pela análise documental. Técnica que pode ser utilizada como complementar a outras técnicas, reconhecida como recurso que potencializa o desvelamento de aspectos novos de um tema ou problema.<sup>83</sup>

<sup>81</sup> QUARTIERO, E. M.; BIANCHETTI, L. Universidade e educação corporativa sobre formação de trabalhadores e políticas igualitárias. In.: SILVA JR, J. dos R. (Org.). *O pragmatismo como fundamento das reformas educacionais no Brasil*. Campinas: Alínea, 2007. p. 47-77.

<sup>82</sup> DI FANTI, op. cit., p. 18.

<sup>83</sup> LUDKE, op. cit

A leitura dos textos, neste trabalho, corresponde a um esforço de identificação de evidências nos documentos a partir do campo de interesse e hipótese da pesquisa, a saber: buscamos evidências da abordagem dialética marxista presentes nos textos do Círculo de Bakhtin sobre linguagem.

Na busca por materialidade objetiva e contextualizada, a pesquisa delimita, como recorte bibliográfico analisado, as seguintes obras: (i) Círculo de Bakhtin: *Para uma filosofia do ato; Estética da criação verbal*, em especial os ensaios O autor e a personagem na atividade estética; A respeito de problemas da obra de Dostoiévski; Adendos: Apontamentos e Metodologia das ciências humanas; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem; Problemas da poética de Dostoiévski; Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. em especial o ensaio *O discurso no romance*; (ii) Marx e Engels: *Ideologia alemã e Manuscritos econômico-filosóficos*.

A interpretação das obras estudadas será efetuada pelo método de análise de conteúdo, enquanto “técnica que se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento”<sup>84</sup>

Esta técnica procura reduzir o volume de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação ou, enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação.<sup>85</sup>

A análise, na presente pesquisa, objetiva, em conformidade a Bardin,<sup>86</sup> “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”, buscando o máximo de pertinência e uma compreensão crítica do sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente e as significações explícitas ou ocultas.

Seguindo a hipótese que guia este estudo, segundo a qual as elaborações do Círculo que versam sobre a temática da linguagem são manifestações de uma concepção dialético-materialista da realidade e que, por isso, os conceitos bases da abordagem de linguística construída pelo Círculo de Bakhtin, nas obras que nos propomos analisar, podem ser evidenciados nas construções dos conceitos marxistas, buscamos observar como a dialética materialista encontra eco nas elaborações do pensamento do Círculo. Optamos por considerar

<sup>84</sup> CHIZZOTTI, 1998, op. cit., p. 98.

<sup>85</sup> op. cit., p. 98.

<sup>86</sup> BARDIN, L. *Análise de cConteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

Medevdev presente nas elaborações por conta do diálogo que se acredita ter existido na elaboração dos escritos, mas não serão analisadas obras com a assinatura deste membro. Mais do que isso, propomos que, sem a unidade do todo em suas contradições, se torna unilateral e pseudoconcreta qualquer análise linguística. Em outras palavras, mais diretas, o estudo de um dos aspectos relacionais constituidores do enunciado não pode ser real sem o todo da relação que constitui a linguagem, posto que não se pode abrir mão de nenhum dos princípios da dialética para a análise em si.

A busca por uma aproximação das reflexões em torno da linguagem dos escritos de Bakhtin, e seus pares, de uma concepção materialista da realidade implica que se busque construir no próprio texto a expressão de um método dialético-materialista de exposição. Além disso, procuraremos relacionar alguns aspectos ou relações abordadas pelo Círculo com categorias igualmente relacionais apresentadas pelos pensadores marxistas, buscando as convergências com a própria visão dialético-materialista.

Conforme abordamos, há que se buscar adotar o método dialético na investigação e na exposição dos resultados. Por isso, passamos a expor brevemente como Marx propõe a aplicação da dialética como método de investigação da realidade e posterior método de exposição, forma pela qual pretendemos explicitar a própria metodologia deste trabalho.

Nos chamados *Manuscritos de 1857*, Marx apresenta uma súpula do que ele mesmo denomina de “o método científico correto” para uma elaboração do conhecimento. O texto trata especificamente da Economia Política, contudo se presta à generalização, se considerado no conjunto da escrita de Marx, da qual constitui a base inicial.<sup>87</sup> Marx, nesse texto, observa a prática dos economistas, seus predecessores na análise econômica, para caracterizar o método que se mostre mais acertado em uma análise que se proponha explicar economicamente a sociedade.

A primeira observação que se deve fazer é de que os economistas partiam sempre de dados vivos, como Estado, nação, população, e deviam sempre chegar a categorias e relações abstratas como a divisão do trabalho, dinheiro, valor etc. É com base nessas categorias, sejam elas mais ou menos abstraídas, que os economistas estruturavam o sistema econômico, partindo sempre de noções simples para constituir um “mercado mundial” complexo.<sup>88</sup> Assim, o que nos economistas do século XVII era manifestação empírica e intuitiva de análise torna-se, em Marx, um método caracterizado “que conduzirá em plena consciência de seus

---

<sup>87</sup> PRADO JR. Caio. *Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista*. Divisão de Acervo Histórico. Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/caio.pdf>. Acesso em: 10 maio 2010. p. 19.

<sup>88</sup> PRADO JR., op. cit., p. 20.

procedimentos, no caminho da elaboração da teoria do sistema capitalista”.<sup>89</sup> Para nosso trabalho, importa saber que a descrição feita por Marx do que ele considerou essencial nos procedimentos de análise do sistema nos oferece o ponto de partida para a compreensão do método científico– o método dialético materialista.

Segundo Prado Júnior, o essencial para Marx constitui-se na determinação de relações pela análise. Torna-se fundamental esclarecer que “relação” neste caso significa o modo como as situações da realidade exterior ao pensamento, como objeto do conhecimento, se arranjam e se compõem tanto em si, quanto entre si, em determinado tempo e espaço: “É essa disposição respectiva, na simultaneidade e na sucessão, das feições do Universo, ou relações presentes na realidade, e nela incluídas, é isto que o pensamento trata de aprender e representar mentalmente, constituindo com isso o que entendemos por Conhecimento.”<sup>90</sup>

Esse autor. explica, dessa forma, que “relação” para os escritos marxistas não deve ser tomada no sentido de uma ligação entre objetos distintos. Nesse caso, os objetos manteriam sua individualidade e a relação não seria determinante em sua constituição. A questão aqui é que a relação engloba os objetos em uma totalidade, formando uma nova unidade. “Num sistema de conjunto dado precisamente pela relação que vem a ser a disposição sincrônica e diacrônica dos mesmos objetos, pela posição espacial e sucessão temporal respectiva de cada um com respeito aos demais e da totalidade que relacionados eles constituem.”<sup>91</sup>

Assim, compreende-se que as feições e situações da realidade, ao serem tratadas como objetos do Conhecimento, podem ser discriminadas e individualizadas somente como elementos do sistema em que se totalizam e unificam. Essa realidade totalizante Marx chama de concreto e reconhece como a unidade presente na diversidade. Justifica-se nisso a assertiva de que a totalidade constitui muito mais do que a soma de suas partes. A totalidade é antes a relação que une as partes e faz com que sejam constituídas em um sistema de conjunto que modifica a individualidade de cada uma, ou que se transforma em nova individualidade que é a função exercida no todo e que só pode ser desempenhada nesse todo.

Prado Jr faz uso da metáfora da floresta e bem explica as relações em um sistema. Diz o autor: “[...] floresta constitui um sistema de relações em que se desfaz e nele se absorve a individualidade das árvores, por seu turno também constituem, cada uma de per si, um

---

<sup>89</sup> PRADO JR., op. cit., p. 21

<sup>90</sup> PRADO JR., op. cit., p. 22

<sup>91</sup> PRADO JR., op. cit., p. 23

sistema de relações”. Observando o desenho que segue, o autor indaga o que há nessa representação que determina que se reconheça como uma árvore?<sup>92</sup>



Na sequência do texto, Prado Jr. explica que é a forma em que os traços do desenho se dispõem, configurando uma rede de relações estabelecidas no traçado que garantem a interpretação. O conhecimento elementar da configuração ou da imagem visual do que seria uma árvore consiste em representação mental de relações. Se abandonar-se o desenho e buscar-se aplicar tal procedimento de forma mais ampla no que constitui uma árvore na realidade, veremos que ela é um organismo vegetal e que assim é em função de relações estabelecidas por suas partes.

Aquilo que se apresenta como individualidade de uma parte qualquer, tronco, raízes, folhas etc. é uma dada função na totalidade da árvore. O tronco só é tronco na função de sustentação da árvore, como organismo que conduz a seiva que a alimenta. Separado da totalidade orgânica árvore, torna-se somente matéria em decomposição, lenha. Portanto, a individualidade de tronco é concedida pelo conjunto de relações estabelecidas na unidade totalizante árvore. Acrescente-se a isso que a própria totalidade é função das partes nelas integradas e relacionadas.

Assim, o que se procura conhecer como realidade são relações e estruturas de sistemas que caracterizam cada situação ou objeto do conhecimento. O que resta reconhecer e recuperar então seria o condicionamento e a determinação mútua entre os elementos em um sistema. Cada parte integrante de uma totalidade é função dessa totalidade e deriva diretamente dela a sua individualidade.

Compreendendo, dessa forma, a abordagem de um dado objeto da realidade que se queira conhecer, deve-se considerar antes a totalidade, as relações recíprocas de constituição

---

<sup>92</sup> PRADO JR., op. cit., p. 24.

dos elementos para só então chegar ao que se pode denominar de característica particular ou individualidade. Essa postura epistemológica nos exige uma reflexão acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Investigar um fenômeno para o qual se tem a hipótese de constituição dialética exige que nos aproximemos teoricamente do próprio “método investigativo”. Não se torna possível reivindicar caráter dialético sem um caminho dialético no que diz respeito à apresentação e análise deste objeto. Dessa forma pensado, o próprio trabalho de escrita torna-se objeto de concretização da hipótese, ou não. Em outras palavras, é preciso encontrar uma escrita que não desrespeite e nem desconstrua a dialética da linguagem, ou seja, a relação como unidade concreta.

Dado que, em nosso entendimento, tal tarefa não se encontra suficientemente difundida e/ou elaborada no campo da linguística (motivação da própria pesquisa), o que primeiro assumimos é o risco de adentrarmos em conceitos elaborados e construídos em campo diverso de atuação acadêmica. As leituras nesse sentido exigem um esforço de compreensão e, sobretudo, de rompimento de paradigmas já construídos.

É nesse esforço mesmo que buscaremos aplicar o princípio de análise dialética aos conceitos trazidos pelo Círculo acerca da linguagem. Para isso, realizamos nos escritos de Marx e Engels uma busca com o intuito de identificar a forma de análise proposta por estes autores, ainda que para objetos diversificados do nosso. Assim, esperamos neste texto que segue, nesta unidade, esclarecer a análise e a exposição dialética tomadas por base em Marx e Engels.

Faremos isso no intuito de elucidar as questões contraditórias que se fazem presentes na exposição de um dado objeto pesquisado, quando este objeto é “pensado” a partir de preceitos dialéticos. O texto pretende esclarecer o quanto opostas são as tarefas de investigação e de apresentação de resultados para os autores – Marx e Engels.

Marx, no Capítulo I do *Livro III*, assume que as tarefas de investigação e apresentação de um fenômeno exigem métodos inversos de concretização. A pesquisa deve analisar de forma pormenorizada, detalhando os aspectos que estabelecem entre si algum tipo de relação, em especial a de contradição. Somente depois de identificados os elementos da contradição e as ligações existentes no fenômeno, tais aspectos devem ser abordados em sua unidade real concreta.

A exposição, ao contrário, é a síntese do objeto ou fenômeno estudado. Na apresentação, o objeto é paulatinamente revelado, de acordo com suas peculiaridades. No método dialético de exposição, o fenômeno deve apresentar-se de forma que o leitor possa apreendê-lo em sua totalidade. Por isso, a apresentação realiza aproximações gradativas que

vão se tornando cada vez mais abrangentes, a fim de tornar o fenômeno acessível em sua totalidade, em seu movimento, em sua contradição e em seu caráter inacabado.

O procedimento investigativo, desse modo, decompõe em uma análise metódica para o método de exposição unir e explicitar a essência simultaneamente mostrada e velada no fenômeno. Esse processo de recorte das partes e unidade, concomitante e inerente, é o que tentaremos demonstrar no próximo Capítulo, ao buscarmos oferecer ao leitor o caminho para construir o objeto de estudo em concepção dialética. Para isso, realizamos uma pequena introdução da unidade concreta de análise – o enunciado. Esse conceito se faz importante para delimitarmos em que unidade as relações que seguem se constroem. Na sequência, tratamos da constituição alteritária do enunciado.

Em cumprimento com a proposta dialética de escrita, realizamos ainda um cotejamento entre as ideias apresentadas pelo Círculo de Bakhtin e os autores Marx e Engels, procurando demonstrar a interpelação possível entre as concepções. Em seguida, buscamos elucidar a constituição dialógica do enunciado, relacionando esse aspecto com o trabalho marxista em questão. O estudo, a seguir, se volta para os aspectos ideológicos do enunciado, momento em que o cotejamento com os escritos marxistas se mostram mais visíveis. Para encerrar o capítulo, tratamos da questão dos gêneros discursivos, concebidos enquanto uma análise sociológica, totalizante segundo os escritos de Marx e Engels.

Cada uma das partes constituidoras do capítulo seguinte pretende elucidar os conceitos, como parte de um sistema de relações, bem como busca uma dada aproximação dos conceitos do Círculo com os princípios da concepção dialético-materialista da realidade. Em suma, a proposta da reflexão do texto que segue é trazer ao leitor algumas das principais elaborações linguísticas do Círculo em cotejamento com o que se compreende por dialética materialista, o que se fará explicitando categorias marxistas de análise.

#### 4 RELAÇÕES NA LINGUAGEM: RESSONÂNCIAS DIALÉTICO-MATERIALISTAS

Começamos este capítulo com a proposta de reflexão acerca da linguagem expressa em *Marxismo e filosofia da linguagem*: “Mas o que é que se revela como o verdadeiro núcleo da realidade linguística?”<sup>93</sup> A longa resposta a esta questão sugere rumos para um estudo linguístico voltado para a realidade concreta de uso da linguagem, colocando a enunciação, enquanto produto social, no foco dos estudos.

A construção de uma concepção do objeto a ser investigado nos estudos linguísticos toma por base o caráter simbólico da linguagem, o que a define como *signo*. Tal objeto encontra a sua realização material, concreta, no enunciado. De tal forma que uma investigação linguística inicia-se no estudo do enunciado, na compreensão do qual se coteja conceitos que procuram representar características intrínsecas, marcas da natureza heterogênea do objeto em estudo, a saber: *alteridade, dialogicidade e ideologia*.

Essas três propriedades básicas – *alteridade, dialogicidade e ideologia* – delimitam o estudo e exigem outros constructos teóricos ou categorias de análise que sejam capazes de demonstrar, na materialidade da linguagem, tantos aspectos envolvidos na linguagem, em sua unidade concreta – o enunciado.

A enunciação é para Bakhtin/Volochinov (1929/2004) a unidade essencial na conformação da linguagem como fenômeno concreto. As definições de linguagem, apresentadas pelo Círculo, apresentam sempre um caráter múltiplo que determina o objeto de estudo como sendo dinâmico, histórico, fenomenológico, sociológico, ideológico e dialógico.<sup>94</sup> Assim, nenhuma das partes envolvidas no processo de constituição da linguagem se institui do ponto de vista isolado, mas se compõe na determinação recíproca, na relação unitária e coerente do todo, materializado no enunciado.

O que procuraremos demonstrar nesse capítulo é que o enunciado é uma concepção do que se denomina unidade dialética, já que conjuga em sua concretização os princípios: 1) interação das partes; 2) lei do movimento, portanto da singularidade; 3) mudança qualitativa; 4) unidade e luta dos contrários, já que reflete e refrata a realidade. Assumir tais pressupostos implica reconhecermos que a linguagem é antes de tudo uma manifestação das relações que a constituem como – *alteridade, dialogicidade, ideologia*. Bakhtin/Volochinov assumem o

<sup>93</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) *Marxismo e Filosofia a Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

<sup>94</sup> SOUZA, op. cit.



aspecto totalizante das relações ao preconizarem que a substância da língua é o processo de interação no qual o enunciado se efetiva.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.<sup>95</sup>

Assim, na busca da compreensão do enunciado, enunciação (O tradutor da versão russa de *Estética da Criação Verbal* considera enunciado e enunciação como termos equivalentes.), começaremos por elucidar a compreensão da linguagem como ato humano, práxis, constituída e somente possível na relação do indivíduo com ele próprio, com a natureza e com os demais.

Para tanto, organizamos esta reflexão em quatro partes. Na primeira parte, tratamos da constituição alteritária do enunciado, versando sobre a unidade concreta de análise – o enunciado. O conceito de enunciado se faz importante para delimitarmos a unidade em que as relações observadas se constroem.

Nos três primeiros tópicos do capítulo, procuramos mostrar separadamente cada uma das propriedades contidas na relação unitária – linguagem. Já, na quarta parte, tratamos da unidade interdependente das propriedades, concebida nos gêneros do discurso. O fato de abordar separadamente cada um dos aspectos quer somente tornar mais objetiva a análise, mas faz parte de nossa hipótese reconhecer que cada uma não pode em uma análise do fenômeno ser vista de forma isolada.

De forma resumida, procuramos desenvolver reflexões que respondam às seguintes questões: que relações podem ser apreendidas entre os escritos do Círculo e a abordagem dialética proposta pelo marxismo? Como nas reflexões sobre linguagem propostas pelo Círculo de Bakhtin aparecem indícios de vínculo com uma visão dialética da realidade? Em que concepções a leitura produtiva da obra bakhtiniana se torna mais clara se cotejada a conceitos dialéticos de Marx e Engels?

---

<sup>95</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 123

#### 4.1 A constituição alteritária do enunciado

A alteridade constitui a base primeira do enunciado, não porque seja mais importante do que as demais relações expressas nessa unidade, mas dado que se pode pensar como início mesmo da materialização do fenômeno em estudo. Por isso, escolhemos iniciar o texto também por essa dimensão que demarca a própria existência do enunciado, em conformidade com a existência social da humanidade.

Como anunciamos na Introdução e também na metodologia da pesquisa, a compreensão do enunciado aqui proposta é como ato humano, integrante das relações humanas existenciais. Iniciemos então por elucidar a constituição do próprio ato humano, descrito e estudado por Marx e Engels<sup>96</sup> e tratado por Bakhtin, especificamente, em *Para uma filosofia do ato*. Não nos limitaremos a esses textos, mas serão eles a base principal da reflexão que segue.

Em *Idelologia alemã*, Marx e Engels procuram explicar como de fato se dá a própria existência humana e a constituição dos atos históricos da humanidade. A discussão apresentada pelos autores retoma as origens do ato humano, trazendo a noção de que a formação da sociedade só ocorre, ocorreu, devido ao fato de que o homem tem de satisfazer certas necessidades. O meio de satisfação das necessidades humanas mais básicas, garantindo a própria vida, é uma dada intervenção na natureza, uma atividade, o trabalho.

O primeiro pressuposto de toda a história humana, é, naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. [...] Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história. [...] O primeiro ato histórico desses indivíduos, pelo qual eles se diferenciam dos animais, é [...] o de começar a produzir seus meios de vida.<sup>97</sup>

A própria satisfação das necessidades primeiras dá origem a novas necessidades, isso constitui o ato histórico de formação da sociedade. Esses mesmos homens que dão conta de suas necessidades primeiras, gerando novas necessidades, também dão origem a novas vidas, na formação da família, a qual constitui, inicialmente, a única relação social. Mas Marx e Engels<sup>98</sup> destacam que esse processo é um *contínuo*, ampliando por isso as relações sociais em si.

---

<sup>96</sup> MARXS E ENGELS, op. cit.

<sup>97</sup> MARX E Engels, op. cit., p. 87.

<sup>98</sup> MARX E Engels, op. cit., p. 33.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla –, de um lado, como relação natural, de outro como relação social-, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade.<sup>99</sup>

Marx e Engels<sup>100</sup>, ao apresentarem a ontologia do trabalho como base primeira de suas elaborações, que são reconhecidamente o começo da conceituação da dialética materialista, assumem que o trabalho, como *práxis*, é o determinante na formação da consciência. As condições concretas e materiais da existência, entendidas aqui como as relações de trabalho do homem que levam à constituição de uma sociedade, que tem por base uma dada divisão do trabalho, estruturam a consciência.

Para esses autores, a linguagem constitui a materialidade da consciência e, por isso, também a linguagem encontra sua base material na *práxis* humana, nas formas e nas relações de trabalho e organização social. Pensada de forma dialética, a relação do homem com seu trabalho constitui-se como atividade, sendo uma ação do homem com a natureza e uma interação entre ele e os outros homens. A vida do homem é fundamentada nessa relação, denominada pelo marxismo de *práxis*.<sup>101</sup> Desde o início da formação social, é a *práxis* capaz de determinar a consciência e, portanto, a linguagem.

Somente agora, [...] descobrimos que o homem tem também “consciência”. Mas esta também não é desde seu início, consciência ‘pura’. O ‘espírito’ sofre, desde o início, a maldição de estar ‘contaminado’ pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem.<sup>102</sup>

Assim, o que se depreende é que a linguagem, da mesma forma que a consciência, se forja na relação com o outro e com a natureza. De tal forma que se evidencia a alteridade intrínseca da linguagem, como ato humano, nas definições de Marx e Engels<sup>103</sup>.

Ao referenciar o modo de produção da vida humana, Marx e Engels asseveram que o próprio indivíduo torna-se o seu ato de produção e sua produção em si, ou ele é o que consegue exteriorizar nessa *práxis* humana de existência.

<sup>99</sup> MARX e ENGELS, op. cit., p. 34.

<sup>100</sup> MARX/ENGELS op. cit.

<sup>101</sup> MARX E ENGELS, op. cit., p. 37.

<sup>102</sup> MARX E ENGELS, op. cit.

<sup>103</sup> MARX/ENGELS. *A ideologia alemã*. Trad. de Rubens Enderli et al. São Paulo: Boi tempo Fontes, 2012.

Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vidas desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. [...] O que os indivíduos são, portanto depende das condições materiais de sua produção.<sup>104</sup>

Uma compreensão semelhante a essa parece ser desenvolvida sobre as bases filosóficas da linguagem em *Para uma filosofia do ato* (PFA). Nesse texto<sup>105</sup>, considera que o ato se constitui do pensamento humano assinado por um sujeito, o que torna tal pensamento válido. O autor argumenta que a assinatura é a expressão de uma *posição*, estando longe de constituir expressão subjetiva. Assinar é esclarecer um pensamento com abordagens que só podem ser vistas ou ditas a partir do lugar social que se ocupa – (Lugar único aqui se relaciona com a questão de exotopia, tratada mais adiante).

Assinatura, nessa perspectiva, significa não fugir de expressar aquilo que só pode ser visto pela singularidade. Ao assinar um pensamento, tornando ato, o sujeito se declara em determinado tempo e espaço, assumindo-se como ser real que se apropria de seu contexto. Por isso, se pode dizer que o ato pensado por Bakhtin é também manifestação de *alteridade*, visto que se faz em confronto com os outros sujeitos.

Bakhtin, em PFA, aprofunda a definição de ato buscando explicações em uma questão que se revela existencial: *por que devo pensar?* A resposta é elaborada no plano do dever, demonstrando que o autor tinha preocupações éticas, as quais queria discutir com tal texto. O ato de pensar justifica-se justamente pela necessidade de ocupar um dado lugar, uma dada posição no contexto de existência humana. É necessário reconhecer um *conhecimento* como meu, dentro da lógica da minha existência singular, o que me leva a assinar tal pensamento.

O que pode dar sentido ao pensamento é a articulação entre o ser e a cultura, somente produzida no ato, ou seja, na assinatura do pensamento. Bakhtin define o ato de pensar como uma “atitude imperativa da consciência”, algo do qual o ser humano pouco tem em se abster, tornando-se a própria humanização do ser.

<sup>104</sup> MARX E ENGELS, op. cit., p. 87.

<sup>105</sup> BAKHTIN, Michail. *Para uma filosofia do ato*. 1920-1924/s.d., p. 58

Aqui está o ponto de origem da ação responsável e de todas as categorias do dever concreto, único e necessário. Eu, também, existo [et ego sum] (em toda a plenitude emocional-volitiva, realizadora [postupochnaia] dessa afirmação) realmente – no todo, e assumo a obrigação de dizer esta palavra. Eu também participo do Ser de uma maneira única e irrepitível: eu ocupo um lugar no Ser único e irrepitível, um lugar que não pode ser tomado por ninguém mais e que é impenetrável a qualquer outra pessoa. [...] Aquilo que pode ser feito por mim não pode nunca ser feito por ninguém mais.<sup>106</sup>

O texto em questão, *Para uma filosofia do ato*, foi revelado pelo próprio Bakhtin em 1970, tempos em que já se acreditava salvo dos exageros de Stalin. Segundo Katerina Clark e Michael Holquist e Caryl Emerson, esta obra deve ter sido redigida entre os anos de 1920 e 1924, permanecendo como manuscrito inacabado e sem título até sua publicação na Rússia, em 1986. O texto faz parte de um conjunto de manuscritos que Bakhtin havia guardado em um esconderijo em Saransk, após o retorno do exílio no Cazaquistão.<sup>107</sup>

É importante compreender a contextualização desse trabalho, para o próprio entendimento do texto. Como já afirmamos no capítulo *O círculo de Bakhtin*, o período entre 1920 e 1924 foi de grande efervescência política na Rússia, após a revolução socialista. A escritura do texto deixa transparecer o vigor intelectual do jovem Bakhtin em contraste com sua fragilidade física, uma debilidade óssea que prejudicou sua grafia. Em momentos de maior sofrimento, o autor ditou a sua esposa suas ideias, excertos que parecem mais legíveis. Dado o péssimo estado em que os manuscritos foram encontrados, palavras, que não puderam ser decifradas, foram sinalizadas no texto: algumas <i> quando não puderam ser decifradas e outras por <?> quando se arriscou uma leitura hipotética.

A importância de PFA deve-se ao fato de ser considerado a base filosófica para todas as demais obras da teoria bakhtiniana. Mas além das dificuldades de leitura já mencionadas, há uma complexidade interpretativa, atribuída à necessidade de o leitor reconhecer os diferentes diálogos estabelecidos com complexos pensamentos filosóficos. Sobral (1999), nessa direção, apresenta um esboço detalhado do percurso filosófico traçado por Bakhtin em PFA, discutindo com quem o autor pretendia concordar ou discordar. Há um papel de destaque dado à filosofia alemã, particularmente a de Kant, leitura realizada por Bakhtin desde muito cedo e que foi objeto de seus cursos.

A este trabalho não cabe uma abordagem específica, por isso mais aprofundada, do texto em questão, apenas interessa marcar a importância de uma leitura atenta, talvez feita por conhecedores da filosofia, dos filósofos citados e aqueles apenas subentendidos em PFA, a

<sup>106</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 58.

<sup>107</sup> HOLQUIST, Michael; CLARK, Katerina. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

qual, estamos convencidas, traria uma abordagem dos textos seguintes de Bakhtin mais produtora. Essa leitura poderia, entre outros esclarecimentos, apontar a originalidade dos conceitos base, pelos quais Bakhtin procura explicar a linguagem. Todorov chega a afirmar que se pode encontrar em Heidegger a ideia de que o diálogo constitui essencialmente a linguagem. Assim, se poderia elucidar a intertextualidade presente nesse texto do ponto de vista dos conceitos em sua compreensão filosófica, como sugere Amorin (2006<sup>108</sup>).

Bakhtin propõe como questão central em PFA a elucidação da dimensão ética de um pensamento teórico. Para tanto, aborda duas verdades: a *instina* e a *pravda*. O pensador propõe o termo russo *istina* para designar a verdade de um conteúdo teórico, mas assevera que isso não garante a esta teoria a dimensão ética. A ética de um pensamento só pode surgir no ato de pensar que implica um sujeito, único. Assim, no campo da abstração, a teoria obriga-se apenas a ser verdadeira em seu conteúdo. Uma dada teoria, que seja verdadeira, é pensada por alguém único e singular e vira por isso ética. Somente ao ponto que vire ética é que a teoria verdadeira se completa em *pravda*. Se não temos o ato de pensar de um sujeito, o conhecimento é parcial e abstrato. É pelo ato concreto, ético e responsável, que o mundo da cultura e o mundo da vida se tocam mutuamente. Nesse sentido, o ato de criar é um dado posicionamento em relação a própria criação, acresce valor e o criador é responsável por este ato.

A filosofia da cultura contemporânea está empenhando-se em estabelecer essa interconexão essencial, mas ela procura fazer isso do interior do mundo da cultura. Valores culturais são valores-em-si, e a consciência viva deve se adaptar a eles, afirmá-los por si, porque em última análise a criação [?] é cognição. Enquanto eu estou criando esteticamente, eu reconheço com isso responsabilmente o valor do que é estético, e a única coisa que eu devo fazer é reconhecê-lo explicitamente, realmente.<sup>109</sup>

O tom emocional-volitivo, abarcando e permeando o Ser-evento único, não é uma passiva reação psíquica, mas uma certa atitude de dever da consciência, uma atitude que é normalmente válida e responsabilmente ativa. É um movimento responsabilmente da consciência, que transforma a possibilidade na atualidade de uma ação realizada (uma ação de pensar, sentir, desejar, etc.). Nós usamos o termo emocional-volitivo para designar precisamente o momento constituído pela minha auto-atividade numa experiência vivida – a experimentação de uma experiência como minha: eu penso – realizo uma ação por pensamento.<sup>110</sup>

<sup>108</sup> AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.

<sup>109</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 52-53.

<sup>110</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 54.

O ato para Bakhtin é assim um ato de criação, em que se concretiza o pensamento teórica e culturalmente. A característica essencial de ato é constituir-se, como dito anteriormente, de assinatura, de posicionar-se, portanto de alteridade, pois o sujeito pensa e assume seu pensamento perante o outro. O ato é uma atitude ética em que o sujeito se arrisca, sendo convocado a pensar. O ato é determinado, não pode ser fortuito, pois do lugar onde o sujeito está só poderia pensar o pensamento mesmo que apresenta. O ato é a única forma de superação da divisão entre a cultura e a vida, nele se condensam teoria e prática, como na práxis – conceito dialético já mencionado.

Em sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade [pravda] como algo-a-ser-alcançado – uma verdade que une os momentos subjetivo e psicológico, exatamente como une o momento do que é universal (válido universalmente) e o momento do que é individual (real)<sup>111</sup>.

Bakhtin traz a ideia de *não-alibi no ser*, mostrando que não há para os seres humanos nenhuma justificativa para desresponsabilizá-los de seus atos. A responsabilidade advém da própria existência singular de cada indivíduo; se existe, não pode se eximir de tal responsabilidade. O imperativo do *não-álibi* determina que não há no ser a justificativa para não agir como sujeito em sua singularidade e subjetividade. Além disso, a posição no mundo, a própria existência em tempo e espaço confere responsabilidade ao sujeito; o ser acontecimento que se realiza como sujeito não torna possível uma abstenção do ato. O sujeito que não assume esta responsabilidade abstém-se de sentido.

Esse reconhecimento da unicidade da minha participação no Ser é a fundação real e efetiva da minha vida e minha ação realizada. Minha ação ativa afirma implícita sua própria singularidade e insubstituibilidade dentro do todo do Ser, e nesse sentido ela é colocada, de dentro de si, em imediata proximidade com as fronteiras desse todo e orientada dentro dele como um todo. Isso não é simplesmente uma afirmação de mim mesmo ou simplesmente uma afirmação do Ser real, mas uma não fundida mas individuada afirmação de mim mesmo no Ser: eu participo no Ser como seu único ator. [...] eu sou real e insubstituível, e portanto devo realizar minha unicidade. É em relação à toda a unidade real que meu único dever surge do meu lugar único no Ser. Eu, o um e o único eu, não posso em nenhum momento ser indiferente a (parar de participar de) minha vida inescapavelmente, obrigatoriamente única vida; eu preciso ter meu dever<sup>112</sup>.

A impossibilidade da indiferença garante a permanente renovação do ser, que se altera e se constitui pelo outro, como pressupõe a alteridade. Dessa forma a alteridade é parte constituidora do sentido do ser no mundo, de tal forma que o sentido não pode ser

---

<sup>111</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 47.

<sup>112</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 59.

compreendido como expressão de singularidade, mas como produto do *pensamento-ato*. Assim, o sentido só pode se formar na relação com o outro. Reafirma-se que é na articulação entre sujeito e cultura, no *pensamento-ato* que se torna possível o sentido do ser, enquanto participante da cultura, da história, da realidade. É assim que o sentido do ser se dá na participação consciente e responsável na cultura.<sup>113</sup>

A necessidade de um ato-pensamento é, para Bakhtin, uma questão ética de existência do sujeito. Não diz respeito a uma necessidade lógica, como no caso de uma teoria. Como não se trata de uma necessidade mecânica, trata-se de “necessitância<sup>114</sup>”. O dever de pensar implica uma impossibilidade de não pensar, consequência da posição ocupada em uma situação real de existência concreta. O ser real no acontecimento único do ato, em sua irrepetibilidade, completa o ser universal e idêntico, atualizando-o. Nesse processo, o ato, ético e responsável, contém entoação e valor, o que somente se torna possível de um lugar único e concreto na realidade.

Bakhtin busca uma relação entre ação e conteúdo ao afirmar que “Cada pensamento meu, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo – meu próprio ato ou ação individualmente responsável. É um de todos aqueles que fazem de minha vida única e inteira [...]”<sup>115</sup>. Assim o pensador russo pretende mostrar que o ato humano é um pensamento que constitui um todo do qual faz parte o conteúdo-sentido e a presença deste conteúdo em uma dada existência/consciência real. Nesse aspecto, parece notória a referência a Kant, em sua proposta racionalista que dispõe de generalizações e pressupõe juízos universais de valores. Em PFA, Bakhtin reconhece que é possível tomar-se “um pensamento como um juízo universalmente válido quando se toma o momento do conteúdo-sentido abstratamente. Nesse caso o aspecto histórico-individual é completamente imaterial.”<sup>116</sup> A validade de um juízo universalmente válido pertence à unidade teórica. A validade de um ato (pensamento concreto) deve incluir o momento mesmo da validação teórica, mas a validade teórica se esgota em si. A individualidade do sujeito pensante, pelo seu ato responsável, não se faz presente no “juízo teoricamente válido.”<sup>117</sup>

Vejamos alguns trechos de PFA:

---

<sup>113</sup> BAKHTIN, op. cit.

<sup>114</sup> Neologismo que tomou por base a tradução francesa da obra e se mantém na versão consultada.

<sup>115</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 22.

<sup>116</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 21.

<sup>117</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 21.



A tentativa de conceber o dever como a mais alta categoria formal [...] está baseada em equívoco. O dever é capaz de fundar a presença real de um juízo dado na minha consciência sob dadas condições, isto é, a concretude histórica de um fato individual, mas não a teórica veridicidade em si do juízo. O momento da veracidade teórica é necessário, mas não suficiente, para fazer de um juízo um juízo de dever para mim; que um juízo seja verdadeiro não é suficiente para transformá-lo num ato de dever do pensamento.

A afirmação de um juízo como um juízo verdadeiro é relacioná-lo a uma certa unidade teórica, e essa unidade não é de modo algum a unidade histórica única da minha vida.[...]

O dever surge apenas na correlação da verdade com nosso ato real de cognição, e esse momento de estar correlacionado é historicamente um momento único: ele é sempre um ato ou ação individual que não afeta em nada a validade teórica objetiva de um juízo, um ato ou ação individual que é avaliado e atribuído dentro do contexto unitário da vida real, única, de um sujeito.<sup>118</sup>

A partir dessa discussão, parece útil apontarmos o diálogo travado com Kant, supra mencionado. Bakhtin aceita a proposta de Kant para a ética formal, no entanto aponta limites, já que Kant reivindica que a lei reguladora do ato deve ser justificável enquanto conduta universal. Embora Bakhtin concorde que há determinação do ato no campo teórico, a generalização teórica não carrega em si o ato singular e sua concretude. Assim, a lei universal é reconhecida como parte da questão que deve integrar a reflexão acerca do ato, reconhecidamente um acontecimento único e irrepetível. A teoria, assim, torna-se o aparelho técnico do ato pensado pela consciência que age.

No todo, nenhuma determinação e proposição teórica pode incluir no seu interior o momento de dever-ser, nem é esse momento derivável delas. Não existe dever estético, dever científico, e – ao lado deles – um dever ético; há apenas aquilo que é esteticamente, teoricamente, socialmente válido, e tais validades podem ser reunidas pelo dever, do qual todas elas são instrumentos. Essas asserções ganham sua validade no interior de uma unidade estética, científica ou sociológica: o dever ganha sua validade dentro da unidade da minha vida responsável única. (p. 22)

A descoberta de um elemento a priori na nossa cognição não abre caminho para fora da cognição, isto é, de dentro de seu aspecto conteduístico, para o ato real cognitivo, historicamente individual; ele não supera a sua dissociação e mútua impenetrabilidade, e daí é preciso criar um *subjectum* puramente teórico para essa auto-atividade transcendente, um *subjectum* historicamente não-real – uma consciência universal, uma consciência científica, um *subjectum* epistemológico.<sup>119</sup>

Assumindo-se que a assinatura é compromissar-se com a singularidade e a participação no ser, devemos admitir a inserção do ato na relação de alteridade, relação em

---

<sup>118</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 22.

<sup>119</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 24.

que há o confronto com o outro na realidade concreta em que se insere. Assinatura é assumir-se como sujeito em um dado espaço-tempo, portanto ser real e concreto que transforma o seu contexto quando o assume em ato.<sup>120</sup>

A constituição alteritária do enunciado, como ato concreto, pode ser observada tanto na assertiva de Marx e Engels de que a consciência se forja na interação social e se encontra materializada na linguagem, como nas afirmativas de Bakhtin, de que a linguagem é ato singular, carregado de valor, determinado pelo tempo e espaço, de onde o sujeito se projeta em sua “assinatura.” A alteridade está na base de formação da consciência e não é negada na continuação do processo de formação de novas consciências, quando da assinatura do pensamento.

Além disso, Marx reconhece a constituição do próprio indivíduo naquilo que ele externaliza, seja na produção da vida em termos técnicos, seja no ato de comunicação, que é uma representação do real. Marx e Engels afirmam que a produção aparece com o aumento da população. Para eles o intercâmbio é intrínseco ao ato de produzir e condicionado em sua forma pela produção em si<sup>121</sup>. A alteridade presente no ato de Bakhtin parece relacionar-se diretamente com a práxis marxista, em que a ação humana se dá de forma contextualizada e transformadora.

Na introdução da *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx reafirma a necessidade de uma crítica à religião, e acrescenta que após se esclarecer a origem e o fundamento do mundo celeste, é preciso elucidar o que se pode estabelecer por verdade no mundo terrestre, material, concreto: “a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que, ou não se encontrou ainda ou voltou a perder-se. Mas o homem não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado a sociedade”.<sup>122</sup>

O conceito de *não-alibi* de Bakhtin pode ser associado ao que Marx afirma nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (2010) acerca da inexistência de um ser natural que não esteja em relação com o objeto (ser) exterior. Marx identifica o homem como um ser natural que apresenta forças naturais que o tornam ativo. Tais forças são identificadas como “possibilidades e capacidades [...] pulsões”, mas que se faz limitado posto que os objetos de

---

<sup>120</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 21.

<sup>121</sup> MARX/ENGELS. op. cit.

<sup>122</sup> Marx, 2005, p. 77.

suas pulsões existem de forma independente, fora do ser. Esses objetos são necessários a sua existência, “indispensáveis para atuação e confirmação de suas forças essenciais”.<sup>123</sup>

Assumido que o homem é um ser vivo, efetivamente, ele só pode ter objetos efetivos como objeto de seu próprio ser, “que ele pode somente manifestar sua vida em objetos sensíveis efetivos”. Utiliza-se da metáfora da fome e do sol para explicar essa complexa relação:

A fome é uma carência natural; ela necessita, por conseguinte, de uma natureza fora de si, de um objeto fora de si, para se satisfazer, para se saciar. A fome é a carência confessada de meu corpo por um objeto existente fora dele, indispensável à sua integração e externalização essencial. O sol é o objeto da planta, um objeto para ela imprescindível, confirmador de sua vida, assim como a planta é objeto do sol, enquanto externalização da força evocadora da vida do sol, da força essencial objetiva do sol.<sup>124</sup>

Assim é que se apresenta em Marx uma reflexão que pode ser associada ao não-alibi do ser, tornando aparente as bases dialéticas (materialistas) dessa proposta. Isso porque não pode existir um ser objetivo que não esteja inserido na relação de objetivação; não há um ser na natureza que não esteja em relação com objeto fora dele e que seja para outro objeto externo.

Um ser que não tenha sua natureza fora de si não é nenhum ser natural, não toma parte na essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é nenhum [ser] objetivo. Um ser não objetivo é um não-ser.<sup>125</sup>

Argumenta-se ainda que, além de ser natural, o homem é também um ser humano e enquanto tal existe para si próprio, de forma genérica. Como ser genérico, o homem deve confirmar-se como ser e em seu saber. Por conseguinte, os objetos humanos não são os da natureza, mas os forjados na história, posto que é esta o ato de gênese humana. Parece ficar clara a relação de alteridade na constituição do ser em si, como também a impossibilidade de, enquanto ser humano, deixar de ser o outro para ser o próprio ser (em relação recíproca).

Disso decorre que se afirme que o homem é o ser construtor e em construção – não observa passivamente a natureza, nem se constitui como um espírito encarnado que realiza abstrações dos conceitos por sentidos que pertençam a outra dimensão que não a terrestre. Por isso pensa e age no mundo, de forma que cada ato seu em transformar a natureza transforma

<sup>123</sup> MARX, Karl. op. cit.,

<sup>124</sup> MARX, op. cit., p. 127.

<sup>125</sup> MARX, op. cit., p. 127.

também a si próprio. A sua linguagem e pensamento se desenvolvem quanto mais domina o seu conhecimento sobre a natureza, ambos se configuram somente engendrados nas relações humanas em sua complexidade social<sup>126</sup>

Ao discutir a possibilidade de a linguagem dar conta de expressar um dado ato, Bakhtin é categórico ao afirmar que a principal característica da linguagem é justamente permitir marcas singulares, perspectiva de quem anuncia na relação como o outro, o que ressingulariza, atualiza o ato descrito: “O abstrato na sua pureza é realmente indizível: toda expressão é demasiado concreta para o sentido puro, ela altera e perturba sua validade em si e sua pureza”<sup>127</sup>. Bakhtin aceita que a expressão do ato é difícil de atingir, dado que a materialização da linguagem é um ato evêntico, um novo ato, que pouco se presta à abstração pura.

Nesse sentido, vemos surgir em *Para uma filosofia do ato* os conceitos de palavra plena, valor e entoação, os dois últimos mais bem desenvolvidos em outros textos como *Gêneros do Discurso e Marxismo e filosofia da linguagem*.

A palavra viva, a palavra plena não conhece objeto que seja totalmente dado; pelo simples fato de que comecei a falar dele, já adotei uma certa atitude em relação a ele [...]. E é por isso que a palavra não designa apenas o objeto como uma entidade disponível, mas, pela sua entonação (uma palavra pronunciada realmente não pode ser desprovida de entonação: sua entonação decorre do próprio fato de seu pronunciamento), exprime também minha atitude avaliativa em relação a esse objeto, o desejável e o não desejável nele, e, desse modo, coloca-o em movimento em direção ao que é seu *dado-a-realizar*, faz dele um componente de um acontecimento vivo.<sup>128</sup>

Nessa perspectiva, Bakhtin reconhece que a palavra plena ultrapassa os limites de designar um dado objeto, mas o faz sempre do ponto de vista do autor dessa palavra, tornando a expressão avaliativa por natureza. Assim, qualquer palavra plena, em realidade concreta, se torna ato humano responsivo. Para o filósofo da linguagem, a plenitude do conhecimento verdadeiro só é possível se este for também válido. Logo, a *alteridade* é questão central, pois a validade do pensamento está profundamente ligada à capacidade de inserção deste ato no contexto social e da inclusão do sujeito histórico responsável por tal pensamento, sem a qual (inclusão) o conhecimento se apresenta como parcial.

---

<sup>126</sup> MARX, op. cit.,

<sup>127</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 20-21.

<sup>128</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 58

Esse é o fato vivo de um ato ou ação primordial que produz pela primeira vez o ato responsável realizado – produz seu peso real, sua compulsoriedade; é a fundação da minha vida como ação-realizar [postuplenie], porque, para ser na vida, ser realmente, é agir, é ser não-indiferente com relação ao todo único.<sup>129</sup>

O que é necessário é a iniciativa de um ato realmente executado com relação ao sentido, e essa iniciativa não pode ser fortuita. Nenhuma validade de sentido que seja válida em si pode ser categórica e necessária, enquanto eu tenha meu álibi no Ser. É apenas o reconhecimento da minha participação única no Ser do meu próprio lugar único no Ser que fornece um centro real do qual meu ato ou ação pode surgir e gerar um começo não-fortuito.<sup>130</sup>

Nesse contexto, a linguagem se torna fundamental na inserção do indivíduo, como sujeito social. É na linguagem e pela linguagem que o ser se faz, em decorrência da sua relação com o outro, em dado contexto. No sentido de incluir-se no contexto social, ou fazer parte dele, Marx e Engels afirmam que “a linguagem é a consciência real” que existe para si e para o outro, nascendo, assim como a consciência, “da necessidade de intercâmbio com outros homens”. A consciência apresenta dois aspectos, por um lado é consciência da natureza e, por outro, consciência “da necessidade de firmar relações com os indivíduos que o cercam”. Esse é “o começo da consciência de que o homem definitivamente vive em sociedade”<sup>131</sup>.

Enquanto Marx e Engels demonstram a necessidade de relações entre os seres para a formação da consciência, Bakhtin apresenta a inserção social pela alteridade do ato humano. Para Bakhtin, o sujeito é social responsável, o autor da palavra plena, carregada de valor, de atitude perante o objeto e o contexto, a parte fundadora da sociedade. A alteridade, assim entendida, torna-se relação essencial do pensamento, do ato, da existência humana, portanto da linguagem, do enunciado. Marx; Engels e Bakhtin fundamentam a sociedade nas relações humanas e aproximam a linguagem – formação da consciência em Marx e Engels – de tais relações e suas contradições.

Bakhtin/Volochinov<sup>132</sup>, a respeito dos contatos entre os homens, assevera que o centro organizador da expressão é exterior: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que modela e determina sua orientação”. Não se pode pensar a linguagem sem a existência e troca entre dois ou mais indivíduos, tornando a linguagem um produto social em sua origem e existência.

<sup>129</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 60.

<sup>130</sup> BAKHTIN, op. cit., p. 61.

<sup>131</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 35.

<sup>132</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 116.

Com efeito, a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social [...].<sup>133</sup>

Aceitas tais premissas, há que se reconhecer que o desenvolvimento da linguagem toma por base a *práxis* humana. É nesse ponto de elaboração que surge a concepção de “divisão do trabalho, que originalmente, nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual e, em seguida, divisão do trabalho que em consequência de disposições naturais [...], necessidades, casualidades etc. etc., desenvolve-se por si própria ou naturalmente.”<sup>134</sup> Essa discussão aparece em função de a *práxis* humana ser concretizada na divisão do trabalho socialmente organizado.

Segundo Marx e Engels<sup>135</sup>, é a partir da divisão do trabalho material e espiritual que se torna possível uma dada autonomia de representação para a consciência. É nesse momento que a consciência diferencia-se ou distancia-se da *práxis*, dando origem à teoria, à teologia, à filosofia de forma pura. No entanto, argumenta-se a favor de uma relação sempre determinada pela materialidade das relações possíveis.

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar as suas formações mais desenvolvidas.<sup>136</sup>

Marx e Engels delimitam assim o que entendem por intercâmbio, a saber: a própria *sociedade civil*, iniciada na família e ampliada conforme as necessidades. É a sociedade civil o foco de toda a história humana. Nesse sentido, outro aspecto do ato humano, para Marx e Engels – o trabalho –, deve ser ponderado. Até o momento, a elaboração apresentada elucida aspectos do trabalho dos indivíduos sobre a natureza, mas há outro, pensado pelos filósofos em estudo, que parece contribuir para o cotejamento de ideias proposto nesta reflexão: é “o trabalho dos homens sobre os homens” que esclarece a produção “espiritual” humana<sup>137</sup>.

<sup>133</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 116.

<sup>134</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 35.

<sup>135</sup> MARX/ENGELS. op. cit.

<sup>136</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 94.

<sup>137</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 39.

Para discutir “a origem do Estado e a relação do Estado com a sociedade civil”, Marx e Engels argumentam que a criação do que, nas relações econômicas, se poderia denominar de mercado mundial é uma construção material dos indivíduos singulares. Isso ocorre porque o isolamento de grupos ou nações é destruído “pelo modo de produção desenvolvido, pelo intercâmbio e pela divisão do trabalho surgida de forma natural entre as nações”.<sup>138</sup> A realidade decorrente dessa situação é que círculos singulares passam a atuar uns sobre os outros, de forma que passam a determiná-los coletivamente. Observe-se que o que parece ter uma identidade isolada, esse poder que influencia (por ex. mercado mundial) é na verdade um resultado de determinação coletiva.

Na história que se deu até aqui é sem dúvida um fato empírico que os indivíduos singulares, com a expansão da atividade numa atividade histórico-mundial, tornaram-se cada vez mais submetidos a um poder que lhes é estranho (cuja opressão eles também representavam como um artilho do assim chamado espírito universal etc.), um poder que se torna cada vez maior e que se revela, em última instância, como *mercado mundial*.<sup>139</sup>

Marx e Engels apresentam os poderes, sociais e econômicos, como criação recíproca dos homens. A realidade de cooperação mundial de indivíduos (revolução comunista) é que tornaria possível colocar o próprio criador – homem – no domínio consciente de tais poderes que em nível aparente seriam estranhos e impostos aos indivíduos. Há uma produção que não é só material, mas “espiritual” também e que se constitui como resultado das relações do homem com a natureza – meio de produção – e do homem com os outros homens.

Assim, a sociedade arquitetada como resultado do intercâmbio entre os indivíduos, determinados pelos meios de produção, é concebida como um sujeito uno e que passa a exercer poder sobre os sujeitos singulares. Disso decorre que nenhum indivíduo cria a si próprio, somente se torna possível indivíduos construírem-se uns aos outros. A sociedade em si, que parece sujeito criado por si mesmo, é, na verdade, produto coletivo e determinado por relações materiais.

---

<sup>138</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 40.

<sup>139</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 40.

Essa visão pode, agora, ser apreendida de modo especulativo-idealista, isto é, de modo fantástico, como autocriação do gênero (“a sociedade como sujeito”) de maneira que a sequência sucessiva de indivíduos em conexão uns com os outros é representada como um único indivíduo que realiza o mistério de criar a si mesmo. Mostra-se aqui, certamente, que os indivíduos fazem-se uns aos outros, física e espiritualmente, mas não fazem a si mesmos [...].<sup>140</sup>

Bakhtin/Volochinov<sup>141</sup> argumenta, de forma muito próxima à concepção exposta, que é a palavra que torna possível que cada indivíduo se defina em relação ao outro, em relação ao social coletivo. E a palavra, neste caso, não pode ser considerada uma manifestação individual, a não ser como ato fisiológico, pois o ato concreto da enunciação inclui a reciprocidade social de determinação da palavra.

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística da enunciação e que falam os vosslerianos, constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação.<sup>142</sup>

A palavra, para Bakhtin/Volochinov, está na base da formação social e, por isso, se torna constituidora do próprio ser – o eu e o outro. Na mesma direção, para Marx e Engels, a constituição do sujeito pressupõe a existência do outro. Isso se explica porque, para os marxistas, o que diferencia o homem dos demais animais não é seu pensamento, mas sua capacidade de produzir sua própria vida. No entanto, tal capacidade se materializa no trabalho, que por sua vez apresenta, como mencionado, dois aspectos: a) transformação da natureza (ou condições naturais); b) relações de intercâmbio com outros homens. Assim, não só a existência material humana, mas a sua construção espiritual de representações vincula-se ao outro de forma intrínseca<sup>143</sup>.

De acordo com Bakhtin/Volochinov<sup>144</sup>, não pode existir pensamento sem a orientação social, posto que o pensamento mesmo é uma expressão em potencial. A consequência é que também para o Círculo de Bakhtin não se torna possível constituir-se individualidade, seja na formação da consciência, seja no plano de expressão desta. Dado o caráter que envolve a alteridade da linguagem, o pensamento é sempre carregado do eu e do outro, concebido como coletivo.

<sup>140</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 41.

<sup>141</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit.

<sup>142</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 117.

<sup>143</sup> MARX/ENGELS. op. cit.

<sup>144</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit.



[...] a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.<sup>145</sup>

Retomando o texto *Para uma filosofia do ato* (1929/2010), se pode depreender que a constituição do *outro* depende da minha singularidade. O lugar produtor de sentido é justamente onde ocorre a articulação de diferenças; é no confronto da minha singularidade que não coincide com o *outro* e a sua própria singularidade que se faz o sentido das singularidades em si. Assim, alteridade e subjetividade são a outra face do *ato-pensamento*. E a responsabilidade do ser, frente ao outro singular e ao outro universal, pode ser associada ao todo social de Marx e Engels. Também em Bakhtin, se compreende que o singular e o universal dependem da responsabilidade do ser e do ato de cada um para existirem, assim como em Marx e Engels que se observa a sociedade como construção coletiva e a existência de uma consciência *una*, que ganha *status* de ser social.

Para Bakhtin<sup>146</sup>, o mundo real do ato é resultado dos confrontos e relações do eu, do outro e do eu para os outros:

O mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação é a contraposição concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre eu e o outro. A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam.<sup>147</sup>

O ato humano é constituído em sua essência pela relação com o outro. O valor axiológico da ação humana é delimitado por essa mesma relação.

A proposta de Marx e Engels esclarece ainda que na análise dos atos humanos

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 122.

<sup>146</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit.

<sup>147</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 91.

<sup>148</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 94.

Para esses autores, os homens encontram-se objetivados em sua práxis, no trabalho, na atividade humana: “Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles”<sup>149</sup> Mas de fato o que esta objetivação do ser em seu trabalho pode significar ao que interessa a este trabalho, a alteridade? Vejamos: O homem se utiliza da natureza como meio no qual o seu trabalho se efetiva. A natureza é então o meio de vida da atividade humana trabalho, mas também é meio de existência do próprio trabalhador, posto que, sem tais meios, não estaria garantida a existência física do trabalhador nas atividades mais básicas: comer, beber, procriar etc.

O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível. Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva na qual, [...] é ativo, a partir da qual e por meio da qual o trabalho produz. Mas como a natureza oferece os meios de vida, no sentido de que o trabalho não pode viver sem objetos nos quais se exerça, assim também oferece, por outro lado, os meios de vida no sentido mais estrito, isto é, o meio de subsistência física do trabalhador mesmo.<sup>150</sup>

Assim, o trabalhador recebe o objeto do trabalho e também os meios de subsistência, portanto é do trabalho que advém sua existência como trabalhador e como ser físico. Logo se depreende que somente como trabalhador pode existir como ser físico e como ser é que pode desempenhar o trabalho. No entanto, o fato de o trabalho não ser em si uma satisfação para o homem, e sim um ato para suprir necessidades vitais, torna este trabalho obrigatório.

O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer as necessidades fora dele. Sua estranheza evidencia-se aqui de forma tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação.<sup>151</sup>

Segundo Marx<sup>152</sup>, o resultado disso é que o trabalho enquanto externalização aparece para o ser como se não dele, mas de outro. Do que decorre que a atividade mesmo primeira de existência humana é também a perda de si no outro.

Para entendermos de fato a alteridade intrínseca ao ato humano e, portanto, em nossa abordagem, à linguagem, é preciso partir da premissa de que o homem é um ser genérico, conformativo de espécie. O homem é um ser com atividade vital consciente, ou seja, a prática da produção decorre da consciência de suas necessidades. Essa atividade é a verdadeira

<sup>149</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 87.

<sup>150</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 84.

<sup>151</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 83.

<sup>152</sup> MARX, Karl. op. cit.,

distinção entre os homens e os animais, sendo por isso mesmo um ser genérico, ou o contrário, ele somente se torna consciente e torna sua própria vida seu objeto porque é um ser genérico.

Para Marx, o homem é um ser genérico e consciente, no momento mesmo em que faz da sua atividade vital – trabalho – a objetivação e transformação da natureza – uma relação dele consigo em essência – ser genérico. É na objetivação que o homem se confirma como ser genérico.

[...] na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar efetivamente, como ser *genérico*. Esta produção é a sua vida genérica produtiva. [...] O objeto do trabalho é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica e transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza.<sup>153</sup>

O que ocorre é que com o estranhamento do trabalho, ou seja, o fato de o homem não reconhecer-se no trabalho, mas sim o outro, é que o homem estranha a si próprio. “Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem”.<sup>154</sup> Assim, o trabalho em si é produto de relação do homem consigo mesmo e com os outros. Estar estranhado ao ser genérico significa estar estranho aos outros homens e em relação a si próprio, da essência humana.

Em geral, a questão de que o homem está estranho do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles está estranhado da essência humana.

O estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com o outro homem. Na relação do trabalho estranhado, cada homem considera, portanto, o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. [...]

Se minha própria atividade não me pertence, é uma atividade estranha, forçada, a quem ela pertence, então? A outro ser que não eu.<sup>155</sup>

Ao passo que a atividade não pertence ao eu, mas ao outro, se esclarece como o outro é constituidor do eu. Como também não pode ser totalmente estranha, toma por base o próprio eu para reconhecer no estranhamento o outro. Logo é uma relação recíproca de constituir-se como ser na relação possível de seu lugar único com o outro.

<sup>153</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 85.

<sup>154</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 86.

<sup>155</sup> MARX, Karl. op. cit., p. 86.

Não nos cabe aqui discutir o caráter de alienação do trabalho em questão, posto que Marx, obviamente, se refere ao trabalho na sociedade capitalista e, portanto, explorada. O trabalho, nesse cenário, é fruição para os detentores do poder e obrigação para o trabalhador alienado que não se realiza em seu produto. Queremos com a discussão apresentada apenas visualizar a presença do outro na atividade essencialmente humana – o trabalho que se encontra efetivado na relação de comunicação humana, como já mencionado. Para Marx<sup>156</sup>, vale lembrar, a relação do homem consigo mesmo lhe é primeiramente objetivada, efetiva, pela sua relação com o outro homem.

Pensado dessa forma, a essência humana está na práxis de transformar a natureza em relação a si mesmo e aos demais. Por assim dizer, se dá vinculada em um princípio de alteridade, efetivado nas relações de comunicação, posto que advém da atividade consciente, como se afirmou anteriormente. Logo se observa que os sujeitos só podem estar a cada momento sendo forjados na própria alteridade de sua existência. Ao referir-se ao estranhamento, entendemos que seja uma expressão do princípio da alteridade, mas é preciso reconhecermos, no caso tratado por Marx, os aspectos ideológicos envolvidos. O estranhamento só existe porque cada ato está enredado em fios ideológicos que se fazem presentes na própria objetivação do ser.

Nesse ponto da discussão, torna-se imperativa a concepção de que, nessa alteridade que engendra o sujeito, se faz presente de forma determinante o *diálogo*. A alteridade, o dialogismo e a ideologia, como aspectos constituidores do enunciado, corroboram a hipótese deste trabalho de que, em Bakhtin, só podem ser analisados em relação de reciprocidade mútua e unidade do todo. Consequentemente, a opção metodológica do tratamento em partes deve-se somente à organização do texto, não desconsiderando de modo algum a constituição do enunciado como resultado das relações concomitantes de todas as partes.

#### **4.2 A constituição dialógica do enunciado**

Optamos por iniciar a discussão em torno da constituição dialógica do enunciado pelo texto em que Bakhtin faz uma análise de um enunciado e reivindica a este um caráter dialógico em essência. Parece que uma discussão nesse plano se mostra produtora, além do que, como veremos, parte desse texto interessa ao trabalho proposto devido ao fato de ter sido alvo de críticas à dialética.

---

<sup>156</sup> MARX, Karl. op. cit.

No capítulo *O discurso em Dostoievski*, da obra *Problemas da Poética de Dostoievski*, Bakhtin esclarece que as relações dialógicas são extralinguísticas, dado que dizem respeito ao estudo metalinguístico. Assume que tais relações estão imbricadas no campo do discurso, “ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto”<sup>157</sup>.

A linguagem vive apenas na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnado de relações dialógicas.<sup>158</sup>

A dimensão dialógica delimita várias propriedades do enunciado concreto, já que este deve ser tomado como unidade real, concreta, da comunicação verbal. “[...] o todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extralinguísticos (dialógicos), e este todo está vinculado aos outros enunciados”<sup>159</sup>

Desse modo, propor uma investigação em torno do enunciado concreto, como unidade real de interação verbal, implica elucidarmos os elementos dialógicos pelos quais se torna possível uma compreensão científica do conceito. Bakhtin<sup>160</sup> afirma que o texto pressupõe duas características que o determinam como texto e o tornam enunciado, a saber, a intenção e a execução do que o autor chama de projeto.

Assim definido, mais uma vez se pode constatar que o enunciado constitui um *ato humano*, que, por isso, não pode ser compreendido fora de um contexto que tome por base as relações dialógicas que o constituem. “O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação)”<sup>161</sup>.

Compreender a dimensão dialógica do enunciado exige reconhecer nele um caráter irrepitível, ou seja, enunciados não podem ser reiterados sob pena de estar-se diante de um novo enunciado. Somente entre os elementos da língua se pode estabelecer identidades absolutas, as quais permitem a repetibilidade de uma ou mais orações. Do ponto de vista científico, em que as generalizações são características tendenciais, o irreproduzível e individual poderia colocar em dúvida a possibilidade de estudo científico da unidade. No entanto, Bakhtin argumenta que tal investigação se faz necessária, o que justifica dizendo que

<sup>157</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 158.

<sup>158</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 158-159.

<sup>159</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 335-336.

<sup>160</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit.

<sup>161</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 335

a singularidade irrepitível está no ponto de partida de qualquer ciência, a qual estabelece sua trajetória ligada a tal singularidade. O estudo da individualidade, nesse caso, cabe mesmo à ciência e à filosofia que devem elucidar sua forma e função específicas.<sup>162</sup>

O estudo científico do enunciado deve dedicar-se a revelar as relações dialógicas estabelecidas entre esta unidade e suas manifestações mais ou menos estáveis, incluindo aspectos extralinguísticos que se encontram refletidos no que o Círculo irá definir como – *gêneros discursivos*. Nesse sentido, a investigação se situa em área de alcance mútuo, tanto deve dizer respeito ao constructo teórico abstrato de enunciado isolado, quanto ao enunciado concreto e, por isso, dialógico. Tais estudos poderiam ser respectivamente definidos como estudos de língua e estudos de sentido, ou estudos linguísticos e estudos metalinguísticos, respectivamente.

Assim, a linguística do sistema e a metalinguística representariam enfoques diferentes de um mesmo e complexo objeto – *a linguagem*. Enquanto a linguística geral observa as particularidades sintáticas e léxico-semânticas como fenômeno linguístico, abstraído das relações dialógicas, a metalinguística, por sua vez, tem como objeto o enunciado concreto e suas relações dialógicas. Tais particularidades põem em evidência o debate proposto por Bakhtin entre as relações dialógicas e as relações lógicas:

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre elas possam surgir relações dialógicas.<sup>163</sup>

O que se percebe é que as relações dialógicas não descartam as relações lógicas ou concreto-semânticas, mas as consideram quando materializadas no enunciado, concreto e vivo. A materialização representa outro campo da existência, o campo do *discurso*, o campo em que o enunciado surge como núcleo que carrega consigo um criador/autor imanente que pode apresentar-se de variadas formas em sua existência real. Essa autoria seria o impulso criativo único que se pode perceber em qualquer enunciado/obra, sendo fruto de trabalho individual ou coletivo, ao qual se pode estabelecer uma atitude responsiva, portanto dialógica.

Em outras palavras, as relações lógicas (abstratas) se tornam enunciados, que são constituídos por relações dialógicas (concretas), via sujeitos do discurso que, pondo em

---

<sup>162</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 335.

<sup>163</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 159.

prática seu projeto enunciativo, posicionam-se valorativamente. Para Bakhtin, “a reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage”.<sup>164</sup>

O enfoque dialógico permeia o íntimo do enunciado ou mesmo de uma palavra isolada em dado enunciado, desde que esta seja representante de posição interpretativa na cadeia de signos materializados, tornando-se, portanto, um enunciado em si. Por outro lado, abarca, de igual forma, o *contínuo* de enunciados, estabelecendo-se tanto entre estilos de linguagem, dialetos sociais etc. como também frente à própria enunciação como um todo, com partes isoladas que possam trazer a presença do outro. A dimensão dialógica torna-se assim presença fundadora do enunciado, tão constituidora ou determinante quanto a alteridade. Destaque-se que ambas só se separam para fins de exposição, dado que se completam e se alimentam uma à outra, podendo por vezes confundirem-se em seu nível aparente.

O *dialogismo* nasce no momento mesmo de existência material do enunciado concreto, sendo a fonte do próprio enunciado, desde onde se pode ouvir a existência do outro em dada produção verbal ou parte substancial dela. Assim, o enunciado nasce *dialógico* por natureza, dado que nasce no contexto de representação social, no cruzamento entre enunciados diversos.

Torna-se importante elucidar o que de fato faz parte da denominação *diálogo* nas abordagens do Círculo de Bakhtin. O diálogo deve ser visto como inconcluso. Há duas perspectivas temporais para o diálogo: a primeira e mais evidente é o diálogo em sentido estrito, ocorrido em um determinado tempo e espaço; a segunda diz respeito a um tempo histórico ilimitado.

Não há uma palavra que seja primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado) [...]. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.<sup>165</sup>

Se o aspecto externo das relações dialógicas encontra-se evidenciado nas réplicas do diálogo, em que se pode observar relações de concordância ou discordância, em diferentes graus de aproximação e distanciamento, há que se reconhecer um caráter ainda mais variado, complexo e extenso para essas relações no que se refere à constituição dialógica, às relações dialógicas internas. O que determina a existência de relação dialógica não é a conjugação de

<sup>164</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 159.

<sup>165</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit. p.413-414)

tempo e de espaço para enunciados, mas a coincidência em qualquer aspecto semântico desta unidade, o que ocorre sempre em relação de tensão. Por isso, o diálogo é ininterrupto e sem conclusão, pois não se configura em dimensões mensuráveis como tempo e espaço, mas em uma supra-existência infinita. Assim Bakhtin concebe o diálogo:

Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar. No plano de sua concepção de mundo utópico-religiosa, Dostoiévski transfere o diálogo para a eternidade, concebendo-o como um eterno cojúbilo, um eterno codeleite, uma eterna concórdia. No plano do romance isso se apresenta como inconclusibilidade do diálogo, apresentando-se primariamente como infinidade precária deste.<sup>166</sup>

Por um lado, estabelece-se tal relação entre enunciados que de alguma forma manifestam unidade temática para a qual se procede a discordância, controvérsia ou, por outro, e não menos passível, concordância total, ou parcial. As relações dialógicas são relações de sentidos: concordância, discordância, oposição, em diferentes níveis/graus. É justamente a propriedade de ensejar relações dialógicas que tornam o enunciado uma unidade da comunicação verbal, que ultrapassa os limites da língua.

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica o ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). Analogia com a inclusão do experimentador num sistema experimental (enquanto parte desse sistema) ou do observador incluído no mundo observado em micro-física (teoria dos quanta). [...] <sup>167</sup>

No momento mesmo da compreensão do enunciado, o diálogo se instala, estando intrínseco a este ato e levando o sujeito a inserir-se na cadeia dialógica como um todo. Compreender um enunciado é inserir, posicionar-se no diálogo. Bakhtin apresenta o caráter de “ubiquidade social” da linguagem o que implica dizer que a palavra permeia todas as áreas da sociedade e todas as atividades humanas. É desse preceito que Bakhtin retira o conceito básico de dialogismo: uma dada relação de sentido entre dois enunciados, cada qual situado social e ideologicamente. A relação dialógica pode ser reconhecida em enunciados de falantes diferentes ou mesmo no enunciado de um só falante, pois o dialogismo é interno ao enunciado. Para Bakhtin (1998), a existência humana ocupa lugar na fronteira do eu e do outro, o que determina o caráter social da vida, que se concretiza na linguagem. A linguagem é antes de tudo um meio de interação social.

<sup>166</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 293.

<sup>167</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 355.



O discurso, para Bakhtin<sup>168</sup>, é um “fenômeno social em todas as esferas de sua existência” e é constituído de diversas vozes da vida social, ideologicamente situadas e que não perdem sua forma e conteúdo dentro do novo discurso. O discurso efetivo é o resultado da interação de vozes em concorrência, que, ao se interseccionarem, criam variados efeitos de sentido.

Nessa perspectiva é importante destacar que, segundo Faraco (1996), nas elaborações de Bakhtin, o caráter dialógico é o fato unificador de todas as atividades languageiras. O dialogismo define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Por isso, para Bakhtin, a alteridade é a condição da identidade: “os outros constituem dialogicamente o eu que se transforma dialogicamente num outro de novos eus”, no sentido de que uma pessoa deve passar pela consciência do outro para se constituir.<sup>169</sup>

Ampliando a reflexão sobre o caráter dialógico da linguagem, corroborado pela abordagem do real, proposta pela concepção dialética, que constitui a hipótese central deste trabalho, passemos a analisar as assertivas de Morson,<sup>170</sup> que, em um capítulo dedicado aos textos contestados de Bakhtin, traça uma tentativa de esclarecer a origem marxista dos livros considerados “marxistas” atribuídos ao pensador russo.

Morson toma por base a argumentação apresentada por Holquist e Clark<sup>171</sup> quando estes afirmam que, caso se procedesse a uma leitura atenta da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, se concluiria por reconhecer o pensamento não marxista desta obra. Morson afirma que a análise proposta é parcial e se torna por isso inverdade. Para argumentar a favor do seu ponto de vista, Morson desenvolve uma releitura de *Problemas da Poética de Dostoiévsky*, com a qual busca aduzir que o próprio pensador russo, na obra em questão, desejava se distanciar da dialética. Esse é o texto que interessa de forma mais direta a nosso estudo, já que não concordamos com esse ponto de vista de Morson.

Como afirmado, para Morson<sup>172</sup>, o livro *Problemas da poética de Dostoievski* apresenta uma crítica à dialética, o que o colocaria como não dialético e por isso distante do marxismo. Valendo-se desse argumento, o autor contesta a posição de Clark e Holquist de que

<sup>168</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) op. cit., p. 71.

<sup>169</sup> FARACO, 2009, p.43, p. 122

<sup>170</sup> MORSON, Gary Saul. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>171</sup> HOLQUIST, Michael; CLARK, Katerina. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

<sup>172</sup> MORSON, Gary Saul. op. cit., p. 130.

Dostoievski é “em sentido geral marxista”. Para tanto, aponta a resposta de Bakhtin à teoria de Engelgardt sobre o “desenvolvimento dialético do espírito” de Dostoievski.

Tomamos as reflexões bakhtinianas para então estabelecermos um diálogo com as ponderações de Morson. Segundo Bakhtin, Engelgardt apresenta Dostoiévski como autor de romance ideológico, devido ao enredo neste autor se ocupar do homem de ideia para ser o herói do romance. Assim, a ideia ganha uma autonomia tal na cabeça do herói que deixa de ser ele a viver e passa a ser a ideia em si o destaque da narrativa, o que determina que o romancista apresente uma verdadeira biografia da ideia no herói. Destaque-se que jamais seria uma ideia única, ideologicamente definida como unilateral, mas que ele escreveu de fato romances sobre ideias. Nesse ponto de vista, estaria a diversidade encontrada na realidade refletida nas ideias-forças que movem as personagens.

Como para outros romancistas o objeto central podia ser uma aventura, uma anedota, um tipo psicológico, um quadro de costumes ou histórico, para ele esse objeto era a ideia. Ele cultivou e elevou a uma altura incomum um tipo inteiramente específico de romance, que, em oposição ao romance de aventura, sentimental, psicológico ou histórico, pode ser denominado romance *ideológico*.<sup>173</sup>

Engelgardt, para Bakhtin, apresenta de forma precisa os planos em que o mundo do romance de Dostoievski se converte em mundo dos heróis organizados pelas ideias-forças que dominam tais personagens. Se nem mesmo Bakhtin ousou parafrasear Engeldardt em sua precisão, de mesmo modo não arriscaremos tal feito.

O princípio da orientação puramente artística do herói no ambiente é constituído por essa ou aquela forma de atitude ideológica em face do mundo. Assim como o dominante da representação artística do herói no ambiente é constituído por essa ou aquela forma de atitude ideológica em face do mundo. Assim como o dominante da representação artística do herói é o complexo de ideias-forças que o dominam, exatamente do mesmo modo o dominante na representação da realidade circundante é o ponto de vista sob o qual o herói contempla esse mundo. A cada herói o mundo se apresenta num aspecto particular segundo o qual constrói-se a sua representação.<sup>174</sup>

Assevera-se que em Dostoievski não ocorre uma descrição do modo de vida, seja urbano ou rural, mas sim se apresenta uma abordagem que se configura em três planos: o meio, o solo e a terra. Seriam estes campos ontológicos de desintegração do ser. Dependendo da consciência que move a personagem, caracteriza-se um dos planos. O primeiro, o meio, é o campo das necessidades mecânicas, sem nenhum tipo de liberdade. O segundo, o solo, ganha

<sup>173</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 25.

<sup>174</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 25.

aspectos sociais, é o “espírito popular em desenvolvimento”. O terceiro diz respeito a um plano de satisfação de alegria, constituindo plano de vida terrena, mas de expressão superior de liberdade do espírito: “É a realidade superior e simultaneamente o mundo onde transcorre a vida terrena do espírito, que atingiu o estado de autêntica liberdade. É o terceiro reinado – o reinado do amor, daí ser o da liberdade total, o reinado da alegria eterna, do contentamento”.<sup>175</sup>

A fim de esclarecer como os planos se combinam em unidade, Engelgardt propõe que cada um, “visto em relação, representam etapas isoladas do desenvolvimento dialético do espírito”.<sup>176</sup> É justamente neste ponto que tem início o questionamento bakhtiniano, apontado por Morson. Bakhtin afirma que a interpretação do mundo mencionada no romance é a representação individual da consciência de cada personagem e nada tem a ver com uma representação global do próprio autor. Para Bakhtin, a ideia de que as representações possam ser princípios da construção do romance como um todo colocaria a obra de Dostoievski no campo do romance monológico, o que não é o caso.

Há uma reconhecida hierarquia entre os planos, mas de forma alguma um se sobrepõe em unidade para o autor, como se o plano terra, por exemplo, estivesse guiando as demais representações. Assim a pergunta para a qual Bakhtin questiona a resposta de Engelgardt é: “como o mundo do autor, com as ideias que lhe servem de base, se unem em um mundo do autor, ou seja, no mundo do romance?”<sup>177</sup>. Engelgardt nega que os planos, meio, solo e terra, encontrem-se dados em unidade dialética, como etapas de formação do espírito. Se assim fosse construído, o romance seria sempre e antes um tratado filosófico acabado decorrente do método dialético.

Bakhtin afirma que o elo final seria então uma síntese do autor, o que superaria os elos anteriores, eliminando-os. De acordo com Bakhtin, não há no romance de Dostoievski a superação dialética entre consciências. Não ocorre uma fusão em unidade do espírito em formação. Ele assume, por outro lado, que se pode interpretar como sendo uma relação combinada de individualidades que se configuram como um acontecimento. Assim, nos limites do romance não se desenvolve o espírito do autor, o qual se torna participante.

São estes questionamentos acerca da dialética que Morson lança mão para argumentar em favor da tese de que Bakhtin não expressaria uma concepção aproximada do marxismo, como posta por Clark e Holquist. No entanto, argumentamos em favor de que a dialética aqui

<sup>175</sup> ENGELGARDT, p.93, apud Bakhtin, 1929/ 2010, p.26).

<sup>176</sup> ENGELGARDT, apud Bakhtin, 1929/2010, p.26)

<sup>177</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 28.

mencionada por Bakhtin nada tem que ver com a proposta marxista de abordagem da realidade. Reivindica-se nesse texto uma dialética constituída de tese, antítese e síntese, o que já argumentamos em capítulo próprio, não diz respeito à proposta marxista.

O próprio texto de Bakhtin vai afirmar que o romance de Dostoievski não pode ser compreendido como formação dialética do espírito, porque o texto não se dissolve em sua evolução ideológica. A abordagem dialética de que o espírito passaria pelas etapas – meio, solo e terra – somente se torna possível fora dos limites da criação artística. Propor tal concepção significa tornar a obra de Dostoievski um monólogo filosófico. Bakhtin reconhece em Dostoievski uma essência pluralista a tal ponto que a existência de um sujeito uno seria completamente estranha a este.

Mais adiante, Bakhtin torna ainda mais claro a que dialética estava se referindo:

As relações artísticas concretas entre os planos do romance e a sua combinação na unidade da obra devem ser explicadas e mostradas com base na matéria do romance; o “espírito hegeliano” e a “Igreja” desviam dessa tarefa imediata. [...] Se o caráter multiplanar e o aspecto contraditório fossem dados a Dostoievski ou por ele percebidos apenas como fato da vida pessoal, como multiplicidade de planos e contrariedades do espírito – do seu e do de outro –, Dostoievski seria um romântico e teria criado um romance monológico que focalizaria a formação contraditória do espírito humano e assim corresponderia efetivamente à concepção hegeliana.<sup>178</sup>

Segundo Bakhtin, Dostoievski percebe no plano concreto da realidade a pluralidade e a contradição, bem longe dos planos idealistas hegelianos. É em um universo social e objetivo que os planos – meio, solo, terra – se configuram como “estâncias” e as relações de contradição entre estes planos são o estado inacabado da sociedade. Fica quase que óbvia a relação com uma concepção dialética marxista da realidade. Para Marx e Engels, o movimento de transformação da sociedade ocorre pelo movimento da contradição inerente a todo acontecimento da realidade concreta.

Bakhtin afirma ainda que Dostoievski compreendeu de fato que as contradições existem entre os homens e não entre ideias. É por conta de viver em época caracterizada pela multiplicidade de planos e por fortes contradições sociais que Dostoievski pode a partir de uma experiência individual desenvolver uma visão objetiva da realidade, em que identificou forças contraditórias coexistentes e determinantes. São essas as características que determinam o romance de Dostoievski como polifônico e nunca monológico.

---

<sup>178</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 30.

Essa experiência era profunda, mas Dostoievski não lhe atribuiu expressão monológica imediata em sua obra. Essa experiência apenas o ajudou a entender com mais profundidade as amplas contradições que existem extensivamente entre os homens e não entre as ideias de uma consciência. Desse modo, as contradições objetivas da época determinaram a obra de Dostoievski não no plano da erradicação individual dessas contradições na história espiritual do escritor, mas no plano da visão objetiva dessas contradições como forças coexistentes, simultâneas [...].<sup>179</sup>

O pressuposto da obra de Dostoievski não é de formação contínua, mas de “coexistência e interação”.<sup>180</sup> Essa seria a peculiaridade fundamental de Dostoievski compreendida apenas parcialmente por Engeldardt. As contradições para Dostoievski não são superáveis no sentido de síntese, mas coexistências simultâneas que se confrontam e se contrapõem conformando a realidade, concebida assim em eterno movimento.

[...] Dostoievski procura captar as etapas propriamente ditas em sua simultaneidade, confrontá-las e contrapô-las dramaticamente, e não estendê-las numa série em formação. Para ele, interpretar o mundo implica pensar todos os seus conteúdos como simultâneos e atinar-lhes as inter-relações em um corte temporal.<sup>181</sup>

Bakhtin reivindica a peculiaridade do texto de Dostoievski em perceber sempre a contradição, a coexistência organizada e em interação do que ele denomina de diversidade espiritual. Para as personagens de Dostoievski, há sempre um caos do inacabado, a contradição subjetiva. Não há “acabamento filosófico sistêmico-monológico, ainda que dialético, e não porque o autor não tenha conseguido, mas porque ele não fazia parte dos seus planos”<sup>182</sup>

Nesse sentido, Bakhtin afirma que a ideia antes apresentada – por Engeldardt – de que o herói em Dostoievski seria a ideia não pode ser corroborada. O herói de Dostoievski é o homem, e o que o romancista quer é representar “o homem no homem”. Bakhtin argumenta que a ideia em si inexistente para Dostoievski, que concebe a ideia sempre como de alguém (responsividade).

<sup>179</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 31.

<sup>180</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 31.

<sup>181</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 31.

<sup>182</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 35.

A ideia propriamente dita era para ele a pedra de toque para experimentar o homem no homem ou uma forma de localizá-lo ou, por último – e isto é o principal – o “médium”, o meio no qual a consciência humana desabrocha em sua essência mais profunda. [...] Este não desconhece, não contempla nem representa a “ideia em si” no sentido platônico ou o ser ideal no sentido fenomenológico.<sup>183</sup>

Bakhtin reivindica para os textos de Dostoiévski um caráter dialógico em essência. O plano da ideia, consciência, é concebido como contíguo e em confronto com outras consciências. Há, em cada voz, uma outra. O que, segundo Bakhtin, representa uma sociologia das consciências.

Cada emoção, cada ideia da personagem é internamente dialógica, tem coloração polêmica, é plena de combatividade e está aberta a inspiração de outras; em todo o caso não se concentra simplesmente em seu objeto, mas é acompanhada de uma eterna atenção em outro homem.<sup>184</sup>

O texto de Bakhtin demonstra que a polifonia presente no romance de Dostoiévski é manifestação de uma concepção dialética. No texto analisado, torna-se clara a preocupação de Bakhtin em querer comprovar que a superação dos momentos de contradição se dá com a instauração de uma nova contradição, já que este caráter dual é intrínseco ao objeto, intrínseco à própria consciência.

Não haveria como pensar um distanciamento da abordagem dialética da realidade neste caso. O homem está ele próprio permeado pelo outro, em sua consciência que decorre de sua existência concreta. Constitui erro grave pensar que a dialética marxista concebe a síntese como resolução das contradições. O movimento dinâmico é uma constante e insuperável, a não ser em recortes de tempo. Basta que o recorte se desfaça para que a contradição volte a agir e torne ideia dialógica, ideológica, alteritária.

Marx e Engels nesse aspecto asseveram que:

As representações que [esses] indivíduos produzem são representações, seja sobre sua relação com a natureza, seja sobre suas relações entre si ou sobre sua própria condição natural. É claro que, em todos esses casos, essas representações são uma expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização social e política.<sup>185</sup>

Percebemos em Marx e Engels características do caráter dialógico, ao admitir que toda representação advém de relações entre os indivíduos e a natureza. Nessas relações, que constituem a *práxis*, o sujeito se constrói a si próprio na intersubjetividade com o outro. Isso

<sup>183</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 35.

<sup>184</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 36.

<sup>185</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 93.

notadamente traz imbricada a relação de alteridade pensada pelo Círculo de Bakhtin. Alteridade e dialogismo encontram-se imbricados na própria identidade do ser. É na relação dialógica entre autor, destinatário e sobredestinatário que tem origem a formação da identidade, atravessada pela alteridade.

Todo enunciado apresenta autor em tempo e espaço que destina sua produção verbal a um destinatário que pode ser mais ou menos concreto e concebido com um variado grau de consciência. O que o autor de qualquer enunciado espera desse destinatário é uma atitude/compreensão responsiva. No entanto, este mesmo autor/criador pressupõe, em seu ato de criar, um superdestinatário superior, a quem Bakhtin denomina de terceiro elemento constitutivo do enunciado, “cuja compreensão responsiva, absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado”. Esse terceiro elemento do diálogo é imanente e diz respeito à natureza da palavra, que busca sempre ser ouvida e compreendida responsivamente.

Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência etc.).<sup>186</sup>

Bakhtin (2011) ainda esclarece que o *outro*, neste caso, não é o segundo elemento do diálogo, outro sujeito ou discurso, mas sim um terceiro elemento que se mostra sempre superior e imanente ao ato verbal: “O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida, e quer, por sua vez, responder a resposta, e assim *ad infinitum*”.<sup>187</sup>

Na busca pela aproximação com o pensamento dialético-materialista retomemos Marx e Engels, que, em *Ideologia alemã*, não pretendem um estudo esmiuçado acerca da linguagem, mas chamam atenção para o seu surgimento em contexto de interação social. A linguagem nasce na necessidade de relações do ser humano, na precisão do diálogo em uma compreensão que implica também a *alteridade*, outra característica do fenômeno linguístico discutida em Bakhtin, já estudada neste trabalho. Cabe repetir parte da citação já mencionada anteriormente, dado o caráter de proximidade com o tema agora tratado. Nas palavras de Marx, “a consciência da necessidade de estabelecer relações com os indivíduos que o circundam é o começo da consciência que o homem vive em sociedade”.<sup>188</sup>

<sup>186</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 356.

<sup>187</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2011, p.357

<sup>188</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 44.

Assim, a linguagem, para Marx, tem sua origem na necessidade dos seres humanos comunicarem-se, na interação social, portanto. A função da linguagem, nesse sentido, é de representar o que há na consciência dos homens e estabelecer os vínculos da comunicação entre eles. Dessa forma concebida, a linguagem é mediadora dos homens entre si e de cada um isoladamente, visto que é pela linguagem que a consciência do ser humano se forma com base no meio em que vive. Consciência e linguagem se permeiam em uma relação dialética, na qual o homem sofre influência na e pela linguagem ao relacionar-se socialmente, e a influencia quando altera a realidade concreta por suas atitudes e ações conscientes.

[...] a consciência [...] é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de mais nada mera consciência do meio sensível mais próximo e consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente [...].<sup>189</sup>

Assumida a premissa de que a linguagem é uma exteriorização do espírito do homem, e que este espírito é, igualmente, constituído de linguagem desde o início de sua existência, então devemos admitir que a linguagem é o “instrumental” pelo qual a realidade material e objetiva influencia e, nas palavras de Marx, “determina”, a consciência e, conseqüentemente, a vida dos homens organizados socialmente. Conforme se pode ler em Marx e Engels:<sup>190</sup>

O espírito tem de antemão a maldição de estar “preso” à matéria, a qual nos surge aqui na forma de camadas de ar em movimento, de sons, numa palavra, da linguagem. A linguagem é tão velha como a consciência – a linguagem é a consciência real e prática que existe também para os outros homens [...].

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens, que existe, portanto, também primeiro para mim mesmo e, exatamente como consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios entre os homens.<sup>191</sup>

Para os dois pensadores são as condições materiais do ser humano que produzem consciência, nunca o contrário, como se pode observar em propostas idealistas. Assim, o ser humano apresenta como parte fundadora de sua essência a capacidade de produzir seu alimento, do que seria o desenvolvimento de sua consciência. Logo, a ontologia do trabalho, como transformação da natureza, é a base mesma do pensamento marxista.

<sup>189</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 43.

<sup>190</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 43.

<sup>191</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 34.



O modo através do qual os homens produzem seus víveres depende, em primeira mão, da própria constituição dos víveres encontrados na natureza e daqueles a serem produzidos. Esse modo de produção (*Weise der Produktion*) não deve ser observado apenas sob o ponto de vista que faz dele a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito antes, uma forma, determinada de expressar sua vida, uma forma de vida determinada do mesmo. Assim como os indivíduos expressam sua vida, assim eles também são. O que eles são coincide com sua produção, tanto com o que eles produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.<sup>192</sup>

Pensada dessa forma, a linguagem, também em Marx, pressupõe uma inter-relação permanente que pode ser associada ao *dialogismo*, em especial entre discursos e sujeitos que agem na organização, transformação, social. O contexto social de interação é igualmente o berço da linguagem. O diálogo aqui não aparece tão bem delimitado ou especificado quanto em Bakhtin/Volochinov, no entanto, se mostra em relação dialética posto que estabelece uma relação de influência recíproca e ininterrupta, manifestando os princípios de que (1) Tudo se relaciona e (2) Tudo se transforma.

Se há o aumento das necessidades materiais dos homens, há um necessário aumento da produção, o que exige interações sociais cada vez mais conscientes e, portanto, com desenvolvimento linguístico maior. A mudança qualitativa da consciência do homem ocorre mediada pela linguagem, posto que é ela a responsável pelas relações sociais conscientes. Mais uma manifestação dialética dos princípios (3) Mudança qualitativa e (4) Unidade e luta dos contrários.

Nesse sentido, sugere-se que os apontamentos marxistas acerca da linguagem, envolvidos em explicitar a interação social, encontram eco e concretização teórica na abordagem *dialógica* proposta por Bakhtin/Volochinov e que, de igual forma, são, por Bakhtin, reconhecidos no romance de Dostoiévski.

A dialética, em seus quatro princípios, encontra-se bem representada na constituição do objeto permeado desde seu início pelo diálogo, seja ele com outro sujeito ou discurso ou com o terceiro elemento imanente apresentado pelos autores. Em uma unidade em que tudo se relaciona, em diálogo contínuo ininterrupto, a relação é também uma influência recíproca, manifestando contradições axiológicas na transformação do discurso que se torna irrepetível.

Assim, defendemos que a avaliação da dialética nos escritos do Círculo se dê antes pela análise que se prestam a fazer do que pela expressão terminológica, no caso de dialética. Isso deve levar em conta o que trataremos na seção sobre ideologia em que destacamos a

---

<sup>192</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 42.

contemporaneidade dos textos de Marx e Engels em *Ideologia alemã* e os escritos de Bakhtin/Volochinov.

### 4.3 A constituição ideológica do enunciado

O capítulo I, *Estudos das ideologias e filosofia da linguagem*, de *Marxismo e filosofia da linguagem*, toma por fio condutor a questão de como a realidade determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade. Essa questão encontra-se profundamente envolvida em explicitar como a psicologia do corpo social se materializa na forma da palavra. O referido texto demonstra o caráter ideológico do signo linguístico, argumentando que, ao adentrar na esfera de signo, qualquer objeto físico passa a refletir e refratar uma realidade própria do mundo sígnico-ideológico, não deixando para isso de coexistir em esfera material da realidade.<sup>193</sup>

Bakhtin/Volochinov defende que ao lado da materialidade fenomenológica coexiste um universo de signos, com caráter ideológico. Segundo essa proposta, qualquer objeto real pode se converter em signo e adquirir um sentido que ultrapasse os limites utilitaristas desse objeto. Assume-se, nesse texto, o caráter dual do signo, como parte de uma realidade, e também como reflexo e refração de uma outra. O signo pode tanto apreender a realidade como distorcê-la, pois, sendo ideológico, está sujeito a avaliações de verdadeiro, falso, correto etc. O processo de compreensão de um signo corresponde a ligações possíveis com outros signos, tornando-se atitude *responsiva* que converte signos em novos signos. Há uma cadeia de criatividade e compreensão ideológica que ocorre em nível semiótico que se mantém na realidade material do ponto de vista que pertence à natureza material corporificada em signos.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo.<sup>194</sup>

A cadeia ideológica é formada pelos elos entre as consciências individuais no processo de interação. Reconhece-se por outro lado o caráter retroalimentador, posto que a própria consciência individual é repleta de signos. É no processo de interação entre consciências que se forma cada uma das consciências.

<sup>193</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 31.

<sup>194</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 33.

Entender a consciência individual como um fato socioideológico é fundamental para a abordagem do signo linguístico, já que o material sgnico é a materialidade da consciência, estando ambas, consciência e linguagem, portanto, calcados na mesma origem social. Bakhtin/Volochinov argumenta ainda que a consciência só pode ser definida objetivamente como componente socioideológico, não podendo esconder-se no rótulo do subjetivismo individual e nem tão pouco ser considerada mecanicamente produto derivado da natureza.

Assim, os textos elaborados pelo Círculo, estudados neste trabalho, questionam a proposta positivista e a idealista que pretendiam derivar a ideologia da consciência. Cada grupo social organiza suas relações com base em sua própria criação sgnica, a qual se configura como a matéria mesma do desenvolvimento da consciência. A consciência individual reflete a lógica da comunicação social.

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.<sup>195</sup>

As elaborações do Círculo dão conta de que a palavra é um signo e que só se vincula às funções sgnicas de comunicação semiótica. Estando os fenômenos ideológicos da consciência individual ligados às formas da comunicação social, os signos são a própria materialização ideológica. Nesse sentido, a linguagem verbal se mostra como a forma mais permeada e absorvida de função de signo, constituindo “fenômeno ideológico por excelência”.<sup>196</sup>

Para Bakhtin/Volochinov, a ideologia corresponde a uma realidade objetiva de signos que é reflexo das leis de comunicação semiótica e que por sua vez está determinada pelas relações possíveis em dada estrutura socioeconômica. A consciência individual encontra-se nesses termos vinculada ao conjunto dos signos ideológicos.

---

<sup>195</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 36.

<sup>196</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 36.

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.<sup>197</sup>

Bakhtin/Volochinov procura delimitar e definir o conceito de palavra, apresentando-a como elemento fortemente representativo do fenômeno superestrutural da ideologia, argumentando em favor da importância do estudo da linguagem para os estudos da ideologia e da consciência. “É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica”.<sup>198</sup>

É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior.<sup>199</sup>

Bakhtin/Volochinov esclarece ainda algumas características da palavra que são consideradas de suma importância para a relação que se quer estabelecer entre a palavra, a consciência e a ideologia. A primeira delas é a neutralidade provisória e abstrata enquanto signo, que determina que a palavra possa servir a qualquer espécie de função ideológica, estética, científica, moral, religiosa, enquanto que os demais sistemas de signos permanecem vinculados cada um a domínios específicos.

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo é então criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.<sup>200</sup>

Importante esclarecer que a neutralidade aqui tratada diz respeito a uma potencialidade da palavra enquanto abstrata. Não se pode pensar que essa neutralidade seria absoluta em qualquer momento de concretização da palavra, uma vez que, ao se tornar ato concreto, está sempre carregada de valor. A segunda característica da palavra diz respeito ao seu caráter

<sup>197</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 36.

<sup>198</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 37.

<sup>199</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 38.

<sup>200</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 37.

primário. A palavra é produzida pelos próprios meios do organismo individual, não requerendo, portanto, nenhuma espécie de material extracorporal. Isso determina que seja a palavra “o material semiótico da vida interior, da consciência”.<sup>201</sup> A palavra é o próprio meio de desenvolvimento da consciência, constituindo material flexível e produzido pelo próprio organismo. Por isso, o problema da consciência individual é antes o problema da *palavra interior*.

Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material. A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa.<sup>202</sup>

Decorre dessa abordagem, a necessidade de uma compreensão e um estudo da palavra como signo social e instrumento da consciência, posto que isso determina que a palavra acompanhe toda a criação ideológica. Nenhum processo de compreensão ideológica ocorre sem a participação de um discurso interior. Nenhum outro sistema de signos pode ser substituído por palavras, mas esta acompanha e apoia a comunicação semiótica dos demais signos. A compreensão de um signo o coloca na unidade da “consciência verbalmente constituída”.<sup>203</sup>

Como se pode ler em *Marxismo e filosofia da linguagem*, “Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante”.<sup>204</sup>

Admitir o caráter ideológico do signo implica assumir que a linguagem é elemento fundamental para explicar a relação entre a infraestrutura e a superestrutura. Como se pode definir tais relações? Como superar uma abordagem mecanicista, de reflexo direto, entre a infra e a superestrutura? Qual o papel da filosofia da linguagem na construção dessa abordagem? São essas perguntas que parecem nortear os escritos do Capítulo 2 de *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Uma resposta inicia-se na definição de que o nível ideológico corresponde a um conjunto único em que os elementos reagem a transformações da infraestrutura e uma análise do sentido de uma transformação ideológica deve considerar uma realidade de influência recíproca, entre a ideologia e a infraestrutura, que se desenvolve em etapas de transformação.

<sup>201</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 37.

<sup>202</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 37.

<sup>203</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 38 e 42.

<sup>204</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 38.

Nesse sentido, tal análise encontra em lugar de uma relação casual, prevista pela proposta mecanicista, um processo dialético que parte da infraestrutura e desemboca na superestrutura ideológica em sua própria natureza.

Antes de mais nada, é impossível estabelecer o sentido de uma dada transformação ideológica no contexto da ideologia correspondente, considerando que toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infra-estrutura. [...] Apenas sob esta condição a análise desembocará, não na convergência superficial de dois fenômenos fortuitos e situados em planos diferentes, mas num processo de evolução social realmente dialético, que procede da infra-estrutura e vai tomar forma nas superestruturas.<sup>205</sup>

O que torna esta relação dialética possível é o caráter de ubiquidade social da palavra, o qual determina que esta seja um material privilegiado para se desvelar a relação de reciprocidade da infraestrutura e a superestrutura ou a materialidade e a ideologia correspondente.

Nesse sentido, se faz importante lembrar as diferenciações propostas por Bakhtin/Volochinov no que diz respeito à ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos constituídos. Cada estado de consciência, cada ato, cada gesto humano é acompanhado por palavras interiores ou exteriores desordenadas, as quais não fazem parte de nenhum sistema ideológico definido, organizado. Esse nível ideológico se denomina “ideologia do cotidiano” e se diferencia da arte, da moral, do direito, os quais são considerados sistemas ideológicos. Importa reconhecer nisso a formação sociológica da consciência, determinando que não haja nada de individual e/ou orgânico em sua constituição, sendo puramente ideológica desde seu início.

Há uma relação dialética entre a ideologia do cotidiano que alimenta a ideologia dos sistemas instituídos e que sofre, ao mesmo tempo, uma influência de retorno da moral social, da ciência, da arte e da religião. Toda a produção ideológica (portanto os sistemas instituídos) viva está submetida à crítica avaliativa, a qual se dá na ideologia do cotidiano. A quebra do vínculo das ideologias dos sistemas instituídos e a ideologia do cotidiano determina a morte de toda e qualquer produção ideológica, posto que, para existir em determinada época, é necessário estar em contato com a ideologia do cotidiano. Citando o exemplo de uma obra literária que sobrevive na crítica que sofre no cotidiano, explicita-se tal relação:

---

<sup>205</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 41.

Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida que a obra é capaz de estabelecer um tal vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nesta época (é claro, nos limites de um grupo social determinado). Rompido esse vínculo ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante.<sup>206</sup>

A análise da ideologia é delineada em níveis. Para que sirva de alimentação orgânica para os sistemas ideológicos constituídos, a ideologia do cotidiano deve ser capaz de “consolidar-se e encontrar uma expressão completa e diferenciada”, o que não ocorre no nível elementar da ideologia do cotidiano, decorrente de atividade mental fortuita. Bakhtin/Volochinov assevera que “A atividade mental nascida de uma situação fortuita não tem a menor chance de adquirir uma força e uma ação duráveis no plano social”.<sup>207</sup>

Assim se define o nível inferior da ideologia do cotidiano, sendo este o que muda mais rapidamente, posto que corresponde a atividades mentais confusas que surgem e somem sem organizar-se expressivamente. Destaque-se que nesse nível é bastante difícil se perceber “leis sociológicas”. “No nível inferior da ideologia do cotidiano, só se apreendem regras estatísticas: é apenas a partir de uma grande massa de produtos dessa ordem que se podem descobrir as grandes linhas de uma ordem socioeconômica”.<sup>208</sup>

Em contato com os sistemas ideológicos instituídos está o nível superior da ideologia do cotidiano, que se mostra mais sensível que os sistemas e capaz de refletir as mudanças da infraestrutura de forma mais rápida. É neste nível que devem se acumular as “energias criadoras” pela quais se efetivam paulatinamente mudanças nos sistemas ideológicos. Ressaltamos que, no próprio curso para chegar aos sistemas instituídos, a ideologia do cotidiano, ainda que em seu nível superior, sofre as influências das instituições ideológicas. Assim, o que se poderia pensar individual, é, na verdade, o núcleo da “orientação social do indivíduo”.<sup>209</sup>

Uma possível aproximação das concepções do Círculo e a concepção dialético-materialista da realidade se encontra no fato de que, para esta última, o sujeito é sempre dimensionado em sua concretude, é considerado o criador da realidade social em que está inserido, sendo concomitantemente criado por tal realidade. A dialética materialista distancia-se de uma compreensão do ser humano como abstração e descarta a ideia de que a realidade possa ser desenvolvida pela especulação substancialista do homem. A práxis, ou atividade

<sup>206</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) *M* op. cit., p. 123-124.

<sup>207</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 124.

<sup>208</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 124.

<sup>209</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 125.

humana sensível, torna-se assim o mote para a compreensão dialética do homem enquanto ser social. Para Marx e Engels, “[...] cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente”.<sup>210</sup>

Uma questão apresentada por Marx/Engels que contribui com os esclarecimentos neste trabalho é a ligação intrínseca entre a realidade social e a esfera econômica. O ato humano de produzir a vida, seja pela procriação ou pelo trabalho, é concebido em seu aspecto de relação natural e em sua dimensão social. Marx/Engels entende este social como sendo uma ação conjugada de vários indivíduos.

Disso decorre que um modo de produção ou um estágio industrial determinados estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinados, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, uma ‘força produtiva’; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a ‘história dos homens’ em conexão com a história da indústria e das trocas.<sup>211</sup>

Na perspectiva dialética, todas as dimensões da vida social encontram-se em conexão formando uma realidade social somente possível na estrutura econômica, posto que é esta esfera que permite uma dada unidade da realidade social. Assim, é possível admitir que a dialética concebe o ser humano como sujeito que cria sua própria realidade social ao transformar a natureza por força de seu trabalho. A economia é nessa realidade a principal estrutura em que se torna possível a objetivação do ser.

A primazia da economia e a concepção do homem como sujeito social são premissas fundadoras do conceito materialista-dialético. Marx afirma que, no exame da sociedade burguesa, se verifica que é ela própria, a sociedade, que se apresenta como resultado do processo social de produção. Ou seja, o próprio homem em suas relações sociais é, em última instância, resultado do processo de produção do qual ele mesmo é objetivador.<sup>212</sup>

Com base nessas considerações, se pode concluir que o mundo da abstração, da ideia, é igualmente um seguimento social de produção. As ideias são, nessa perspectiva, vistas como uma criação de seres humanos que se constituem em relações sociais concretas. Marx

---

<sup>210</sup> MARX E ENGELS, 2011, p.47.

<sup>211</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 23-24.

<sup>212</sup> KOSIK, Karel. op. cit., p. 195.



desmitifica a autonomia das ideias para torná-las produtos históricos de homens que com estas fazem a história da humanidade.

[...] para se considerar também o universo das ideias um seguimento do processo social de produção. Sem dúvida, as ideias podem ser vistas, então, como uma criação específica de homens que se constituem em relações concretas. Assim, elas perdem sua aparente autonomia para se tornarem produtos históricos de homens que, ao mesmo tempo, fazem a história.<sup>213</sup>

O importante para este trabalho é compreendermos que, para os autores dialético-materialistas, o trabalho é o agente de humanização do ser. Ou seja, é pelo trabalho que o homem se diferencia dos demais animais irracionais. O ser humano antecipa sua ação ao planejar seu trabalho de transformar a natureza, humanizando-se nesse ato. Há nisso dois aspectos particularmente interessantes: primeiro que se deve ao distanciamento da natureza o temor do homem a ela; segundo, o homem, nesse processo, estabelece relações com outros homens que também a transformam. Nesse ponto do pensamento, surge a consciência como fator fundador da própria ideologia, ou da relação ideológica da linguagem, concebida como uma consciência social.

A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza, que inicialmente se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente [...].<sup>214</sup>

Em Bakhtin/Volochinov, a linguagem é concebida como o meio que possibilita o agir coletivo frente ao mundo. Nesse sentido, as representações estão completamente voltadas à atividade material ou à ação humana de transformação da realidade, que em Marx é o trabalho ou a práxis humana. As relações sociais, sejam de ordem cotidiana e casual, ou de ordem hierárquica, tomam por base fios ideológicos materializados na palavra, presente em todos os processos de interação humana.

---

<sup>213</sup> MARX/ENGELS. A op. cit., p. 85.

<sup>214</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 35.

A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados; mas desses indivíduos não tais como aparecem nas representações que fazem de si mesmos ou nas representações que os outros fazem deles, mas na sua existência real, isto é, tais como trabalham e produzem materialmente; portanto, do modo como atuam em bases, condições e limites materiais determinados e independentes de sua vontade.

A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanação direta de seu comportamento material. [...] São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas [...].<sup>215</sup>

Para Marx e Engels, o homem está inserido em seu contexto de tal forma que se torna produto das relações sociais que o cercam. Nenhum ato de pensamento pode existir sem que carregue nele próprio o reflexo da existência real do homem, que, em última instância, se constitui pelas relações de trabalho ou práxis. A linguagem, ao apresentar um vínculo indissolúvel com as ideias e representações está ela também determinada pelos meios de produção, o que vai surgir também nas elaborações do Círculo.

Para Bakhtin, a ideologia tem sua fundamentação material na palavra. É a palavra o meio pelo qual se pode perceber as mudanças quantitativas seguidas pelas qualitativas que acabam por tomar forma na superestrutura em sistemas ideológicos bem-formados. “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.<sup>216</sup>

A palavra é a materialidade da *psicologia do corpo social*, e um estudo que busque esclarecer o aspecto real da consciência deve primar pelo seu componente material sob pena de se transformar em investigação mítica. Para Bakhtin/Volochinov, não há possibilidade de a psicologia do corpo social situar-se em algum lugar interior dos indivíduos e, por isso, ela só pode ser localizada em sua unidade externa – signo (palavra, gesto etc.).

Nesse sentido, qualquer ato de fala nasce antes de tudo na *consciência coletiva*. É na psicologia do corpo social que tem início a reação individual frente a qualquer realidade, constituindo os discursos interiores, como também as formações ideológicas inerentes ao curso da vida e que se manifestam em diferentes discursos, nas conversas de diferentes temas entre os seres sociais. Disso decorre que haja um estreito vínculo entre as condições de uma situação social e as manifestações discursivas; qualquer que seja a flutuação social, esta encontra reação no material verbal.

<sup>215</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 39-40.

<sup>216</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 42.

É desse modo que as produções ideológicas acabadas são manifestas e construídas na psicologia do corpo social materializada no discurso. Admitindo-se que toda e qualquer estrutura sociopolítica deriva de relações de produção, entende-se que ambas determinam os contatos verbais de todos os tipos. “Assim é que no seio desta psicologia do corpo social materializada na palavra acumulam-se mudanças e deslocamentos quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas”.<sup>217</sup>

Entender tal relação no material verbal determina que os estudos da psicologia do corpo social devem “satisfazer” dois pontos de vista: tipos e formas de discurso e conteúdo do discurso. Destaque-se que Bakhtin/Volochinov assume a relação entre tais dimensões como orgânica e inseparável, como se pode ler: “A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas”.<sup>218</sup>

Assim, o enunciado engendra uma relação recíproca de refração e reflexo das dimensões: formas de comunicação, formas de enunciação e tema do ato de fala. Nesse sentido, as formas de enunciação tomam por base uma dada forma de comunicação, a qual é “determinada pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica”.

Todo o signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo.<sup>219</sup>

Nessa perspectiva, é possível proceder a uma aproximação dos escritos materialistas acerca da *consciência* como materialidade social. Para Marx e Engels (2012), a consciência humana é um fenômeno que se constrói em contato com outras consciências e que independe de formas biológicas para conduzir a vida humana. Marx acredita que o princípio que torna possível a história da humanidade é mesmo o fato de que o ser humano, ao produzir os meios de sua existência, transforma o meio e a si mesmo, através da formação de sua consciência.

Assim como Bakhtin/Volochinov, Marx e Engels partem da existência concreta do ser para chegar aos reflexos ideológicos materializados na linguagem, como se pode ler:

---

<sup>217</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 44.

<sup>218</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 44.

<sup>219</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 45.

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam tampouco dos homens penados, imaginados,= e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos, a partir de seu processo de vida real expõe-se também os reflexos dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [...] não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.<sup>220</sup>

De mesma forma, Bakhtin busca no elemento concreto a formação da consciência e do ser. É na relação da realidade e da formação da consciência, manifestação ideológica por natureza, que se pode explicitar a relação de refração do ser no signo, composição elementar da consciência. Bakhtin/Volochinov (1929/2010) sugere três regras metodológicas que devem ser seguidas a fim de que se possa desvelar o processo dialético de refração do ser no signo, a saber:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo.
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social.
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura).<sup>221</sup>

Tal ordem metodológica nos permite entender que nenhum signo nasce sem que seja ele próprio uma manifestação ideológica. Abstrair a relação ideológica da materialidade do signo é desconstituir a própria realidade do signo. Isso ocorre porque o signo é resultado de interações de comunicação social, que, por sua vez, acontecem vinculadas a determinadas realidades de infraestrutura, advindas do nível superior da ideologia do cotidiano.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929/2010), Bakhtin/Volochinov afirma que todo signo é fenômeno do mundo exterior e tem caráter ideológico. A consciência é um fato socioideológico<sup>222</sup>. Somente os signos podem dar forma à consciência humana individual, entretanto, signos são criados em interações verbais. A palavra acompanha e apoia o processo de surgimento dos signos, por isso constitui-se como signo ideológico por excelência. É essa palavra que assume papel privilegiado na consciência e na comunicação social na vida prático-cotidiana.

---

<sup>220</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 94.

<sup>221</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 45.

<sup>222</sup> IN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 35.

[...] os processos que no essencial determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles [...] o fenômeno psíquico é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social.<sup>223</sup>

O estudo do signo deve considerar que ele é atravessado pela realidade de um dado grupo social e seu tempo histórico que em si carrega outros aspectos de múltiplas realidades. No entanto, torna-se equivocada a investigação do signo somente por esse viés, exigindo-se que a dimensão temática seja abordada no mesmo processo. Bakhtin/Volochinov propõe que o estudo do tema seja pensado conjuntamente com o índice de valor.

Nesse sentido, podemos entender que o indivíduo pensado por Bakhtin/Volochinov apresenta uma proximidade muito grande com o homem pensado por Marx e Engels, que buscam sempre esclarecer o ser sujeito como parte de um todo, em última análise como parte de uma classe, determinado pelo conjunto da classe e por si próprio no interior da própria classe. Nas palavras dos pensadores:

Esse modo de considerar as coisas não é isento de pressupostos. Ele parte de pressupostos reais e não os abandona em nenhum instante. Seus pressupostos são os homens, não em quaisquer isolamentos ou fixação fantásticos, mas em seu processo de desenvolvimento real, empiricamente observável, sob determinadas condições.<sup>224</sup>

A origem do signo está nos objetos, ou realidade, que se tornam motivo de atenção do grupo social, aos quais se atribui valor particular. Somente entram no horizonte de signo ideológico aqueles objetos ligados de alguma forma às condições materiais de existência dos indivíduos do grupo. Essa abordagem exclui a possibilidade de influência de livre arbítrio individual, posto que só pode entrar em campo ideológico aquilo que perpassar o campo interindividual de significância. “Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”.<sup>225</sup>

A exteriorização de um dado tema em material ideológico acontece em face de certo consenso em dado grupo social. Mesmo na voz de um único indivíduo, o que adquire valor ideológico só pode decorrer de índices de valor social. O tema do signo, nesse sentido, constitui a realidade que dá origem ao signo. Não se pode admitir um tema que não tenha valor social; este tema ideológico chega à consciência individual, acaba por formá-la, mas não

<sup>223</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 48.

<sup>224</sup> MARX/ENGELS. op. cit.

<sup>225</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 46.

é nela própria que se encontra sua origem, dado que a origem é de natureza interindividual, já que só adquire valor realidades que interessem ao grupo social.

Tema e forma do signo constituem duas faces de um mesmo objeto, não podendo por isso, serem diferenciados, “a não ser abstratamente”.<sup>226</sup> A palavra reflete o processo de transformação ideológica, porque reflete sutilmente qualquer alteração na realidade social. Uma vez que ela se encontra profundamente ligada a transformações sociais, acaba por refletir o próprio ser e refratá-lo de igual forma. Bakhtin/Volochinov explica que a refração do ser no signo ocorre por conta da *luta de classe*, elemento constituinte da sociedade. “O que determina a refração no signo ideológico é o confronto de interesses sociais nos limites de uma e mesma comunidade semiótica, ou seja, a luta de classe”.

O tema e a forma do signo ideológico estão indissolúvelmente ligados, e não podem por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente. [...] Assim, os temas e as formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa. Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra.<sup>227</sup>

É o fato de classes sociais diversas servirem-se de uma mesma língua que determina que o próprio signo ideológico, nesse caso linguístico – palavra, traga em seu interior os índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a *luta de classes*.<sup>228</sup> Esta pluralência social do signo ideológico é um traço da maior importância.

Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudos dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade.<sup>229</sup>

A ambivalência do signo reside justamente no fato de o mesmo signo poder adquirir valor social diferenciado. “Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras”.<sup>230</sup> A realidade do signo permite verificar-se nele mesmo o desenrolar do processo dialético que constrói a superestrutura desde

<sup>226</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 47.

<sup>227</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 47.

<sup>228</sup> O conceito de classe assumido aqui é de base marxista. Ou seja, toma por base a propriedade produtiva e não uma relação social vinculada a uma posição social ou de prestígio de seus membros. Assim, divide-se entre os detentores das forças produtivas e os explorados (trabalhadores sem propriedade produtiva).

<sup>229</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 47-48.

<sup>230</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 48.

sua origem, na infraestrutura, evidenciando as contradições no processo de refração, cuja existência revela a luta ideológica no interior da sociedade.

Nesse contexto ideológico e de materialização verbal da consciência, parece adequado retomarmos as relações dialógicas, objeto de estudo da seção anterior, consideradas extralinguísticas, mas implicadas no campo do discurso que se manifesta dialógico por natureza. A relação dialógica é uma relação específica de sentido obrigatoriamente estabelecida entre enunciados completos nos quais se pode observar a expressão de sujeitos reais.<sup>231</sup>

Importa lembrarmos que para Bakhtin, a linguagem tem suas raízes na interação entre os membros de uma sociedade organizada. Tais raízes são comuns em todos os sistemas de signos, os quais derivam seus significados de consensos estabelecidos entre os membros de um determinado grupo social. Como já afirmado, a própria consciência (aparentemente individual) resulta de uma introjeção do social. O mundo natural dos homens corresponde aos processos fisiológicos, estados emocionais, psiquismo primitivo do organismo individual; por sua vez, a consciência humana, capaz de reflexão e expressão, só pode desenvolver-se a partir da interação entre os sujeitos de um grupo social. Os significados articulados e expressados em palavras têm origem nessas interações e passam a integrar o psiquismo individual. Toda enunciação adquire significado em uma relação intrínseca com o outro, por isso a linguagem é sempre dialógica. Assim, a linguagem se constitui como fenômeno com raízes sociais muito fortes e sempre sujeita às mudanças sócio-culturais de uma comunidade.

Marx e Engels<sup>232</sup> tratam rapidamente, mas com grandeza, a linguagem nos pressupostos dos fatos históricos. Os autores apresentam três importantes aspectos na manifestação da história da humanidade. O primeiro diz respeito à produção da vida real, ou satisfação das necessidades, fato histórico que mantém o homem vivo. Satisfeita essa necessidade, são geradas novas necessidades – ação considerada pelos autores como ato histórico inicial, segundo aspecto da história. O desenvolvimento histórico é afetado, ainda, pela reprodução e criação da família, relação social de base que irá acrescida pelas necessidades de gerar novas relações, com o aumento da população outras mais serão criadas e sucessivamente, o terceiro elemento da manifestação histórica. É nesse processo de intersubjetividade em prol de sua própria existência que o homem se engendra na e pela linguagem, no contato com a natureza e o outro.

---

<sup>231</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 353.

<sup>232</sup> MARX/ENGELS. op. cit.

Marx e Engels lembram ainda que é preciso compreender os aspectos antes elencados como sendo momentos de uma só realidade, que estiveram presentes desde o início da vida humana.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social –, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade.<sup>233</sup>

É, nesse contexto, que Marx e Engels acrescentam a consciência como fator histórico, ponto que interessa mais atentamente aos estudos linguísticos. A consciência é concebida vinculada a “camadas de ar agitadas, de sons, [...] em forma de linguagem”<sup>234</sup>. Interessa, para este trabalho, a compreensão de que a linguagem surge na carência mesma de intercâmbios entre os homens. “A consciência é portanto, de início, um produto social e o será enquanto existirem homens.”<sup>235</sup>

Esse mesmo princípio de relação parece estar presente nas elaborações de Bakhtin. Em *O problema do texto*, há uma questão de importância singular para o trabalho aqui proposto. A percepção de que o ato de compreensão carrega em si relações dialógicas, o que já mencionamos no item – A constituição dialógica do enunciado. Não é possível compreender um enunciado do seu exterior, dado que a compreensão é de natureza dialógica, inserida em contexto dialógico maior. O ato de compreensão se insere no diálogo e modifica esta instância de alguma forma.

Assim, ao compreender um enunciado, o sujeito torna-se o terceiro elemento na relação dialógica desta unidade linguística. Isso pode ser pensado com base na premissa de que o ato de compreender é a concretização de uma atitude responsiva, que é dialógica, independentemente do caráter da responsividade, seja ele de concordância, discordância, acréscimo ou modificação do enunciado. O caráter de observação/compreensão envolve os movimentos de empatia e distanciamento (exotopia). O sujeito ao dar sentido ao enunciado deve aproximar-se do enunciado para depois colocar-se em atitude externa responsiva em relação ao seu conteúdo.<sup>236</sup>

Ao assumir que “as relações dialógicas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria sígnica”, Bakhtin reforça a ideia de que as relações dialógicas se fazem presentes na própria consciência do sujeito, ou

<sup>233</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 34.

<sup>234</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 34-35.

<sup>235</sup> MARX/ENGELS. op. cit., p. 25.

<sup>236</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 355-356.



seja, esta é formada pela cadeia de diálogos em que se insere de forma determinada.<sup>237</sup> Essa perspectiva é reveladora das relações ideológicas refletidas no enunciado. O enunciado nasce dialógico, sob o ponto de vista que representa, mesmo na *consciência*, uma dada compreensão ou apreensão do real, mediada pela linguagem; ato no qual o criador do enunciado, mesmo que aparentemente monológico, insere-se na cadeia de enunciados pelo próprio ato de compreendê-lo. A compreensão é considerada uma atitude responsiva não necessariamente imediata à materialização do enunciado.

Ao inserir-se na própria consciência, a relação dialógica implica a amplitude temporal das relações posto que a consciência é formada por apreensões abstratas da realidade, em enunciados concretos, que são parte de um *contínuo* sem limites temporais ou espaciais. Logo, o caráter dialógico, dessa forma pensado, implica uma dimensão *ideológica* ao enunciado concreto. Assumidos tais pressupostos, as relações de influência recíproca de constituição da totalidade – linguagem – se revelam manifestação de uma abordagem dialética, nas máximas já mencionadas no Capítulo II, quando apresentamos as premissas da dialética segundo Marx e Engels, – em que tudo se relaciona na unidade.

Bakhtin/Volochinov ainda acrescenta que um dado enunciado dá continuidade a outros enunciados proferidos anteriormente, de forma que cada um constitui sempre atitude responsiva no processo de interação. Na realidade, as respostas podem manifestar-se tanto de forma direta, em uma réplica verbal a outro enunciado, quanto de forma indireta, em uma ação posterior que se realiza tomando em consideração uma compreensão anterior, dado que a própria compreensão constitui enunciado interno de apreensão da realidade. "O falante termina o seu enunciado para passar a palavra a outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva".<sup>238</sup>

A relação com outros enunciados constitui a singularidade do enunciado, enquanto unidade do discurso, em oposição às unidades da língua. A alternância de sujeito é de tal forma constituidora do enunciado que a sua não manifestação real, concreta na existência real de um sujeito não impede que seja ela própria a delimitar a unidade em questão, é o caso dos enunciados retóricos em que o falante simula a alternância de sujeitos discursivos.<sup>239</sup>

Até aqui apresentamos características sobre a alteridade, a dialogicidade e a ideologia como um conjunto em relação recíproca e contínua formadora do enunciado concreto. No item relativo à constituição alteritária do enunciado, fizemos alusão à questão do sentido do

<sup>237</sup> (Bakhtin, 2010, p.160)

<sup>238</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 275.

<sup>239</sup> (Voloshinov/Bakhtin, 1926/s.d., p.5)

discurso, do enunciado no que Bakhtin chamou de entoação. Essa questão se mostra fundamental para uma análise que pretenda esclarecer as demais relações presentes no enunciado, a relembrar: a representação do eu e do outro, na alteridade, a representação dos discursos alheios e dos discursos homogeneizadores, na dialogicidade, a representação das ideologias do cotidiano e instituídas, na abordagem ideológica. A partir desse ponto da discussão, iremos apresentar o conceito de gêneros do discurso para esclarecer como se dá o reflexo e a refração do ser.

Conforme se pode ler em *Discurso na vida e discurso na arte*, é no discurso cotidiano que a essência social do discurso verbal se mostra de forma mais precisa e aparente. No entanto, ao buscar a significação de um enunciado, o investigador se depara com a *não-suficiência do discurso verbal* na construção do sentido do enunciado, o que vincula o sentido deste ao mesmo plano de sua realização, o das situações pragmáticas da vida.

Dado a exigência de propriedade semântica, enunciados constituem avaliações apreciativas, as quais expressam significados maiores do que aqueles recuperáveis em fatores linguísticos, posto que abrangem também a situação extra-verbal do enunciado como sua parte integrante. Reconhecendo que o discurso verbal apresenta-se fundido ao evento na vida, formando uma "unidade indissolúvel", Bakhtin<sup>240</sup> busca responder quais elementos ou fatores estariam de fato em análise quando da pretensa busca do sentido em enunciados. Essa resposta chama para nosso texto a abordagem dos *gêneros do discurso*.

---

<sup>240</sup> BAKHTIN, M. (1920/2003) op. cit.

## 5 A UNIDADE DAS PARTES NO TODO – OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Entendemos que por uma abordagem dos gêneros do discurso se pode esclarecer como de fato se dá a expressão da realidade e da contradição social na linguagem, ou seja, como a realidade se reflete e refrata na linguagem. Nesta seção, pretendemos tecer uma reflexão acerca da constituição dos gêneros do discurso, buscando corroborar a hipótese deste estudo: demonstrar que também esta unidade traz imbricada as premissas da dialética materialista. Nesse intuito, parece apropriado que se estabeleça a forma pela qual os gêneros do discurso se relacionam com distintos fenômenos, a saber: a capacidade de refletir a realidade material da vida social em que tais composições são engendradas.

Iniciamos pelas definições bakhtinianas desse conceito. Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin<sup>241</sup> sugere que somente “uma compreensão profunda da natureza do enunciado e da particularidade dos gêneros do discurso pode permitir a solução” dos problemas metodológicos que envolvem a investigação da linguagem. O autor compara a apreensão dos gêneros do discurso com a apreensão das formas gramaticais de uma língua. Enquanto os gêneros, unidades que organizam o discurso, concretizam-se em enunciados reais, em situações de uso concreto da língua, as formas gramaticais da língua têm caráter normativo.

As formas de gênero são mais flexíveis e criativas do que as formas gramaticais. É na escolha de determinado gênero associado à determinada entoação expressiva que a vontade discursiva do falante se concretiza. Assim, a diversidade torna-se característica fundamental na análise desse conceito. Tal análise tem sua origem na diversidade social/prático-funcional de uso da linguagem, como se pode ler nas palavras de Bakhtin.

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas.<sup>242</sup>

Desse modo, as relações sociais de cada enunciação (o que envolve os falantes enquanto sujeitos sociais, o assunto em questão e as posições de cada participante em relação ao tema) encontram exigências diversas no uso dos gêneros discursivos. Determinadas esferas sociais, dado seu caráter de superestrutura, demonstram mais exigências a gêneros mais

<sup>241</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 287.

<sup>242</sup> BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1929/ 2011, p.283-284

padronizados e coercitivos, enquanto que outras esferas demonstram a existência de gêneros que se prestam mais a elementos criativos.

No entanto, a criatividade nesses casos não implica que se possam criar enunciados fora dos gêneros existentes, ou mesmo que se crie sem esse pressuposto, o gênero discursivo. As enunciações só podem ocorrer dentro dos gêneros e os gêneros se constituem de enunciações. Há “[...] que se dominar bem os gêneros para empregá-los livremente”.<sup>243</sup> Ao falante são dadas as formas da língua e as formas de enunciados – ambas obrigatórias, para todas as situações discursivas. O enunciado não é uma combinação absolutamente livre de formas da língua, mas a própria forma do enunciado está em um todo organizado normativo (seja este flexível em maior ou menor grau). É o todo do enunciado, ou seja, seu gênero discursivo que sugere os tipos e os vínculos composicionais. “A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do discurso”<sup>244</sup>

Os gêneros do discurso afiguram incomensuráveis e inaplicáveis na condição de unidades do discurso, isso porque as possibilidades composicionais do enunciado são sempre de heterogeneidade extrema, posto que são determinados pelas circunstâncias de enunciação e seus participantes em uma relação mútua. “Por outro lado, os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas e tópicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos significados das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas”<sup>245</sup>

As palavras não advêm diretamente da língua, mas de outros discursos e enunciados, por isso não podem chegar vazias de significado. A experiência discursiva de um sujeito se constrói no processo de interação com outros enunciados e desenvolve em relação a estes um certo grau de assimilação – mais ou menos acentuado – da palavra do outro. Todo discurso é pleno da palavra do outro, e apresenta variado grau de alteridade, de assimilabilidade ou de relevância. As palavras entram em nosso discurso, vindas dos discursos alheios e irão demonstrar maior ou menor grau de matizes da enunciação individual

Vista dessa forma, a propriedade expressiva não decorre do uso da língua, mas do uso de palavras de outros discursos carregadas de significado e, portanto, configura “expressão típica de gênero ou eco de expressão alheia”. A composição do enunciado é determinada, por

---

<sup>243</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p.284

<sup>244</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p.286.

<sup>245</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p. 293.

um lado, pelo falante, sua visão de mundo, seus valores e suas emoções, e, de outro lado, pelo objeto do discurso e o sistema língua<sup>246</sup>

É na composição semântica, na percepção do sentido do enunciado, que a constituição do gênero se faz estável ou instável, conforme o presumido possa ser reconhecido ou não como centro comum pelos participantes da enunciação. Ou seja, se o presumido não é assumido por ambas as partes de uma enunciação, o gênero torna-se menos estável, ao passo que presumidos já conhecidos determinam gêneros mais estáveis na linguagem. Há fatores presumidos bastante definidos nas enunciações jurídicas, por exemplo, em que em tese se parte da mesma lei ou regulamentação para abordar uma dada situação. Essas enunciações ganham, por isso, mais estabilidade em seu gênero discursivo.

Aceitando a imbricação de enunciados e gêneros, devemos elucidar a alternância de sujeito. Essa peculiaridade do enunciado apresenta uma *vinculação* estreita com outra característica dessas unidades do discurso, a *conclusibilidade* específica do enunciado, que é um aspecto interno à alternância de sujeito e tem como critério primeiro a possibilidade de responder-se ao enunciado.<sup>247</sup> É sob esse ponto de vista que os gêneros do discurso aparecem como uma unidade globalizante das relações intrínsecas da linguagem: alteridade, dialogia, ideologia e que se estabelece em relação recíproca de constituinte e constituído.

A inteireza do enunciado se apresenta de diversas formas, em maior ou menor grau. A exauribilidade (1), o projeto de discurso (2) e as formas típicas (3) se inter-relacionam, fazendo com que o estudo do enunciado constitua-se em relação de determinação recíproca refletida nos gêneros do discurso. É o arranjo entre tais características que faz surgir uma infinidade de enunciados e gêneros discursivos aplicados com funções interativas diversificadas.

Por exemplo, uma ordem militar apresenta uma certa exauribilidade que determina sua conclusibilidade de forma mais aparente se comparado com enunciados mais plásticos, já que exige uma atitude responsiva imediata; por outro lado, um enunciado de cunho científico, em especial nas ciências sociais, apresenta exauribilidade temática de forma bastante relativa, posto que a atitude responsiva se dá de forma menos imediatista.

A relação entre as dimensões constituidoras da inteireza do enunciado (1, 2 e 3) é de interdependência, de forma que, quanto mais estáveis e padronizados forem os gêneros do discurso, maior é a exauribilidade do enunciado. A vontade do falante, por sua vez, é interpretada pelo interlocutor em cada enunciado, determinando a fronteira do enunciado. Em

<sup>246</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p.295- 296.

<sup>247</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p.280

outras palavras, fazemos uma projeção do que o locutor quer dizer com o enunciado. Assim, a vontade discursiva é o projeto enunciativo/discursivo essencial para a produção do enunciado e do gênero, com todas suas particularidades. A escolha do objeto é determinada por esta vontade verbalizada, por esse projeto, a fim de que se insira no contínuo discursivo. A seleção do gênero, por sua vez, é determinada pelo projeto enunciativo e a possibilidade de exaurabilidade do enunciado.

Em decorrência de que as dimensões elencadas demonstram o envolvimento do linguístico e do extralinguístico, para Bakhtin, os gêneros do discurso são reflexo das relações sociais em que os enunciados constituidores e constituídos de cada gênero surgem. Para elucidar tal questão, o pensador russo propõe a diferenciação entre gêneros discursivos primários e gêneros discursivos secundários. Essa diferenciação surge para dar conta da extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e uma conseqüente dificuldade em definir a natureza geral do enunciado. Assim, se propõe pensar que gêneros secundários têm origem nos gêneros primários e se distanciam destes ao serem incorporados em seu próprio gênero – romance, por exemplo.

Os gêneros discursivos secundários “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, enquanto os gêneros discursivos primários formam-se nas condições de comunicação discursiva imediata e são incorporados e reelaborados no interior dos gêneros discursivos complexos, perdendo o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios.<sup>248</sup> Um gênero primário, como réplica de discurso, ao ser incorporado em um gênero secundário, como o romance, integra a realidade concreta apenas pelo conjunto do romance e não mais pela vida cotidiana que tenha originado o gênero primário. Romance e réplica são enunciados, gêneros do discurso em sua totalidade, diferenciando-se pelo nível complexo e simples de cada um.

Dado o caráter extralinguístico da formação dos gêneros discursivos, estes parecem ser a unidade de análise que mais serve a entender como a realidade material, a infraestrutura, se encontra refletida na linguagem. "Toda a estrutura formal da fala depende de qual é a relação do enunciado com o conjunto de valores presumidos do meio social onde ocorre o discurso".<sup>249</sup> A entoação configura-se como sendo o fator de ligação do verbal ao extra-verbal e que apresenta maior sensibilidade, elasticidade e liberdade e, por isso, revela de forma mais facilitada sua origem social, servindo, assim, de exemplo no estudo ao qual nos referenciamos.

---

<sup>248</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p.264.

<sup>249</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 7.

Tendencialmente, tanto a entoação quanto os gestos na fala são ativos e objetivos, por estarem fortemente impregnados da relação viva com o mundo externo e meio social. Quando uma pessoa entoa e gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social.<sup>250</sup>

Ainda em *Discurso na vida e discurso na arte*, Voloshinov/Bakhtin<sup>251</sup> exemplifica a ocorrência de um colóquio em que dois interlocutores olhando pela janela avistam a neve e um deles produz o enunciado – *bem*. Argumenta-se nesse texto pela insuficiência das descrições estruturais do enunciado (fonológicas, morfológicas, sintáticas) para chegar-se ao sentido do enunciado.

A palavra *bem*, mesmo associada à determinada entoação, não tem o seu sentido determinado por quaisquer fatores linguísticos, e o uso desse enunciado no processo interativo só pode ser explicitado por fatores extralinguísticos, a saber: i) ambos estavam já cansados do inverno; ii) tinham conhecimento de que era hora de chegar a primavera; iii) a própria situação física da neve.

Nas palavras do texto,

É deste “conjuntamente visto” (flocos de neve do outro lado da janela), “conjuntamente sabido” (a época do ano – maio) e unanimemente avaliado” (cansaço do inverno, desejo da primavera) é disso tudo que o enunciado depende diretamente, tudo isto é captado na sua real, viva implicação – tudo isto lhe dá sustentação. E, no entanto, tudo isto permanece sem articulação ou especificação verbal.

O sentido completo do enunciado exige uma análise do contexto extra-verbal, compreendido em três fatores.<sup>252</sup>

- 1) O horizonte espacial comum aos interlocutores;
- 2) O conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores;
- 3) Uma avaliação comum dessa situação.

Esses fatores são agrupados nos elementos denominados de "presumidos". No enunciado – *bem* –, são assim denominados porque não recebem articulação verbal, mas são propriedades indissociáveis da entidade semântica de qualquer articulação.<sup>253</sup> Ao conhecer os

<sup>250</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 9.

<sup>251</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit.

<sup>252</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 5.

<sup>253</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 5.

aspectos presumidos – ou o horizonte espacial e ideacional compartilhado, é que se toma contato com o sentido geral do enunciado ao qual a entoação trará alteração em qualquer aspecto do sentido, sendo essa mais uma propriedade constitutiva de sentido. O enunciado fica assim delimitado em um caráter dual, verbal e extra-verbal, que se unifica em uma característica monista, delimita a unidade, propriedade totalizante constituidora do enunciado. Assumidas tais características, uma investigação que pretenda elucidar o sentido discursivo do enunciado deve primar por esclarecer, então, como o dito se relaciona com o não-dito.

Reconhecer a unidade dialética das partes determinadas pelo todo e que se configuram determinantes entre si e também na relação com o todo se torna praticamente uma obviedade. O enunciado intrínseco e permeado simultaneamente pelo gênero discursivo não pode se apresentar distante da realidade de interação social, atravessada pela realidade infraestrutural em que se insere, assim como não é possível conceber que não seja a palavra a organizadora da própria realidade. O aspecto monista totalizante é também reivindicado, chegando a constituir base primeira, nas obras dialético-materialistas.

Neste caso, a essência constituidora do ser é manifesta na atividade-ato, trabalho de transformação da natureza como necessidade básica de existência.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material.<sup>254</sup>

O conceito monista pode ajudar esclarecer a natureza social da linguagem. Assumindo-se os pressupostos apresentados neste texto, podemos concluir que no estudo de gêneros do discurso se encontra não só o reconhecimento do outro no discurso, dado que esse outro é característica intrínseca e já inegável na própria essência discursiva, mas pode revelar, na verdade, a relação de tantos outros presentes no discurso, a começar pelo outro imanente chegando a percepções do outro ouvinte e o próprio conteúdo, que por si já carrega uma dada determinação social representada em termos de interesse temático, além do já dito a que todo enunciado responde em maior ou menor grau.

---

254 MARX/ENGELS, 2007, p.10-11.



As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala.<sup>255</sup>

O exemplo tomado por Bakhtin, o advérbio *bem*, considerado enunciado, delimita uma expressão de descontentamento ao olhar o tempo que impossibilita o passeio na praia. Seria comum observar um franzir de testa ou uma entoação característica, revelando uma reprovação, ou indignação. Não se pode dizer que estamos indignados com quem nos ouve, mas sim com o próprio conteúdo da fala – herói, que não encontra definição ou materialização. “[...] qualquer locução realmente dita em voz alta ou escrita para uma comunicação inteligível [...] é a expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico (o que ou o quem) da fala (o herói)”.<sup>256</sup>

O discurso verbal constitui assim um evento social, "nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes da enunciação".<sup>257</sup> A forma e o significado do enunciado são determinados pela forma e o caráter da interação. A premissa de que o significado do enunciado na vida não se restringe a sua composição puramente verbal e que palavras estão impregnadas de qualidades presumidas – portanto não-ditas/articuladas, implica a assertiva de que a vida influencia e constitui o enunciado verbal do interior dele próprio, enquanto unidade e comunhão da existência dos envolvidos na enunciação, unidade e comunhão dos julgamentos sociais correspondentes ao grupo, condensados nos elementos presumidos. Não é possível conceber um enunciado inteligível desprovido de uma das partes: o dito e o não-dito; dessa forma é somente a totalidade que faz nascer um enunciado inteligível.

Em uma relação análoga à forma artística, a forma qual seja ela, estabelece, em virtude de sua significação, uma relação entre o material expressivo (linguístico) e o seu conteúdo. A forma do enunciado é organizada pelas avaliações sociais e constitui, em realidade, a expressão de tais avaliações, presumidas ou não. Assim, a forma configura-se como uma unidade entre matéria e conteúdo. A seleção de um tópico/contéudo ou de um evento determina o nível da forma e a "admissibilidade destes ou daquele conjunto particular de elementos configurantes".<sup>258</sup> Há uma exigência de adequabilidade hierárquico-avaliativa da forma e do contéudo, os quais devem ser "igualmente adequados uma para o outro".

<sup>255</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929/2010) op. cit., p. 42.

<sup>256</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 9.

<sup>257</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 10.

<sup>258</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) op. cit., p. 12.

A seleção do conteúdo e da forma manifesta a posição do autor – locutor –, como ato uno que expressa uma determinada avaliação social. Assim, se pode afirmar que se encontram representadas em dado nível linguístico (em palavras e formas da organização da unidade base – enunciado) as inter-relações vivas do locutor com o mundo que ele pretende descrever e com o qual quer relacionar-se no ato enunciativo, tornando assim o interlocutor um terceiro participante. Naquilo que em nível aparente estariam palavras em relação posta entre entidades linguísticas, uma análise sociológica, como a proposta por Voloshinov/Bakhtin, desvela uma relação entre seres sociais, refletida e fixada no material verbal.

A forma de um conteúdo é determinada pela escala avaliativa do evento descrito em correlação com a escala do locutor e do interlocutor. Todos os elementos de uma dada forma ou configuração de um enunciado estão em relação orgânica com o objeto do enunciado e impregnados de atitude avaliativa do autor em relação ao conteúdo e à atitude ativa do interlocutor presumido, o que expressa a posição axiológica do locutor. Nesse caso, é importante, no entanto, destacar que não se faz referência a posições ideológicas – avaliativas incorporadas nos conteúdos, em formas de julgamentos exteriorizadas, mas naquelas que se encontram amalgamadas profundamente na forma, que encontra expressão na maneira de organizar e dispor o material linguístico.

Outro fator que irá determinar a forma do enunciado é o grau de proximidade entre locutor, tópico e interlocutor. Diversas formas linguísticas revelam os graus de proximidade entre estes elementos, como pessoas do discurso, modalizadores, o que implica saber que a própria estrutura da língua reflete a inter-relação entre os falantes. No entanto, há que se reconhecer no estilo e na entoação, por exemplo, a expressão mais sutil das inter-relações entre os participantes da enunciação. Em última instância, a forma de um enunciado é determinada pelo modo como o autor percebe o tópico e o interlocutor, em uma relação sempre de três participantes.

Há uma participação do interlocutor que deve ser percebida em dois fatores: sua proximidade com relação ao autor, em sentido de projeção não empírica, e sua relação com o tópico. Nesse sentido, o grau de concordância ou discordância presumido do ouvinte dá forma ao enunciado. Assim, há formas que irão expressar um acordo entre os participantes e outras manifestar um conflito, constituindo respectivamente enunciados como manifestação exemplar por Bakhtin, como a forma lírica e a ironia.

É mister destacar que o interlocutor que participa intrinsecamente para determinar a forma do enunciado é um ouvinte imanente que se coloca lado a lado com o criador. Não se trata de um ouvinte que seria supostamente levado em conta conscientemente e ao qual se

procuraria adequar a forma do enunciado, mas àquele que se encontra no próprio criador. Um grupo alheio ao locutor influencia de forma externa o enunciado, enquanto que um grupo próprio do locutor existe na própria voz deste, na forma que confere ao enunciado, queira o locutor ou não.

Para Bakhtin (1929/2011), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, o que determina que não existam enunciados sem gênero e nem gênero sem enunciado. Em realidade a comunicação toma por base os gêneros. A imbricação do gênero discursivo e o enunciado é tal que somente na escolha de um gênero discursivo é que se torna possível a realização de enunciados, dado que o gênero se instala desde o mais simples ato de comunicação diária até os mais elaborados. A seleção de um gênero discursivo se dá engendrada pela definição temática, pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição individual de cada participante do processo de interação.<sup>259</sup>

O enunciado concreto unifica os participantes de dada situação de enunciação em co-participantes que *conhecem*, *entendem* e *avaliam* de forma aproximada a situação – parte do referente. Portanto, o próprio enunciado estabelece relação de dependência com seu complemento real, material ao que ele dá expressão ideológica para determinar posterior desenvolvimento ideológico.

Não se pode reconhecer aqui uma relação de causa e consequência, em que a situação extra-verbal viria agir como força externa na construção de enunciados nem mesmo considerar a hipótese de que a situação real poderia, por vezes, estar refletida, na linguagem, tal qual um espelho. Há que se perceber sim que a estrutura significativa do enunciado é constituída de duas partes: (a) o verbal – dito e (b) o presumido.<sup>260</sup> É justamente assumindo tal dualidade que se pode esclarecer o aspecto social não-verbal presente no enunciado como seu constituidor inerente. O presumido em um enunciado é sempre o coletivo e não pode ser o individual, sob pena de sua significação estar comprometida. Optamos por utilizar coletivo e não social, visto que nos parece haver uma relação de classe na construção da consciência que não se daria somente por atos de interação, mas na relação de transformação da natureza – trabalho – pelo qual se diferenciam as classes em abordagem marxista.

Ao que se poderia pensar individual e subjetivo, visto que constitui a consciência dos indivíduos, subjaz o coletivo e objetivo. Em outras palavras, o não-dito, se presumido, advém de observações coletivas da realidade, corresponde a visões de mundo consolidadas em um dado grupo ou classe social. Com isso se elimina o equívoco de que o não-verbal seria algum

<sup>259</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p. 262;

<sup>260</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926/s.d.

tipo de intervenção externa ao enunciado, já que, sendo parte integrante, é o próprio enunciado em sua concretude que implica um aspecto presumido.

O não-dito é coletivo do ponto de vista que só pode ser presumido se em acordo com interlocutores (é o que vemos, amamos, avaliamos que é expresso nos enunciados). É também objetivo, já que consiste na unidade do material do mundo que entra no horizonte dos falantes ou que os falantes observam no mundo (referente) e na unidade de condições reais de vida, as quais geram certas comunhões de julgamentos de valor. É assim que os julgamentos presumidos devem ser analisados como reflexo de atos sociais regulares e essenciais.

O aspecto individual dos enunciados se realiza sempre na base primeira do *coletivo social* ao qual se referem e pertencem os falantes. O presumido, ou o horizonte comum vinculado ao enunciado, pode expandir-se no tempo e espaço. "Quanto mais amplo for o horizonte global e seu correspondente grupo social, mais constantes se tornam os fatores presumidos em um enunciado".<sup>261</sup> Um horizonte estreito corresponde a um horizonte real de duas ou mais pessoas em um mesmo local e momento, o que faz de cada mudança um novo presumido. Ao contrário disso, em um horizonte ampliado, o presumido só pode estar sustentado em fatores estáveis da vida – o que exige que sejam avaliações sociais substantivas e fundamentais.

As avaliações presumidas mantêm uma relação estreita com o grupo social que expressa os enunciados verbais vinculados a cada avaliação. Isso ocorre devido ao fato de que a própria percepção do objeto ou do fenômeno se dá nas bases de organização de cada grupo, organização esta forjada já nas bases de avaliações comuns. Nas palavras de Bakhtin, “[...] avaliações sociais básicas derivam diretamente das características distintivas da vida econômica de um grupo social [...]. Parece que ao mesmo tempo que percebemos o objeto, percebemos o seu valor [...]”.<sup>262</sup>

A relação é de tal forma dialética que um julgamento de valor mostra sua força somente se pertencer à vida e desta posição organizar a forma do enunciado – o que inclui a entoação deste. Assim, a totalidade de um julgamento de valor não é apreendida do conteúdo, mas encontra-se como determinante na "seleção do material verbal e a forma do todo verbal"<sup>263</sup>

O enunciado está de tal modo forjado na interação social de sujeitos que, como já mencionamos, a sua concretização é precedida pela escolha de um dado gênero discursivo,

<sup>261</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926/2003, p.7

<sup>262</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926/s.d., p.7.

<sup>263</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926/s.d., p.7.

compreendido como uma determinada organização, composição dos elementos da língua determinada pela situação discursiva e pelo sujeito participante. O conceito de gênero discursivo se mostra uma unidade de expressão do princípio dialético de relação entre fenômenos. Isso porque a unidade gênero é a responsável por exprimir aspectos infraestruturais das relações sociais, dado que a seleção do gênero ocorre na relação material estabelecida na interação social.

A diversidade dos gêneros discursivos está diretamente relacionada com a multiplicidade de atividades humanas, porque, para cada campo da comunicação, também chamada de esfera de atividade/comunicação, há uma determinação de composição para o enunciado. Os gêneros do discurso tornam-se tão complexos e diversos quanto seja o próprio campo de atividade.

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades do diálogo do cotidiano é extraordinariamente grande em função de seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários [...].<sup>264</sup>

Ressaltamos o aspecto da determinação recíproca entre as partes e o todo, premissa dialética, posto que os gêneros se caracterizam por certos tipos de enunciados, os quais, por sua vez, são determinados pelos gêneros discursivos que o constituem. Os gêneros, em última instância, são reflexos das relações sociais. A comunicação entre os homens acontece em diversos campos de atividade humana, há uma diversidade de formas e usos linguísticos utilizados em cada campo e que não compromete a unidade da língua. Enunciados concretos são proferidos por membros de um campo específico de atuação humana, assim estas unidades refletem “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, [*sic*] acima de tudo, por sua construção composicional.”<sup>265</sup>

Posto dessa forma, se evidencia uma visão de fenômeno proposta pelo Círculo enraizada no princípio da relação totalizante da concepção dialético-materialista. Há uma

---

<sup>264</sup> BAKHTIN, 1929/2011.

<sup>265</sup> BAKHTIN, 1929/2011, p. 261.

relação intrínseca entre as esferas de comunicação refletidas no enunciado e expressas nos gêneros, como tipos de enunciados, como se pode ver nas palavras de Bakhtin:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero dos discursos, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.<sup>266</sup>

Todos os seres sociais por natureza adquirem suas palavras e outros recursos linguísticos ao longo do curso de sua vida em contato direto com seu ambiente. Mesmo em processos de enunciados monológicos, não proferidos, por meio dos quais se organiza a percepção do mundo e formação da consciência, as palavras já encontram determinada configuração. Não é possível assimilar como fala própria uma fala que seja contrária a nossa fala interior, isto é, “que seja contrária a toda a maneira verbal interior de se ser consciente de si próprio e do mundo”. Dessa forma, a palavra é desde sua origem, ao passo que se constitui palavra em nossa consciência, uma manifestação daquilo que assumimos como “nosso”, mas que apresenta origem social. O que caracteriza a presença do outro na própria consciência.<sup>267</sup>

O enunciado, além do caráter dialógico, apresenta aspecto ideológico, dado que se constitui em sistema axiológico, definido pela consciência dos sujeitos. A ligação entre a consciência ideológica e a linguagem já foi observada por Plekanóv (1922), ao afirmar que a psicologia do corpo social realiza-se através da interação verbal. Ou seja, o modo de funcionamento dos grupos sociais se efetiva nos enunciados de um dado tempo e espaço.

Nenhum enunciado concreto, ou gênero discursivo, pode ser pensado fora da dimensão espaço-temporal, de forma que é o “cronotopo” que orienta todas as formas de representação abrigada no enunciado/gênero. Nessa perspectiva trata-se de espaço social e tempo historicamente determinado, o que significa assumir que tanto na experiência vivida, quanto na representação o tempo é organizado por convenções. A teoria do cronotopo permite pensar o enunciado e o gênero em uma existência cultural, sem um ponto de partida e um final definitivo, inseridos no dialogismo da própria sociedade. Os enunciados concretos conformam gêneros, os quais se constituem a partir de situações cronotópicas particulares, mas recorrentes, por isso tornam-se tão amalgamados às organizações sociais.

Nesse sentido, a palavra, para Bakhtin, penetra nas relações humano-sociais e é capaz de registrar as mudanças sociais em seu âmago, por isso esta palavra é determinada pelas

<sup>266</sup> BAKHTIN, 1929/201, p.262.

<sup>267</sup> VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926/s.d., p.16

relações de produção e pela estrutura sócio-política. É em sua vinculação com a ideologia do cotidiano que a palavra encontra sua sobrevivência. E a interação verbal segue sendo alimentada e adquirindo novos contornos advindos da construção conjunta de uma ideologia do cotidiano, movida pela práxis cotidiana da humanidade. Nas palavras de Bakhtin/Volochinov, “Ainda que, em uma determinada época, uma palavra, uma obra literária, por exemplo, pareça adormecida, é do vínculo com a ideologia de uma outra época que ela pode renascer.”<sup>268</sup>

Assim compreendido, o enunciado pode revelar-se como um fenômeno, ao qual subjaz uma essência profundamente determinada pelos sujeitos sociais, o tempo, o espaço e as relações possíveis nesse contexto, a tal ponto que se torna fenômeno capaz de refletir/esconder as próprias relações sociais. Destaque-se ainda que o mundo real ora “procurado”, dialeticamente definido, jamais será um mundo de objetos reais fixados, que apresentem em seu aspecto fetichizado a implicatura de ser natural; ao contrário é um mundo em que coisas e significados são produtos do homem inserido em seu espaço social, sendo este homem o sujeito real do mundo social. Na busca de uma abordagem dialética da realidade, captar o fenômeno significa descrever como a coisa em si se manifesta em determinado fenômeno, e como se encobre nele.<sup>269</sup>

A concepção de gênero do discurso como reflexo da realidade estaria de acordo com o fim do fetichismo apresentado por Kosik,<sup>270</sup> dado que desapareceria o caráter natural não determinado de uso da linguagem. Nesse ponto da discussão, mais uma vez parece que a categoria *reflexo* pode garantir uma compreensão bastante segura, já que se entende que a estrutura significativa de um enunciado vincula-se às representações objetivadas na consciência, conforme Lukács.<sup>271</sup>

Pensamos ser útil esclarecer o que de fato se pode compreender como “*reflexo*” de uma realidade, ou seja, que propriedades estão envolvidas no uso do termo que carrega em si aspectos conceituais. Procuraremos tecer uma aproximação com a categoria reflexo, tal como foi apresentada por Lukács, no estudo da *Ontologia do ser social*.

A escolha desse texto justifica-se por tratar-se de autor reconhecidamente marxista e grande conhecedor da dialética, ao menos no período correspondente do texto em estudo. Lukács considera *reflexo* como um fenômeno social que não apenas reproduz de forma

<sup>268</sup> BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2011, p.123

<sup>269</sup> KOSIK, Karel. op. cit.

<sup>270</sup> KOSIK, Karel. op. cit.

<sup>271</sup> LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe. São Paulo: PCUS, 1960. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/consciencia/index.htm>.

aproximativa o real na consciência, mas também concretiza sujeito e objeto enquanto polos distintos da relação gnosiológica. Nas palavras de Lukács, "No reflexo da realidade, a reprodução se destaca da realidade reproduzida, se coagula numa 'realidade' própria da consciência".<sup>272</sup>

Isso sugere que a categorização pensada por Bakhtin, quando se referencia à capacidade da linguagem de refletir a realidade social, constituindo fator de caráter ideológico, seja próxima daquela também proposta por Lukács, em seu conceito de *reflexo*. O reflexo da realidade é antes de tudo uma objetivação discursiva, que se desvincula da realidade material da vida, mantendo com esta somente a relação de representação. Assim, podemos entender que *os gêneros discursivos* constituiriam uma realidade objetiva no plano da subjetividade da consciência.

Em outras palavras, e estas bem mais próximas às de Lukács, o ato da consciência de refletir o real dá origem a uma "nova objetividade", a qual é "uma realidade própria da consciência". Essa "nova objetividade" confere um "caráter dual" ao mundo dos homens. As categorias pensadas compõem "uma 'realidade' própria da consciência". Essa "realidade" é uma "nova forma de objetividade, mas não uma realidade", pois, em "sentido ontológico", "não é possível que a reprodução seja da mesma natureza daquilo que ela reproduz, tanto menos idêntica a ela"<sup>273</sup>.

Se a faculdade da linguagem e a capacidade de abstração são inerentes aos seres humanos, ambas devem garantir que se possa representar na subjetividade humana a realidade na qual se está inserido. O aspecto representativo, nesse caso, deve constituir-se de natureza diversa da realidade, conforme apresenta Lukács. Disso decorre que existam meios de objetivar as relações sociais na consciência humana, o que só poderia se dar pela linguagem em si.

O gênero do discurso seria a objetivação no plano subjetivo (consciência) de uma realidade objetiva, material, qual seja, as relações sociais nas quais se efetivam os enunciados. Essa compreensão se torna possível frente à composição do *gênero discursivo*.

Um dos conceitos fundamentais para se entender essa relação é apresentado por Bakhtin como cronotopo. De acordo com o autor, o cronotopo é a porta de entrada para uma análise do gênero, definido como a organização do tempo e do espaço na linguagem. Cada gênero do discurso está situado em um cronotopo, ou seja, engendra-se em um dado espaço, tempo, apresenta determinado horizonte axiológico e ideológico e implica as posições de

---

<sup>272</sup> LUKÁCS, Georg. op. cit., p. 38.

<sup>273</sup> LUKÁCS, Georg. op. cit..



destinatários e autores. Cada gênero apresenta orientações espaço-temporais diretamente relacionadas e determinadas por condições sociais específicas e que se constituem no que este autor denomina de cronotopo.

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do *curso do tempo em tudo*, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos).<sup>274</sup>

Nessa complexa relação, uma determinada função (científica, técnica, oficial, cotidiana) associada a determinadas condições de comunicação discursiva, que estão sempre ligadas a campos específicos de uso da linguagem, dão origem a determinados gêneros de discurso que seriam em verdade a objetivação da realidade no plano da consciência. São os gêneros discursivos, como unidade de estudo, que revelam de modo preciso e flexível as mudanças sociais,<sup>275</sup> visto que são o reflexo da realidade social, uma apreensão desta no interior da consciência e que, como apreensão, só poderia se efetivar na mediação da linguagem.

Conceber os gêneros é perceber as relações entre os fenômenos sociais, concretizadas na linguagem, as quais se configuram como a unidade constituinte do próprio objeto – gênero. É também perceber que a realidade de um fenômeno se manifesta no processo contínuo de interação, no qual a determinação das partes e do todo se faz na relação recíproca. Os gêneros do discurso não podem ser pensados como uma propriedade isolada da linguagem, mas devem ser concebidos da mesma forma que os demais conceitos em uma constante relação recíproca de influência mútua. Esse ponto de vista suscita a materialização do princípio dialético de que tudo se relaciona no mundo dos fenômenos e que a própria unidade é resultado das relações constituidoras das partes, sob influência recíproca da relação com a unidade e as partes.

Em *Apontamentos de 1970-1971*, Bakhtin procura demonstrar a insuficiência dos estudos linguísticos para dar conta da investigação em torno do enunciado concebido como um todo de relações. Procura entender o entrelaçar de questões culturais e históricas que se pautam na cronotopia. O autor propõe conceber-se a cultura como um sistema orgânico.

<sup>274</sup> \_\_\_\_\_ (1974/2003) Para uma filosofia do ato. p. 225.

<sup>275</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) O autor e o herói. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 267.

[...] aberta, em formação, não resolvida, nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma (isto é, vai além de seus limites.). [...] Por trás do estilo está um ponto de vista integral de uma personalidade integral. O enunciado (produção de discurso) como um todo entra em um campo inteiramente novo da comunicação discursiva (como unidade desse novo campo) que não se presta à descrição e à definição nos termos da linguística [...].<sup>276</sup>

Bakhtin (2011) propõe pensar sobre como as questões de amplitude de espaço-tempo se configuram em *Rabelais*, quando desenvolve o conceito de cronotopo, que interessa neste estudo. O pensador russo apresenta a ideia de que se trata da concreta ligação do homem e seus atos no tempo e espaço. Esse estudo conduz Bakhtin a repensar os elementos presentes e entrelaçados no romance, sob a luz do tempo-espaço, como se pode ler: “A recriação de um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo, harmonioso, inteiro, e de novas formas para as relações humanas”.<sup>277</sup>

A observação de Bakhtin resulta em afirmar que em *Rabelais* uma nova forma de cronotopo constitui uma nova forma de comunicação que irá implicar novas formas de linguagem, novos sentidos, novos conteúdos e, portanto, novos gêneros do discurso. Dessa forma, o cronotopo é força determinante e organizadora de toda obra, sendo todas as definições espaço-temporais inseparáveis. Esclarece, com isso, que o cronotopo é tipologicamente estável, a medida que se liga à relativa estabilidade da obra, de forma que fica sendo o cronotopo o organizador do gênero.

É uma dada relação entre tempo, espaço, participantes e esfera de comunicação que determinam as relações e, por isso, acabam influenciando de forma direta todos os contatos e comunicações entre os homens. Para Bakhtin, cabe ao cronotopo organizar de forma significativa os acontecimentos, o que resulta que seja este também o organizador da própria situação enunciativa, mediada pelo gênero. “O cronotopo é o responsável pela imagem do tempo, do espaço, dos participantes, a situação ampla, indicando de forma precisa o tempo e o espaço do gênero.”<sup>278</sup>

Interessa discutir a assertiva de Bakhtin<sup>279</sup> de que cada cronotopo específico pode ser atravessado por outros diversos cronotopos, estabelecendo relações complexas no que o autor chama de “cronotopo englobador ou dominante”. “Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas”. Faz parte das afirmações do filósofo da linguagem o caráter

<sup>276</sup> BAKHTIN, M. (1920-30/1979) op. cit., p. 370-371.

<sup>277</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998. p. 283,

<sup>278</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) op. cit., p. 335.

<sup>279</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) op. cit., p. 357.

dialógico das relações a que se refere no interior do cronotopo dominante. Esse entrelaçamento de relações só pode ser concretizado na relação possível entre o mundo do autor e o mundo do leitor. A fluência de cada obra se dá temporalmente: “[...] naquele tempo-espaço totalmente real onde ressoa a obra, onde se encontra o manuscrito ou o livro, encontra-se também o homem real [...] que ouve e lê o texto”.<sup>280</sup>

Em cada processo de leitura, há uma interpenetração do mundo da obra no mundo real e do mundo real na obra, determinado pela inter-relação dos cronotopos de leitor e autor concretizados em um cronotopo dominante. Assumindo-se esse ponto de vista, devemos compreender que qualquer fenômeno interpretativo, de construção de sentido, ultrapassa a esfera estrutural da língua, ainda que semântica, e inclui-se no espaço-tempo da própria existência.

Para entrar na nossa experiência (experiência social inclusive) esses significados, quaisquer que eles sejam, devem receber uma expressão espaço-temporal qualquer, ou seja uma forma sónica audível e visível por nós [...] Sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata. Conseqüentemente, qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos.<sup>281</sup>

O que Bakhtin procura esclarecer é a impossibilidade de abstração dos sentidos de dado enunciado. Ou seja, um enunciado é sempre um enunciado concreto, realizado em tempo e espaço e carregado com os presumidos desse cronotopo. Exatamente por estar inserido nesse contexto é que o enunciado se constitui e é constituído pelo seu gênero discursivo.

---

<sup>280</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) op. cit., p. 358.

<sup>281</sup> BAKHTIN, M. (1934/35) op. cit., p. 362.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao propormos a elaboração deste trabalho tínhamos em mente a efervescência das diversas análises dos textos de Bakhtin e discussões que nem sempre contemplam o aspecto monista da proposta dos textos do Círculo, fato que nos trazia inquietação. A atividade investigativa que resultou neste texto se deu atravessada por um olhar dialógico, presente constantemente nas análises, do ponto de vista que buscamos abordar aspectos não assumidos de forma explícita nas obras analisadas, como a relação dialética e sua origem não hegeliana, mas marxista. Como toda a pesquisa, este trabalho vagou por caminho incerto, atravessado por angústias próprias da investigação e também reflexo da localização social e pessoal da pesquisadora.

Além das tarefas fundamentais de pesquisa, como definir um campo teórico e uma metodologia pra guiar o trabalho investigativo, este texto exigiu nossa entrada em campo diverso do conhecimento, muito além da compreensão de textos linguísticos, demandando que se superasse um olhar único. A forma mais aproximativa de se chegar a um resultado que se mostrasse inicialmente satisfatório seria a entrada no diálogo com a filosofia. Tais assertivas inserem este trabalho em um *contínuo*, sem início, nem fim certo. Há uma característica de inacabamento e necessário retorno a todos os tópicos tratados em cada abordagem, especialmente porque se pretendeu uma apreciação dialética da linguagem. Dessa forma, registramos o limite do trabalho, ou dos resultados alcançados. O dialogismo, muito mais do constituir uma dimensão analisada e pensada em relação aos escritos do Círculo, tornou-se parte fundadora, constituinte do trabalho, na medida em que se constitui como responsável pela proposta de novos olhares para o objeto e para os conceitos apresentados aqui.

Esta pesquisa foi orientada pelo objetivo de elucidar questões epistemológicas que conformariam uma base primeira para a compreensão do pensamento linguístico apresentado pelo Círculo de Bakhtin. Nessa perspectiva, buscamos traçar um diálogo com os textos que tratam da linguagem dos autores do Círculo de Bakhtin, observando o cotejamento dessas obras com as bases epistemológicas do pensamento dialético. Assim, a metodologia que norteou o trabalho foi a análise dos tratamentos dado a linguagem nos textos em questão, a saber: *Para uma filosofia do ato*; *Estética da criação verbal*; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*; *Problemas da poética de Dostoiévski*; *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, com vistas a elucidar os pressupostos filosóficos envolvidos na proposta.

No processo de releitura e ressignificação das obras em questão, arriscamos um olhar que considerou a construção teórica da dialética materialista, construída em diálogo com *Ideologia alemã*, de Marx e Engels; *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Marx. As obras foram selecionadas por serem reconhecidamente a base filosófica da dialética como forma de abordagem da realidade. Admitimos a necessidade de ampliação das obras filosóficas, mas assumimos os limites de leitura para área do conhecimento tão diversa de nossa formação, complexa e de sentidos dialógicos profundos, ao passo que se insere em um *contínuo* de elaboração marcado pela dimensão de tempo e de espaço, refletida nos conceitos teóricos e nas práticas metodológicas.

Assim sendo, esta pesquisa traz uma reflexão inicial a partir do nosso ponto de vista de formação linguística acerca das relações possíveis entre os conceitos linguísticos e uma dada abordagem bakhtiniana da linguagem e os pressupostos filosóficos, que em nosso entendimento delimitam a própria teoria de Bakhtin e seus pares. É necessário esclarecer que não pretendemos com essa discussão delegar o pensamento bakhtiniano a um enquadramento teórico limitador, nem tampouco proceder a associações indevidas ou desnecessárias. Argumentamos que qualquer processo que pretenda limitar ou vincular a escrita do Círculo não pode contribuir para o desvelamento do significado e dos valores axiológicos envolvidos nos trabalhos dos estudiosos do Círculo.

Em verdade, uma proposta como essa acabaria por romper na essência com o caráter dialético da discussão, já que negaria as tensões intrínsecas ao processo de investigação e de elaboração de que o próprio Bakhtin fez parte, ao mesmo tempo que abriria mão do caráter dialógico de tais elaborações. Por esses motivos, o que pretendemos é demonstrar uma possível leitura dos textos que tomam por base em primeiro lugar o nosso lugar social de coautores e, em segundo lugar, os pressupostos filosóficos dialéticos, os quais procuramos desvelar nos textos do Círculo analisados. Entendemos que, se, por um lado vincular Bakhtin a propostas fechadas de autoria diversa signifique limitar a grandeza da proposta, por outro lado, permitir que a leitura dos textos se distancie dos elementos fundadores se torna ideologicamente perigoso e um equívoco teórico capaz de comprometer a compreensão das questões linguísticas.

Faraco (1988) acentua a necessidade de que não se percam as coordenadas do pensamento de Bakhtin, que corroboramos, são dialéticas. Destaque-se que a análise linguística que pretenda seguir os preceitos bakhtinianos deve ter em conta a totalidade, a história e a prevalência social, que só pode se dar na unidade, objeto, atravessada pelas tensões dos contrários e pelos diversos diálogos possíveis. Por essas questões, buscamos, ao

longo do trabalho não vincular os escritos do Círculo a determinados pensadores, como Marx e Engels, pretendemos, de outra forma, demonstrar que a análise proposta pelo Círculo de Bakhtin traz imbricada uma compreensão dialética da realidade a ser investigada – a linguagem. Não considerar esses pressupostos fundadores coloca em risco uma abordagem profunda dos textos dos pensadores da linguagem.

Assim como o *Capital* de Marx só pode, segundo ele próprio, ser compreendido do ponto de vista de quem compreender a dialética hegeliana, visto que se constrói em processo de diálogo e tensão com essa teoria, a obra Bakhtiniana, e de seus pares, se mostra ainda mais inacabada e complexa se ao buscar a co-participação com os escritos o fizemos sem o norte filosófico da dialética. Assim, uma reflexão que se negue a assumir os embasamentos filosóficos da obra bakhtiniana, mesmo que com o argumento de que os escritos não se prestariam a enquadramentos teóricos, constitui um equívoco comprometedor para qualquer análise proposta. Por isso, queremos assumir o risco de buscar os elementos que ligam a proposta de Bakhtin à dialética e, além disso, queremos demonstrar que essa forma de abordagem faz parte dos escritos de Marx e Engels na elaboração de uma filosofia, de uma forma de compreender a realidade.

Buscamos inspiração em Faraco<sup>282</sup> para entender que o método bakhtiniano não trabalha com oposições dicotômicas, mas busca unidade dos contrários, sempre em relação de tensão; destaque-se que de igual forma deve-se ficar longe de relativismos, de posturas ecléticas, buscando aproximar-se da síntese dialética. Nessa perspectiva, a reflexão proposta como hipótese deste trabalho demonstrou sua enorme fecundidade no decorrer das leituras. Comprovamos de fato que a cada releitura, novos sentidos vão surgindo, emergidos da relação de alteridade, entre texto e leitor em seu cronotopo. A complexidade da abordagem proposta ultrapassou as capacidades analíticas da pesquisadora, mas também confirmou a carência da análise proposta. O intuito inicial desta investigação cumpriu apenas o objetivo de inserir o texto em um diálogo inacabado, visto que demonstrou a fecundidade da proposta e se limitou em sua própria complexidade.

Ao nos depararmos com a extensão e profundidade do pensamento marxiano, revelado nas diversas categorias por ele pensadas, reconhecemos que uma investigação como esta exige que o estudo tenha um foco diminuído. Parece que cada obra exige uma leitura comparativa com as obras do Círculo de forma categorizada, ou seja, que se procure a presença das categorias marxistas nos conceitos bakhtinianos um a um, por isso,

---

<sup>282</sup> FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura. In: \_\_\_\_\_ et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

aprofundados. Assim, deixamos aqui apenas indícios de que a hipótese de trabalho que guiou a pesquisa é corroborada.

A leitura dos textos do Círculo de Bakhtin nos permitiu a interpretação de que a concepção de linguagem desses autores implica a ideia de uma ação orientada axiologicamente e que emerge sempre de seres humanos que compreendem e avaliam acontecimentos em sua realidade concreta. A descrição dos eventos ocorre no que Bakhtin denominou de ato ético, em que o sujeito realiza sua interpretação e participação, já que não há evento dado em si. É assim que a concepção do Círculo se insere em uma abordagem discursiva da linguagem, concebida como prática social e intersubjetiva. Um domínio tal que pressupõe a existência de sujeitos em relação e a concretização de vozes que implicam para a linguagem o seu caráter dialógico.

As relações dialógicas são de valores, de experiências, de acontecimentos, os quais por sua vez se situam sempre em um dado tempo e espaço, o cronotopo. Nessa concepção, não há limites para o dialogismo, sendo que um cronotopo determinante pode abarcar outros menores. Para os pensadores do Círculo, a alteridade é constitutiva do eu, outro princípio necessário para a compreensão da linguagem.

No âmbito do pensamento bakhtiniano, a alteridade é pensada como uma relação atuante e constitutiva do sujeito na e pela linguagem. Significa assumir que cada um deve passar pela consciência do outro para se constituir como sujeito. É a própria alteridade que faz a identidade de sujeito de cada um, discursivamente. Na relação dialógica, axiológica, alteritária, se observa o determinante social da linguagem e com este o caráter ideológico.

É somente na linguagem que se revela, no ato individual e único, o social presumido que dá origem ao discurso. A relação entre os seres estabelece a formação da consciência que por sua vez se externaliza pela linguagem e passa a conformar de alguma forma outros discursos. Assim se forja a linguagem: da relação recíproca entre alteridade, dialogismo e ideologia. Essas relações estão presentes na unidade concreta da linguagem – o enunciado, que constitui os gêneros do discurso. O enunciado, ato concreto de linguagem, é resultado dessa complexa relação entre sujeitos, ideologicamente determinados, inseridos no contínuo discursivo.

Uma questão que sempre instigou reflexões de minha parte diz respeito a como o social seria constituidor da linguagem sem ser considerado fator externo. Nessa perspectiva, a noção de gênero discursivo esclarece de fato como se dá a relação do que se diga estruturalmente linguístico e o que se pense extralinguístico. O gênero reflete e refrata o ser em sua consciência que é sempre coletiva, social, portanto ideológica também, indissociável

do dialogismo social, constituidor do próprio enunciado. Propor uma definição de gênero discursivo que se isole em si constitui romper com o princípio de sua própria formação que é de caráter dialético, de formação do todo pelas partes em relação de influência recíproca, inclusive com o próprio todo determinando as partes, como se pode bem definir na metáfora da árvore antes exposta.

A questão colocada para nortear os debates acerca dos gêneros discursivos é de como afinal se constitui o sentido de enunciados concretos. Certos enunciados singulares, os quais não se prestam a revelar no material linguístico quase nada de seu sentido constituem a manifestação mais clara de que o verbal e o extraverbal encontram-se amalgamados na unidade semântica do enunciado, e que esta unidade é o resultado único de dada enunciação.

O que procuramos demonstrar ao longo do trabalho é que os preceitos de tal relação de influência recíproca das partes e do todo já estavam presente nas abordagens filosóficas de Marx e Engels. Os autores não se dedicaram a estudar de forma isolada a linguagem, mas foram capazes de dar os nortes para se pensar a *práxis* humana e, nesta, o próprio pensamento e a linguagem. A concepção de práxis como determinante último da existência humana coloca a linguagem em lugar privilegiado na formação do ser, enquanto ser no mundo. Isso porque é por ela e nela que o ser se constitui e que a realidade se reflete e refrata.

Refratar é um conceito, merecedor de atenção, visto que se aproxima muito do que os marxistas chamaram de reflexo, dado que esta última conceituação diz respeito a uma realidade abstrata que transfere à consciência as relações sociais, mas que não podem ser nunca as próprias relações, dado que pertencem a esferas diferentes. Esse caráter de se transformar em uma realidade da própria consciência ocorre porque não há dado em si acabado e ele será sempre atravessado pelo recorte axiológico do sujeito. Assim é que a linguagem reflete e refrata, já que não é neutra.

Marx e Engels explicam a formação da consciência e demonstram que o que se julgue aparentemente externo é, na verdade, parte integrante do pensamento. Argumentam os autores pela inexistência do ser sem o outro, sem a externalização do eu ao outro. O que nos remete a teoria do não álubi dos autores do Círculo.

Bakhtin, por seus estudos, propõe a superação da dicotomia subjetivismo/ objetivismo, ao menos nas discussões acerca da linguagem, fundamentando o signo verbal tanto no mundo social como no psiquismo individual, em uma relação que se comprova dialética. A *enunciação constitui* expressão exterior do psiquismo individual, não só adquire significado em um contexto social, como é na verdade determinada por esse contexto representado teoricamente pela noção de cronotopo, sem perder a especificidade empírica de se realizar em



interação específica. Essa proposta insere o *dialogismo* como princípio fundador da linguagem. As enunciações são sempre *dialógicas*, pressupõem um ou vários interlocutores, presentes no contexto social imediato ou não. Isso porque, para Bakhtin, o social não se opõe ao individual, mas sim ao natural. Ou seja, o caráter humano da linguagem a torna necessariamente socialmente localizada, temporalmente determinada, em relação recíproca entre o individual e o social, coletivo da formação de consciência que se externaliza na linguagem.

Reforçamos que não pretendemos com a análise proposta neste estudo vincular arquiteticamente a obra do Círculo de Bakhtin a teorias marxistas ou quais sejam. Procuramos analisar do nosso lugar único de que forma se pode pensar a linguagem como resultado de relações dialéticas e da improbidade de definições que se façam sem a unidade dialética. Esperamos apenas ter demonstrado que os conceitos pensados pelo Círculo de Bakhtin para definir a linguagem trazem imbricados a necessidade de serem vistos e vivenciados de forma dialética.

Nesse sentido, argumentamos que não nos parece teoricamente produtora as interpretações e aplicações analíticas dos conceitos de Bakhtin sem admitir que trazem pressupostos já delimitados por autores, ou ao menos que podem ter sido pensados de igual forma. O que, tendo em vista que são textos que podem ser considerados contemporâneos, não deixa de ser uma comprovação de que o cronotopo organiza muito do pensamento e da linguagem. Ao final desta reflexão incipiente acerca da temática proposta, queremos reivindicar o lugar de cada elaboração para a elucidação da linguagem como realidade sócio-humana. Ousamos a repetir as questões que outrora nos motivaram a presente pesquisa, como quem não encontra respostas. O que determina que se identifique, explicitamente, em diversos trabalhos a presença Kantiana nos escritos de Bakhtin; se chegue a reivindicar a presença hegeliana e se negue, por vezes, a admitir a ligação com o marxismo? Em alguns casos, buscam-se na autoria dos escritos justificativas para determinar obras mais ou menos marxistas, elegendo, como marxista, Voloshinov. O marxismo como signo implica uma posição que não queremos reivindicar para Bakhtin. Apenas julgamos que seja justo verificar o que, nos textos do Círculo, de fato coincide com a elaboração marxista acerca da dialética.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.
- BAKHTIN, M. (1920-30/1979) *O autor e o herói*. In: Estética da Criação Verbal. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1934/35) *O discurso no romance*. In: Questões de literatura e de Estética – a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1993.
- BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929) *Marxismo e filosofia a linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1929) *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1952-53/1979) *Os gêneros do discurso*. In: Estética da Criação verbal. Trad. de Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1959-61/1979) *O problema do texto nas áreas da linguística, da filologia, das ciências humanas, tentativa de uma análise filosófica*. In: Estética da Criação verbal. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1974/1979) *Epistemologia das ciências humanas* In: Estética da Criação Verbal. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1934/35) *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1920/2003) *Para uma filosofia do ato*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CURY, C.R.J. *Educação e Contradição*. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- EMERSON, Caryl. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. *Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura*. In: \_\_\_\_\_ et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

LUDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. *Manuscrítos econômico-filosóficos*. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX/ENGELS. *A ideologia alemã*. Trad. de Rubens Enderli et al. São Paulo: Boi tempo Fontes, 2012.

MORSON, Gary Saul. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. De Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

QUARTIERO, E. M.; BIANCHETTI, L. Universidade e Educação Corporativa sobre Formação de Trabalhadores e Políticas Igualitárias. In.: SILVA JR, J. dos R. (Org.). *O Pragmatismo como Fundamento das Reformas Educacionais no Brasil*. Campinas: Alínea, 2007. p. 47-77.

SOUZA, Geraldo Tadeu de. Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin-Volochinov-Medvedev. São Paulo: Contexto, 1999.

VOLOSHINOV/BAKHTIN. (1926) *Discurso na vida e discurso na arte*. Sobre a poética sociológica. PDF.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS CONSULTADAS

PRADO JR. Caio. *Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista*. Divisão de Acervo Histórico. Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/caio.pdf>. Dowload em 10-05-2010.

DE MELO NETO, José Francisco. *Dialética: uma visão marxista*. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao\\_academica/livros/pa\\_1\\_dialetica\\_uma\\_introducao.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/livros/pa_1_dialetica_uma_introducao.pdf). Acesso em: 03 jun. 2011.

Konrad, Utz. *O método dialético em Hegel*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/1797/1327>. Acesso em: 13 jun. 2012.

KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. de J. Rodrigues de Meringe. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão. Acrópolis (Filosofia). Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: PCUS, 1960. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/consciencia/index.htm>.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de filosofia*. Trad. de Guillermo da Cruz. Ed. Mestre Jou. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/74668720/Fundamentos-de-Filosofia-Manuel-Garcia-Morente>.